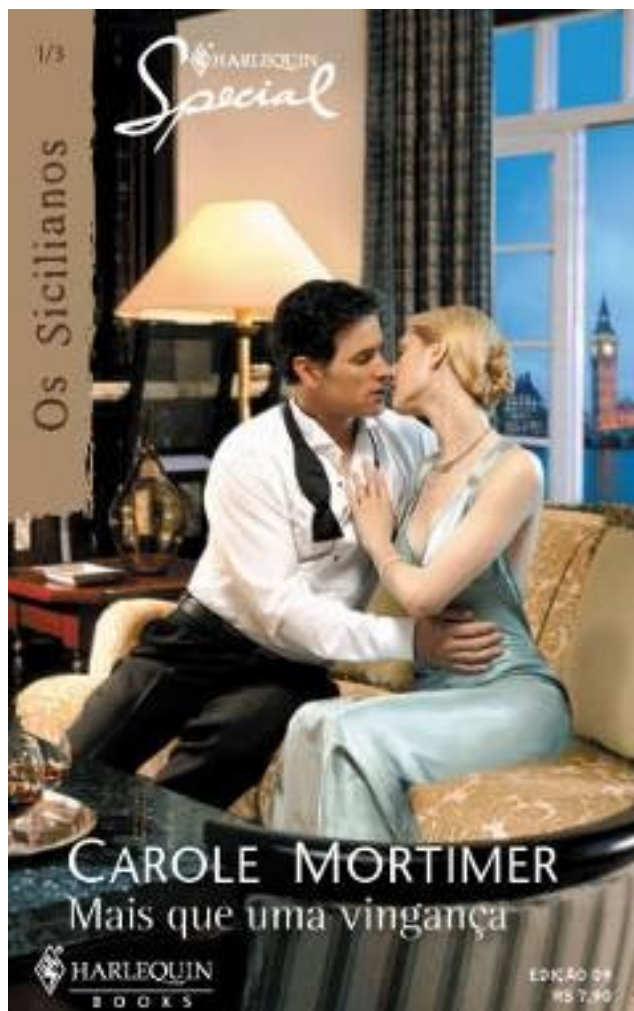


Mais Que Uma Vingança

(The Sicilian's Ruthless Marriage Revenge)

Carole Mortimer



Os Sicilianos 01

Para o bilionário siciliano Cesare Gambrelli, a morte de sua irmã foi culpa do irresponsável Simon Ingram. A rivalidade entre suas famílias só poderia ser resolvida olho por olho e dente por dente!

E não seria Simon, mas sua irmã, Robin, a pagar o preço. O plano de Cesare exigia um casamento e um herdeiro. E ele aproveitaria cada segundo de sua vingança...

Digitalização: Simone R.

Revisão: Crysty

Querida

Robin Ingram



Projeto Revisoras

leitora,

não esperava que, após a morte de seu irmão, suas ações ainda pesassem sobre sua família. E, dessa vez, as



consequências viriam personificadas em Cesare Gambrelli. O poderoso italiano deseja se vingar dos Ingram, e Robin lhe parece o instrumento perfeito... especialmente após descobrir o quanto ela pode ser fascinante. Robin, contudo, guarda um segredo que pode arruinar seus planos...

Equipe Editorial Harlequin Books

PUBLICADO SOB ACORDO COM HARLEQUIN ENTERPRISES II B.V./
S.à.r.l.

Todos os direitos reservados. Proibidos a reprodução, o armazenamento
ou a transmissão, no todo ou em parte.

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas
vivas ou mortas é mera coincidência.

Título original: THE SICILIAN'S RUTHLESS MARRIAGE REVENGE

Copyright © 2009 by Carole Mortimer

Originalmente publicado em 2008 por Mills & Boon Modern Romance

Arte-final de capa: Núcleo i Designers Associados

Editoração Eletrônica:

ABRELPS SYSTEM

Tel.: (55 XX 21) 2220-3654 / 2524-8037

Impressão:

RR DONNELLEY

Tel.: (55 XX 11) 2148-3500

www.rrdonnelley.com.br

Distribuição exclusiva para bancas de jornais e revistas de todo o Brasil:

Fernando Chinaglia Distribuidora S/A

Rua Teodoro da Silva, 907

Grajaú, Rio de Janeiro, RJ — 20563-900

Para solicitar edições antigas, entre em contato com o

DISK BANCAS: (55 XX 11) 2195-3186 / 2195-3185 / 2195-3182

Editora HR Ltda.

Rua Argentina, 171,4º andar

São Cristóvão, Rio de Janeiro, RJ — 20921-380

Correspondência para:

Caixa Postal 8516

Rio de Janeiro, RJ — 20220-971

Aos cuidados de Virgínia Rivera

virginia.rivera@harlequinbooks.com.br

PRÓLOGO

Acabado.

Estava tudo acabado.

O dinheiro fora gasto há muito tempo. No último ano, também perdera o apartamento de Londres, a vila na França e a Ferrari vermelha. Tudo perdido no simples giro de uma roleta.

Era uma doença. Sabia que era. Mas por mais que tentasse, não conseguia se curar.

Na noite anterior perdera a coisa que sempre jurara nunca apostar e deixara a família em uma situação delicada.

Oh, Deus...!

Suas mãos se crisparam no volante do veículo que ele guiava, um carro alugado. Não tinha mais dinheiro para comprar um,

Dirigia quase que por instinto, enquanto manobrava as curvas da estrada sinuosa que o levava para longe de Monte Carlo. O cintilante azul cerúleo do mar Mediterrâneo logo abaixo era um convite. Era uma viagem que, apesar dos seus esforços para lutar contra o desejo, voltaria a fazer naquela noite, quando a febre do vício se tornasse insuportável, fazendo-o voltar mais uma vez à fascinação das mesas de jogo.

Como poderia enfrentar o pai e Robin e lhes contar o que fizera? Como explicar sua traição?

Não podia.

Afinal, depois de toda a dor de cabeça que já lhes causara, de fato não podia!

E aquele mar azul embaixo parecia tão tentador...

Talvez fosse melhor não virar o volante na próxima curva. Talvez aquela fosse a resposta para sua doença, como uma febre em seu sangue, atraindo-o repetidas vezes para os braços da Dama da Sorte.

Uma dama que o abandonara completamente...

Acabado.

Estava tudo acabado.

Todas as suas esperanças e sonhos não significavam nada agora que sabia que Pierre nunca a amara. Por certo, ele jamais tivera a intenção de deixar a esposa para ficar com ela.

Acreditara, um ano atrás, quando ele dissera que a amava, não se importando com o fato de ele ser um homem casado; só queria estar a seu lado, amá-lo e ser amada por ele.

Estava certa de que o filho dos dois, que nascera três meses atrás, seria o estímulo necessário para que ele deixasse a mulher. Mas em vez disso, o covarde preferira confessar tudo à esposa, implorar-lhe perdão e ficar a seu lado!

Marco, seu pobre filhinho.

Ela era motivo de vergonha. Desgraçara a vida da família, trazendo aquela criança ao mundo. E tudo isso por nada.

Pierre não a amava. Na noite anterior, deitada em seus braços, após terem feito amor, implora-lhe que ficasse com ela e a criança, mas ele preferira lhe contar a verdade, que jamais a amara, que ela fora apenas um passatempo, outra conquista em sua longa lista de casos extraconjugais.

Lágrimas rolavam-lhe pela face, enquanto dirigia ao longo da estrada sinuosa que a levava de volta a Monte Carlo e ao hotel que sua família possuía lá. Para seu filho. Seu lindo filhinho sem pai.

O menino ficaria melhor sem ela!

Seu coração estava partido e jamais se repararia.

Se partisse desse mundo, o irmão, Cesare, cuidaria de Marco, o protegeria do estigma relacionado ao seu nascimento, o amaria como se fosse seu, salvaguardando-o, de forma que nada e ninguém pudessem feri-lo.

Mas seria capaz de tal ato? De pôr fim à dor da rejeição que Pierre lhe causara?

As mentiras daquele homem a levaram àquele estado de desespero.

Sua traição absoluta a um amor que ela julgara tão belo e perfeito...

Sim, assentiu, enquanto olhava para o Mediterrâneo cintilando e acenando tão tentadoramente, como um diamante, embaixo dela. Sim, seria capaz. Poderia guiar o carro até a extremidade do precipício e terminar de uma vez por todas com aquela dor...

Ele não fazia a mínima idéia de que havia um carro se aproximando na direção contrária. Só houve tempo para perceber que nenhum dos dois tentara virar a curva na estrada. Os dois veículos colidiram, chocando-se com um enorme ruído metálico.

Zonzo, ele se virou e olhou para a motorista do outro carro, notando a beleza da face da jovem mulher. Ela o fitou de volta com os olhos escuros assombrados.

Então os dois veículos começaram a cair, mergulhando no precipício, em direção à profundidade fascinante do mar Mediterrâneo...

CAPÍTULO UM

— A mulher que está com Charles Ingram, sabe quem é? — exigiu Cesare num tom firme.

— Como? — Peter Sheldon, seu conhecido, carranqueou confuso.

A boca de Cesare se contraiu enquanto ele retornava a resposta, impaciente. Afinal, apesar de se encontrarem em um jantar de caridade, os dois homens estavam em meio a uma conversa de negócios, quando algo chamou a atenção de Cesare. Fora atraído pela figura da deslumbrante mulher que acompanhara Charles Ingram, seu maior inimigo! Cesare esboçou um sorriso que exibiu a brancura plena de seus dentes de encontro à pele morena, mas que não lhe alcançou a escuridão dos olhos.

— Desejo saber apenas quem é a bela acompanhante de Charles Ingram — disse mais calmo, o tom deliberadamente neutro, embora o olhar profundo permanecesse fixo no casal.

Charles Ingram era um homem na casa dos cinquenta, tinha cabelos grisalhos e ainda aparentava ser bastante atraente. Era incrível como em um salão repleto de belas mulheres, ostentando jóias resplandcentes, trajando modelos de estilistas famosos e homens elegantemente vestidos, a beleza alta e graciosa ao lado de Charles Ingram ainda conseguia se sobressair.

Os brilhantes cabelos cor de mel caíam em ondas ao longo das costas delicadas e os olhos, mesmo àquela distância, aparentavam ser de um profundo tom violeta.

A mulher parecia rir de algo que Charles Ingram dissera. A pele era uma magnólia cremosa, a boca carnuda uma tentação, o pescoço esguio e liso e a elevação dos seios era visível acima do vestido branco simples que ela usava, que não lhe ocultava a perfeição das curvas atraentes.

Uma das mãos esbeltas, que sem dúvida poderiam provocar carícias enlouquecedoras, descansava possessiva no braço do seu acompanhante e Cesare se viu rangendo os dentes por causa do ar de intimidade, de exclusividade que cercava o casal, apesar da grande diferença de idade entre os dois.

— Bonita, não é? — Peter Sheldon murmurou num tom apreciativo. — Bonita, mas não está disponível — acrescentou pesaroso.

— Ingram tem direitos exclusivos, você quer dizer? — questionou Cesare, tensionando a mandíbula só de pensar em toda aquela beleza sensual sendo desperdiçada com Charles Ingram.

— Nem todos — disse Peter bem-humorado. — A senhora em questão é Robin Ingram, a filha de Charles — explicou, quando Cesare o fitou inexpressivamente durante vários segundos.

Robin Ingram.

A filha de Charles Ingram?

Não a amante que ele imaginara. Não a amante que, após fitá-lo com interesse, Cesare ficaria feliz em seduzir e tomar de seu velho acompanhante.

Nos últimos três meses dedicara-se a coletar todas as informações possíveis sobre Charles Ingram, desejando saber tudo a respeito do seu arqui-inimigo, incluindo até o tamanho da sua camisa.

O segundo filho fora incluído naquela investigação, é claro. Mas Cesare presumira, erroneamente, agora podia ver, que Robin era o filho caçula de Charles Ingram e, como tal, era de pouco e real interesse.

— Pensei que Robin fosse um nome masculino — comentou. Seu inglês era perfeito, bem como o italiano, seu idioma nativo, o francês, alemão e espanhol.

— Pode ser — reconheceu o outro homem. — Mas também é um desses nomes que podem ser usados pelos dois sexos.

Então o segundo filho de Charles Ingram, Robin, era uma mulher... Uma linda e atraente mulher.

O que talvez mudasse a direção dos planos de vingança de Cesare Gambrelli contra a família de Ingram.

— Papai, conhece aquele homem? Não, não olhe agora — pediu Robin quando o pai fez menção de se virar na direção do olhar fascinado da filha. — Tem um homem do outro lado do salão, olhos escuros, aparência estrangeira...

— Um moreno bonitão? — provocou o pai.

— Bem... sim — respondeu ela sem jeito. — Mas não foi por essa razão que o notei.

— Não? — o pai sorriu indulgente.

— Não — insistiu ela. — É que ele não para de me encarar há mais de dez minutos.

— Eu faria o mesmo, se você não fosse minha filha! — Charles sorriu. — Está excepcionalmente bela esta noite, Robin. Fico feliz por ter me persuadido a vir. Você estava certa. Não podemos continuar nos escondendo apenas porque as pessoas podem falar sobre Simon.

Robin desviou o olhar do homem que a fitava tão atentamente, através do aglomerado ruidoso de pessoas e olhou para o pai, logo reconhecendo as linhas de aflição que ainda franziam suas sobrancelhas, o entorno do nariz e a boca.

Os últimos três meses não foram fáceis para eles. A inesperada morte de Simon em um acidente de carro despedaçara suas vidas.

Fora uma perda que nenhum dos dois aceitara e, talvez, jamais aceitassem. Mas ela conseguira persuadir o pai a acompanhá-la àquele jantar de caridade. Sentira que estava na hora de retomarem o rumo de suas vidas, porque com certeza era esse o desejo do irmão.

— Mas vamos esquecer isso por ora e voltar ao seu estranho de olhos escuros — disse o pai deliberadamente, com uma nota jovial em seu tom. — Quem é ele? — perguntou, virando-se para perscrutar o salão repleto de socialites que haviam pago cinco mil libras por cabeça para assistir ao evento.

— É fácil reconhecê-lo — respondeu Robin, notando que mais uma vez era o foco daqueles olhos escuros que pareciam quase pretos. — Alto. Muito alto — emendou ao perceber que o moreno era vários centímetros mais alto que a maioria dos outros homens no salão. — Deve ter uns trinta anos mais ou menos. Cabelos longos e escuros — elaborou ela, afetada pelo brilho daquele olhar. Apesar disso, um calafrio de consciência lhe perpassou a espinha. — E está ao lado de Peter Sheldon... — Ela se virou para o pai ansiosa ao sentir o braço de Charles enrijecer sob os seus dedos.

— Quero que fique bem longe desse homem, Robin! — aconselhou o pai abruptamente, movendo-se de forma a ficar em frente à filha, numa atitude quase protetora.

— Mas quem é ele — perguntou ela, encarando o pai, surpresa pela expressão severa que tomou conta do seu semblante.

— O nome dele é Cesare Gambrelli — informou Charles num tom tenso.

Gambrelli...? Por que aquele nome lhe soava tão familiar? Apenas o nome, é claro. Se tivesse visto alguma vez ou encontrado aquele homem antes, sabia que, definitivamente, teria se lembrado dele.

— É italiano — Charles continuou explicando. — Um multimilionário. Entre outras coisas, dono da rede de hotéis Gambrelli.

Devia ser por isso que aquele nome lhe soava tão familiar, pensou Robin. Já havia se hospedado em vários hotéis daquela rede.

Mas quem não conhecia os estabelecimentos luxuosos e exclusivos existentes na maioria das cidades importantes do mundo? Ou do consórcio de mídia Gambrelli, os dos estúdios de música e cinema e a linha aérea Gambrelli?

E aquele homem, Cesare Gambrelli, o homem que a encarava tão insistentemente, era o dono de tudo aquilo. Embora isso não explicasse a aversão óbvia que seu pai expressava pelo italiano.

— Não entendo — disse confusa. — O que... Não olhe agora, papai — ela exclamou em voz baixa. — Acho que ele está vindo para cá.

Do alto dos dez centímetros de salto das suas sandálias brancas de tirinhas, Robin podia ver com facilidade sobre o ombro do pai que Cesare Gambrelli cruzava o salão na direção deles.

— Charles — Cesare cumprimentou o homem mais velho sem demonstrar muito entusiasmo. Posicionando-se entre pai e filha, não fez nenhum esforço para oferecer a mão ao homem, antes de se virar e olhar para Robin Ingram, estreitando o olhar.

— E creio que esta é sua linda filha? — perguntou num tom suave.

— Sim. Esta é Robin. — Charles Ingram estava obviamente desconcertado pela aproximação súbita de Cesare. — Estou surpreso de encontrá-lo em um evento como este, Gambrelli.

Cesare deslizou o olhar lentamente pelas feições perfeitas de Robin Ingram, a abundância da boca sensual e sedutora e aqueles olhos violeta fascinantes. A curva dos

seios fartos era tentadora, como ele imaginara! Então, voltou a se concentrar em Charles.

— Não me considera um homem caridoso, Charles? — desafiou.

Robin já havia percebido o que o pai achava daquele homem e àquela impressão aumentou após dois minutos em sua companhia: ele era perigoso!

Um predador alto, moreno e fatal!

E o homem mais bonito que já vira.

Os olhos eram quase pretos, o nariz aquilino, os lábios esculpidos, rijos e resolutos, a mandíbula quadrada e determinada e os cabelos, tão escuros quanto ébano, escovados para trás caíam sedosos sobre o branco do colarinho da sua camisa de noite. Os ombros eram largos e musculosos, o corpo flexível e poderoso. Mas parecia também, sem dúvida, o homem mais perigoso que ela já vira!

O modo como a olhava, como aqueles olhos escuros dissecaram todas as linhas da sua face, antes de se demorarem sugestivamente em seus seios, que se insinuavam sob o tecido do vestido branco tomara-que-caia que ela usava, só a fez ficar ainda mais atenta àquele homem.

Na realidade, ainda podia sentir o rubor queimando-lhe as faces e a respiração irregular. Não causado por embaraço ou constrangimento por estar em sua companhia, mas pela forte atração sexual que lhe enrijeceu os mamilos e encorajou um calor úmido entre as suas coxas!

— Não se trata disso — o pai respondia a Cesare naquele momento. — Mas este é um jantar em prol de uma caridade britânica e caridade se começa em casa, não é?

A boca perfeitamente esculpida se contraiu.

— É o que dizem — Cesare Gambrelli reconheceu num tom suave. — Mas não está sendo justo no que se refere à minha nacionalidade, Charles — acrescentou. — Sou siciliano, não apenas italiano.

Robin percebeu que o pai engoliu em seco, quando Cesare Gambrelli proferiu aquela informação e ao mesmo tempo ficou mais tenso, pela nota de desafio que pôde ser ouvida claramente, na voz gentil do outro homem.

O que estava acontecendo ali? Porque era óbvio que havia algo mais diferente do que uma simples conversa entre duas pessoas.

Havia um atrito, um duplo sentido naquelas palavras, o que insinuava que não estavam falando sobre o jantar de caridade, mas de algo muito mais profundo.

— Perdoe-me o equívoco — murmurou Charles em resposta.

Um grave equívoco, no que se referia a Cesare. Os homens sicilianos não eram conhecidos pelo perdão. Gambrelli não perdoara a família Ingram por ter causado a morte da sua irmã. Por ter levado embora a mãe de Marco.

— Está se divertindo, senhorita Ingram? — Cesare voltou a atenção deliberadamente para Robin, percebendo que os mamilos dela intumesceram de encontro ao tecido sedoso do vestido, subindo e descendo num movimento ritmado, à medida que ela respirava. Embora continuasse atenta à tensão entre os dois homens, também se sentia

sexualmente atraída por ele.

Isso era bom, pensou Cesare satisfeito. Ainda não repensara seus planos, mas já sabia que não se concentravam mais em Charles Ingram. A bela Robin Ingram oferecia um modo muito mais agradável de vingança.

— Sim, obrigada — respondeu, ela num tom áspero e abaixou os cílios escuros e longos sobre os olhos violeta.

Modesta. Tímida. Quase recatada. Mas Cesare sabia que Robin Ingram não era nenhuma dessas coisas.

Nos últimos dez minutos, Peter Sheldon lhe fornecera muitas informações sobre Robin. Tinha 27 anos, dez anos mais jovem que Cesare, fora casada durante três anos com o filho de um cavaleiro, mas não houve filhos dessa união. Voltara a usar o nome Ingram após o divórcio um ano atrás e não parecia inclinada a repetir a experiência. Por isso Peter dissera que ela era bonita, mas não estava disponível.

Um grande desafio para qualquer homem com sangue correndo nas veias, mas um desafio dobrado para um com planos de vingança como Cesare.

— Meu amigo, Peter Sheldon, me disse que estava envolvida na organização do evento desta noite, senhorita Ingram. Está de parabéns.

— Obrigada. Mas como ainda não jantamos, suas congratulações podem ser um pouco prematuras — acrescentou ela sorrindo.

Cesare a estudou por alguns instantes. Ficara irritado ao saber sobre seu casamento e divórcio, embora aceitasse que, aos 27 anos, dificilmente ela ainda seria uma virgem. Não obstante, interessou-se em saber quem se divorciara de quem e por que motivo...

— Infelizmente não poderei ficar para o jantar — disse ele num tom educado, satisfeito ao ver a expressão de surpresa no rosto feminino. — Tenho compromissos pessoais... que exigem a minha presença em outro lugar.

— É mesmo?

Cesare conteve um sorriso ao ouvir o tom de desgosto na voz de Robin, que obviamente supôs, de maneira errada, quais seriam tais compromissos pessoais.

— Sim — confirmou zombeteiro. — Mas creio que o resto da noite será um sucesso.

— Assim espero — respondeu aborrecida consigo mesma pelo modo como sua imaginação voou à menção dos compromissos pessoais de Cesare Gambrelli, que exigiam sua presença em outro lugar.

Embora não fosse muito difícil imaginar o que poderiam ser.

E, absolutamente, não era da sua conta se aquele homem fosse passar a noite com uma mulher!

Robin não se envolvera com ninguém desde que se divorciara um ano atrás. Sozinha, sentia-se sexualmente atraída apenas de olhar para um homem! Ainda estava atenta àquele formigamento em seus seios, à umidade leve entre as coxas e à forte atração sexual que a deixava atenta a qualquer coisa que dissesse respeito a Cesare Gambrelli.

Um homem que o pai a advertira para ficar longe...

— Acho que está na hora de irmos para o banquete — disse ela, notando com alívio que os trezentos ou mais convidados começavam a se organizar no salão em torno das mesas. — Foi um prazer conhecê-lo, Sr. Gambrelli — acrescentou, grata o bastante por não ter sido mais sincera.

Aquele homem mexia com seus nervos. Suas belas feições morenas a enervavam. O modo como a encarava tão atentamente com aqueles olhos escuros brilhantes a enervavam. A cautela óbvia do pai em relação a Sr. Gambrelli, a despeito do seu próprio sucesso como um rico homem de negócios, a enervava ainda mais!

— Foi? — Cesare revidou num tom seco e sua boca firme curvou-se zombeteira, enquanto ele continuava a fitá-la com insistência. — Nesse caso, devo providenciar para que nos encontremos outra vez e o mais breve possível — enfatizou.

Ela engoliu em seco, a garganta se movia convulsivamente e um nervo pulsou na base do seu pescoço. Um movimento observado de perto por Cesare Gambrelli, antes de erguer as pálpebras mais uma vez e prender o olhar desconcertado de Robin.

— Muito em breve — acrescentou ele num tom suave, antes de acenar com a cabeça para Charles e se afastar com suas pernas longas e poderosas.

— Quero que fique longe desse homem, Robin — o pai repetiu enfático, com a tez pálida.

— Mas por quê?

— Apenas confie em mim e fique longe dele. O homem é perigoso. Você não imagina o quanto!

Com os pensamentos sobre Cesare Gambrelli ecoando em sua cabeça e depois do que aquele homem a fez sentir, Robin tinha toda intenção de se manter afastada!

Embora tivesse um pressentimento, após aquele último comentário, ou promessa, de que o siciliano tinha intenção de fazer exatamente o contrário.

CAPÍTULO DOIS

— Foi muito amável da sua parte receber-me, senhorita Ingram — murmurou Cesare Gambrelli. Robin ergueu-se graciosamente do sofá, enquanto ele era conduzido ao interior da casa de Londres do pai dela.

Tivera outra escolha?

É claro que não!

O homem batera à sua porta, pedindo para ver Charles. Fora informado de que ele não estava, mas que Robin se encontrava em casa. Então, Cesare Gambrelli pedira para falar com ela.

Apesar das advertências do pai, que continuava reticente em lhe revelar os motivos, lhe pareceu rude, para não dizer grosseiro de sua parte, recusar-se a receber o empresário, quando já o haviam informado de que ela estava em casa.

Logo, não fora exatamente uma escolha da sua parte, certo?

Cesare Gambrelli aparentava da mesma maneira, alto e arrogante, como quando se conheceram seis dias atrás, embora agora trajasse um terno escuro e uma camisa azul clara, com uma gravata azul marinho em vez da roupa formal que usava naquela noite.

Depois do comentário final que ele fizera no jantar de caridade, a promessa contida em sua voz, Robin teve certeza de que o veria novamente. Só não sabia quando ou onde. Por certo, não imaginara que ele viesse à casa do pai dela, para qual ela se mudara após seu divórcio.

— Por favor, não quer se sentar, Sr. Gambrelli? — perguntou, indicando uma das suntuosas poltronas que faziam parte do conjunto estofado no qual ela estava sentada, lendo um livro, antes da chegada do siciliano.

— Obrigado — Cesare aceitou.

Robin fizera a sugestão, talvez como um modo de diminuir o formigamento que aquela presença poderosa lhe causava. Aquele homem parecia ter o poder de encolher a espaçosa sala.

Mas mesmo quando ele se sentou, Robin percebeu que não adiantou. Ainda continuava sofrendo os efeitos que a sua forte masculinidade lhe causava. Podia sentir o rubor queimar-lhe a face e os mamilos enrijecerem sob a seda da blusa cor creme que usava, combinando com uma calça comprida preta.

Talvez fosse o modo como aqueles olhos castanho-escuros, emoldurados por cílios espessos, a fitavam, como se lhe arrancassem cada peça do corpo para revelar-lhe as curvas acetinadas.

Fosse qual fosse a razão, estava tão excitada quanto ficara uma semana atrás. Quase podia sentir aquelas mãos longas acariciando-a, o contato dos lábios carnudos em sua pele, enquanto ele a provava...

Robin se sentou na extremidade do sofá, apertando ligeiramente as mãos trêmulas, ao mesmo tempo em que o fitou com uma expressão inquiridora.

— O que posso fazer pelo senhor?

Muitas coisas, pensou Cesare, com um sorriso cínico, curvando-lhe os lábios.

Aquela mulher, cuja beleza não era menos notável agora, com os cabelos cor de mel soltos sobre os ombros, tinha o tipo de corpo que poderia deixar qualquer homem completamente louco.

Não ele, é claro. Qualquer relacionamento que por ventura viessem a ter seria da sua escolha, ao seu modo e sob o seu controle.

Um nervo pulsou na mandíbula quadrada e a boca sensual se contraiu, antes que ele respondesse.

— Talvez pudéssemos começar com você me chamando apenas de Cesare — sugeriu num tom suave, percebendo o rubor se aprofundar na face feminina.

Não o rubor de uma donzela, é claro. Aos 27 anos, tendo sido casada e divorciada, podia ser tudo menos isso! Era a cor ardente de excitação sexual. Os olhos haviam se tornado quase roxos com a profundidade da sua resposta.

Os seios fartos de Robin se delineavam de encontro ao tecido sedoso da blusa. Sob o esboço do sutiã, os mamilos escuros intumescidos, claramente visíveis, despontavam convidativos.

Embora, parecesse quase afetada e respeitável, sentada em uma das extremidades do sofá com as mãos unidas modestamente e os joelhos contraídos, enquanto ele deslizava o olhar lentamente por aqueles seios túrgidos e cintura esbelta, Cesare tinha certeza que ela não estava sentada assim por falta de modéstia. Devia estar úmida entre as coxas, enquanto seu corpo se preparava repleto do desejo que ela não podia esconder.

Robin Ingram, a indisponível Robin Ingram, o desejava com uma ferocidade que não conseguia disfarçar!

O que tornaria os próximos minutos muito mais simples para ambos.

Aquilo era horrível, decidiu Robin, remexendo-se desconfortável no sofá, atenta ao calor que sentia só de olhar para aquele homem.

Maldição, se ele tirasse a roupa na sua frente, revelando aquele corpo musculoso em toda sua glória, provavelmente ela teria um orgasmo!

— Muito bem... Cesare — concordou ela, forçando-se a encará-lo. — Suponho que tenha vindo ver meu pai?

— Não. Minha intenção era vê-la. Robin piscou, carranqueando ligeiramente.

— Mas pensei que tivesse pedido para ver meu pai.

Cesare inclinou a cabeça de modo conciso.

— Pedi, sabendo que ele não estava. Robin encarou-o, confusa.

Se Cesare sabia que o pai dela não estava em casa, então por que se preocupou em perguntar?

— Não entendo. — Ela sacudiu a cabeça.

— Não. Mas posso lhe assegurar que em breve vai entender. — A ameaça no tom de voz agora era bem clara, causando um calafrio de apreensão na espinha de Robin.

Ela se ergueu abruptamente, agora as faces ardendo de raiva.

— Não sei que tipo de jogo é este, Sr. Gambrelli, mas posso lhe assegurar...

— Não se trata de um jogo — cortou ele, os olhos escuros brilhando enquanto a fitava, a expressão desdenhosa, a mandíbula contraída. — Sente-se — ordenou num tom frio.

— Como ousa...

— Eu disse sente-se, Robin — repetiu ele.

— Devo lembrá-lo que é um convidado em minha casa, Sr. Gambrelli. Um convidado não desejado. E que não recebo ordens de qualquer um! — acrescentou furiosa.

— Você vai se sentar — disse Cesare calmamente mais uma vez. — Nós dois conversaremos. Ou melhor, eu falarei e você escutará — emendou. — E quando seu pai voltar para casa hoje à noite, vai informá-lo de que se tornará minha esposa.

— Sua... sua... — Robin gaguejou estupefata. — É lógico que não vou! — vociferou incrédula. — Está fazendo uso de medicamentos, Sr. Gambrelli? Gostaria que eu chamasse um médico?

— Não estou tomando nada, Robin — assegurou ele com uma calma fria. — Nem sou insano — acrescentou, ao perceber o modo cauteloso como ela o fitava.

Não havia mais vestígios da estimulação sexual naquele corpo enrijecido, percebeu divertido.

Não importava. Haveria bastante tempo para isso quando ela fosse sua esposa. Tencionava passar o resto da vida explorando as delícias daquele corpo de mulher.

Fizera uma investigação completa sobre Robin Ingram, ex-senhora Robin Bennett, durante os últimos seis dias e agora sabia até mesmo o tamanho do seu sutiã, entre outras coisas que ela provavelmente não gostaria que, ele ou qualquer outra pessoa, soubessem.

Sua boca se contraiu ao pensar sobre o fracasso do primeiro casamento de Robin, o verdadeiro motivo que levava o marido dela a pedir o divórcio. E isso não tinha nada a ver com a incompatibilidade de gênios citada na petição.

Muitas coisas mudariam na vida de Robin, quando se tornasse sua esposa. Assumiria o papel de mãe de Marco, é claro. Mas também pretendia ter mais filhos e filhas com ela. Pretendia que a bela, a perfeita e evasiva senhora Ingram se tornasse a senhora Gambrelli e passasse os próximos anos descalça e grávida!

Uma vingança satisfatória, acreditava Cesare, para a mulher cujo irmão tirara a vida de Carla, sua irmã, privando Marco da mãe.

Embora duvidasse muito que Robin encarasse aquilo do mesmo modo que ele.

Não importava as suas objeções. Dispunha de outros estímulos para fazê-la curvar-se à sua vontade, se necessário.

E, pelo olhar revoltado na face primorosa, parecia ser esse o caso.

Novamente, não importava. Não admitiria ser contrariado. Robin Ingram se tornaria sua esposa e mãe de Marco, quisesse ou não.

— Sente-se, antes que caia! — ordenou ele.

Sua apreensão, seu medo daquele homem seriam assim tão óbvios?, desejou saber Robin estremecendo por dentro.

Bem, claro que era! Que mulher não ficaria nervosa na presença de um homem que ela mal conhecia, que entrara em sua casa e de modo arrogante lhe informara que ela seria

sua esposa?

— Prefiro ficar de pé, obrigada — informou com dignidade. — E, para ser sincera, gostaria que o senhor partisse agora. Está sofrendo obviamente de algum distúrbio mental, achando que vou me casar...

— Posso lhe assegurar que não estou sofrendo de qualquer distúrbio no que se refere a você, Robin — rebateu Cesare com um riso desprovido de humor. — Você é a estragada e mimada filha de um homem excessivamente tolerante que não tem controle sobre os filhos.

— Por favor, retire-se! — disparou ela num tom vigoroso.

— Você é a irmã do homem responsável por matar *minha* irmã caçula! — continuou Cesare Gambrelli furioso.

Robin encarou-o, os olhos violeta pareciam duas nódoas profundas em uma face repentinamente branca.

Gambrelli...

Bem que achara que aquele nome lhe soara familiar uma semana atrás. Mas quando o pai lhe explicara que ele era o multimilionário Cesare Gambrelli, imaginou ser esse o motivo.

Mas agora se lembrava.

Agora sabia!

O carro do seu irmão Simon colidira com outro veículo, quando ele morreu tragicamente em Mônaco três meses atrás. E o motorista do outro veículo também morreu, era uma jovem chamada Carla Gambrelli.

A irmã de Cesare Gambrelli?

Fora uma época muito traumática para todos. Mas tinha certeza de que, quando o pai se recuperara o suficiente, enviara uma carta de condolências à família de Carla Gambrelli. Para Cesare Gambrelli?

Ela sacudiu a cabeça.

— Como meu pai escreveu na ocasião, sentimos muito pela sua perda, Sr. Gambrelli, bem como a do meu irmão.

— Não quero suas condolências! — respondeu ríspido e ergueu-se, dominando o recinto mais uma vez com sua presença poderosa, enquanto a fitava com os olhos faiscando. — Condolências não podem trazer minha irmã de volta.

— Nem o meu irmão Simon — lembrou-o Robin com o queixo erguido em desafio.

O pai jamais mencionara se havia ou não recebido qualquer resposta a sua carta, embora pelo comportamento de Cesare Gambrelli no momento, não fosse difícil concluir que não!

Cesare bufou desdenhoso.

— Seu irmão era um vagabundo e um jogador. Um homem sem honra. Um sujeito que não fazia falta a ninguém. Considerando que...

— Como pode falar desse modo? — ofegou Robin incrédula.

— Porque é verdade — respondeu com toda sua arrogância siciliana. — Seu irmão havia perdido tudo para o jogo. Era uma desgraça para a família.

— Acredito que isso só diga respeito a mim e a meu pai — Robin interrompeu emocionada. — Olhe, percebo que está sentido com a morte da sua irmã, Sr. Gambrelli. E posso compreender, de fato posso. Mas sua irmã e Simon colidiram em uma estrada íngreme e sinuosa. Não se sabe quem foi o responsável. Não se pode dizer ao certo quem foi o culpado.

— Posso! — assegurou Cesare, mais uma vez sufocado pela raiva que sentira ao saber como a irmã havia morrido.

Durante muito tempo, foram apenas os dois, Cesare e Carla. A mãe deles morreria quando Carla nasceu e ele tinha apenas 11 anos na época. Cuidar do bebê passara a ser tarefa sua, já que o pai começou a beber, o que eventualmente causou sua morte, quando Cesare tinha 22 anos e Carla 11.

Amava a irmã, preocupava-se com ela, protegendo-a durante toda a sua vida e Simon Ingram a matou!

— Seu irmão passou a noite toda em um cassino antes de o acidente acontecer — continuou desgostoso. — Várias testemunhas confirmaram que ele estava extremamente transtornado pelas perdas, que era estourado e agressivo e que entrara em uma briga com um dos clientes antes de deixar o cassino. Carla saíra para jantar com amigos naquela noite e, segundo a conversa que tive com Pierre e Charisse Dupont, estava feliz, quando os deixou. Minha irmã era uma motorista cuidadosa, qual dos dois acha mais provável que tenha causado o acidente?

Robin Ingram parecia ainda mais bela. Os olhos de um tom violeta profundo se sobressaíam na palidez da sua face e a boca generosa tremia ligeiramente.

Ela sacudiu a cabeça. Os sedosos cabelos cor de mel roçando os ombros estreitos e os seios fartos.

— O relatório policial foi inconclusivo sobre a causa do acidente...

— Estou a par do que diz o relatório policial. Perguntei qual dos dois você acha que foi o responsável — cortou Cesare num tom ríspido, com os olhos escuros faiscando.

Robin desviou o rosto daquele olhar acusador, um pouco trêmula, sem saber o que responder.

Ambos, ela e o pai, sabiam do vício de Simon pelo jogo. De fato ele ficava agressivo e transtornado quando perdia. O que acontecia a maior parte do tempo.

Mas para aquele homem insinuar...

Não, ele não havia insinuado, declarara com todas as letras que tinha certeza que Simon fora responsável da morte da irmã dele.

Mas isso ainda não explicava como Cesare Gambrelli passara daquela acusação a exigir que ela se casasse com ele!

Robin endireitou os ombros, erguendo o queixo mais uma vez e se deparou com o

olhar escuro e zangado.

— O acidente foi uma tragédia para ambas as nossas famílias, Sr. Gambrelli. E creio que atribuir culpa a qualquer uma das partes sobre sua causa não irá ajudar em nada. Não devolverá a vida do meu irmão ou da sua irmã.

— Ou da mãe de Marco — acrescentou Cesare Gambrelli.

Robin hesitou. Aquela conversa se tornara surreal vários minutos atrás, mas agora ela perdera completamente o fio da meada!

— Marco? — repetiu aturdida.

A boca de Cesare se curvou num riso cínico.

— É outra coisa que preferiu não tomar conhecimento? Ou de fato não sabia? — Os olhos escuros se estreitaram ante a expressão penalizada no rosto feminino.

— Sabia o quê? — repetiu confusa.

— Que na época da sua morte, Carla era mãe de um menino, de um bebê de apenas três meses! — declarou Cesare.

Os joelhos de Robin bambearam ligeiramente, enquanto uma onda de náusea lhe atingia o estômago. Ela cambaleou para trás e sentou-se no sofá.

Carla Gambrelli era mãe quando morreu tão prematuramente?

Sua morte deixara um bebê de três meses órfão de mãe?

Robin engoliu em seco, tentando lutar contra o enjôo que a sufocava.

Perder Simon fora traumático, uma tragédia que nem ela nem o pai conseguiram superar. Mas a perda de Cesare Gambrelli fora mil vezes pior...

— Onde está o bebê, seu sobrinho, agora?

Cesare olhou para baixo, mas sem dar sinais de amolecer a expressão ante ao óbvio choque estampado na face de Robin depois de tudo que ele lhe contara.

— Marco está comigo, é claro.

— Mas eu... E o pai dele?

— Ele não tem pai.

Bem, claro que havia um pai. Tinha que haver um! Mesmo que, a julgar pela maneira como Cesare falara, se recusasse a reconhecer o filho talvez... O que, considerando que o irmão de Carla era o todo poderoso Gambrelli, seria muita valentia ou estupidez da parte dele!

— Não há mais ninguém, apenas eu — informou ele. — Marco é agora meu filho adotivo. Um filho que precisa de uma mãe — concluiu num tom sugestivo.

Robin fez uma carranca aflita. Aquele era o motivo? Marco era o motivo que fazia aquele homem exigir que ela se casasse com ele? De modo que ela pudesse substituir a mãe do menino, já que ele acreditava que o irmão dela, Simon, era o responsável pela morte de Carla.

Isso era ridículo.

Insano.

Cesare Gambrelli não podia pensar seriamente que ela...

Pensava, percebeu ela, quando olhou para cima e contemplou a face máscula inflexível.

Robin sacudiu a cabeça.

— Sinto muito. Eu não fazia a mínima idéia. Mas isso não muda o fato da sua proposta de casamento ser uma idéia absurda.

— Não foi uma proposta, Robin, mas uma declaração de intenção — disse Cesare, totalmente impassível. — Vai se tornar minha esposa assim que os preparativos ficarem prontos.

— Não pode me forçar a casar, Sr. Gambrelli — rebateu num tom de desafio.

— Pensei que tivéssemos concordado que você me chamaria apenas de Cesare — lembrou ele.

— Você decidiu isso — corrigiu Robin. — E nenhuma intimidação tirânica da sua parte vai me fazer casar com você! — acrescentou determinada.

Cesare permaneceu inatingível com aquela declaração, vendo a face dela enrubescer de raiva enquanto o fitava.

— Não vai? — a voz soou aveludada e suave. — Oh, mas creio que vai, Robin — assegurou convicto.

Ela o encarou insegura, seu olhar procurando a total inflexibilidade da expressão daquele homem.

Seu plano de vingança original contra a família Ingram não envolvia casamento, admitiu Cesare para si mesmo. Mas desde que vira Robin quase uma semana atrás, decidiu que seria uma solução muito mais prática. Marco teria a mãe que precisava tão desesperadamente, em vez da babá que no momento cuidava da criança. E ele, Gambrelli, uma esposa, que também lhe proporcionaria entretenimento satisfatório.

Entretenimento que Robin Ingram não parecia achar tão insípido algum tempo atrás...

— Ora vamos, Robin—disparou ele impaciente. — Compartilharmos uma cama não é tão inaceitável assim, é?

Compartilhar uma cama! Os pensamentos apavorados de Robin repetiram as palavras dele em desespero.

Minutos atrás bastava olhar para aquele homem para saber que o desejava de um modo que não se lembrava ter sentido antes. Mas era um desejo que a abandonara completamente, quando ele lhe confessara que pretendia se casar com ela por vingança!

Já escapara de um casamento desastroso e não tinha a menor vontade de repetir a experiência.

Passara o último ano evitando encontros e envolvimento sérios com qualquer

homem, sabendo que com isso ganhara a reputação de frígida e indiferente.

Algo que a sexualidade evidente de Cesare Gambrelli não permitiria!

Não precisava saber nada mais sobre ele para perceber que uma união entre os dois seria um desastre pior que seu primeiro casamento! Ela sacudiu a cabeça com força.

— Essa pergunta não merece resposta. O que está fazendo? — inquiriu ofegante quando Cesare Gambrelli a alcançou e a tomou em seus braços.

— Bem, se não sabe, talvez eu tenha que lhe mostrar! — rebateu zombeteiro, antes de baixar a cabeça e reivindicar-lhe a boca.

Robin estava surpresa demais para lutar ou responder àquela súbita arremetida. Apenas estava atenta a sua pulsação acelerada, ao modo como suas mãos se seguraram naqueles ombros fortes para se equilibrar, do quão fortes e musculosos eles eram, bem como o restante daquele corpo sólido, quando Cesare a puxou de encontro à sua excitação.

Queria resistir. Sabia que deveria resistir. Que deveria repelir aquele homem, pedir-lhe mais uma vez que partisse. Mas à medida que ele pressionava a pélvis, com movimentos ousados e sensuais, de encontro a sua, ela sentiu o retorno daquele calor úmido entre as coxas. Gemeu baixinho, enquanto a língua de Cesare apartava-lhe os lábios e mergulhava fundo e quente em sua boca, em harmonia com o roçar das coxas musculosas, movendo-se sedutoramente contra as suas.

Seu corpo parecia consumido por fogo líquido, todas as partes vivas e suscetíveis ao mais leve toque daquelas mãos fortes. Os mamilos intumescidos pulsaram quando ele abaixou a cabeça e capturou um dos botões rijos, que apesar do tecido da blusa fina e do sutiã sentiu o calor ardente daquela boca, dentes e língua, umedecendo o bico sensível. Robin arqueou o tronco buscando satisfação para os espasmos de prazer que sentia entre as coxas.

Estava tão excitada, tão perdida naquele prazer, que só conseguiu encará-lo estupefata quando de repente Cesare ergueu a cabeça para fitá-la triunfante.

— Não, Robin — refletiu ele. — Não acho que compartilhar minha cama seja algo inaceitável para você!

Aquelas palavras e o tom sarcástico tiveram o mesmo efeito de um balde de água fria em sua cabeça, o que depressa esfriou o calor que a fazia arder. Empurrando-o com força, quase tropeçou, quando os braços fortes a libertaram. Cesare se afastou para contemplá-la com um olhar de desprezo. O triunfo ante a sua rendição era mais que óbvio.

— Bastardo! — disparou furiosa, a face queimando, tanto pela sua reação a ele quanto pelo desdém evidente na expressão daquele homem.

— Talvez — aceitou ele num tom tranqüilo. — Mas você vai se casar comigo. E logo, se não quisermos que o primeiro dos nossos filhos seja exatamente o que você acabou de me chamar.

Robin se sentiu envergonhada pelo seu comportamento segundos atrás, irritada com Cesare por ser capaz de excitá-la com tanta facilidade e nem um pouco confortável com a unidade estampada em sua blusa. Não estava disposta a suportar a arrogância suprema daquele homem por muito mais tempo.

— Não tenho a menor intenção de me casar. Nem agora, nem no futuro.

— Oh, mas acho que vai, Robin — contradisse ele com a voz suave. — Acho que vai se casar comigo e muito em breve. E acho que vai fazer isso sem drama.

Robin fitou a expressão segura e o desafio no olhar dele. A autoconfiança de Cesare era tal que a fez sentir que não estava a par de todos os fatos.

— O que ainda não me contou, Sr. Gambrelli? — perguntou ela por fim.

— Inteligente e bonita — elogiou ele, inclinando a cabeça, embora não estivesse tão impassível pelo que acontecera alguns minutos atrás quanto gostaria de aparentar.

Robin Ingram de fato tinha o corpo deveras suscetível. Um corpo que ele sabia que estava a ponto de explodir de êxtase, quando decidira libertá-la.

Mas não pretendia fazer amor com Robin no sofá da sala da casa do pai dela. Queria-a na cama, os dois nus. Quando lhe proporcionasse aquele prazer, queria deitar e observá-la, senti-la, tocá-la, enquanto seu corpo delicado se contorcesse em espasmo e tremesse de satisfação. E depois queria se deitar de costas, enquanto ela lhe proporcionava prazer idêntico.

— O que eu ainda não lhe contei? — repetiu ele, exibindo os dentes brancos em um sorriso cruel. — É muita astúcia da sua parte perceber que guardei a melhor parte para o final.

— Oh, dispense o sarcasmo e diga logo! — retrucou Robin impaciente.

O sorriso dele agora era genuíno.

— Frustração sexual só piorou o seu temperamento — observou divertido.

Os olhos dela se estreitaram.

— Tem exatamente trinta segundos para me dizer por que está tão confiante de que me casarei com você, antes de eu chamar o mordomo e colocá-lo para fora, à força se for preciso, da casa do meu pai.

— Eu não faria isso se fosse você — escarneceu. — Mas, em todo caso, não faço nenhuma objeção em satisfazer sua curiosidade. — Cesare inclinou a cabeça. — Na realidade, sempre foi minha intenção lhe contar por que você não tem escolha, a não ser concordar em se casar comigo.

— Sou toda ouvidos! — Robin retrucou entediada, querendo que ele partisse. Não só da sua casa, mas da sua vida!

Queria se sentar e lamber as feridas, as cicatrizes da batalha, sozinha, longe do olhar astuto daquele homem.

— Pelo contrário — Cesare Gambrelli continuou irônico. — Seus ouvidos, embora encantadores, estão longe de ser a sua melhor característica. — O olhar escuro deslizou lentamente até os seios dela.

Robin precisou de toda a sua força de vontade para não fitar os próprios seios também e conferir se o tecido secara o bastante, após a carícia da boca daquele homem, para que seus mamilos não ficassem tão em evidência.

— Você tem dez segundos restando! — advertiu ela com os dentes friccionados.

Cesare sorriu confiante ao mesmo tempo em que alcançava o bolso do paletó e retirava alguns documentos, que começou a desdobrar com uma lentidão exasperante.

Robin o observou como uma mosca observa uma aranha que a pegara em sua teia. Tinha certeza, pela maneira segura de Cesare Gambrelli, de que, fosse o que fosse que aqueles papéis continham, ele não tinha dúvida de que a induziriam a aceitar a sua proposta de casamento.

A proposta de casamento, que não fora uma proposta, mas uma declaração de intenção!

CAPÍTULO TRÊS

— Não está na hora de chamar o mordomo, Robin? — incitou Cesare Gambrelli. — Creio que já se passaram dez segundos.

Sim, haviam se passado dez segundos e pelo visto bem devagar, enquanto aquele homem desdobrava meticulosamente as folhas do papel que tirara do bolso do paletó.

Mas a curiosidade de Robin era tamanha, como Cesare Gambrelli por certo previra, que ela não tinha a menor intenção de chamar ninguém até saber exatamente o que continha aquele documento.

— E creio que já lhe disse que andasse depressa com isso — disse ela num tom firme, com os ombros tão tensos que chegavam a doer.

A boca de Gambrelli se contraiu.

— E eu não aceito ordens, nem de você, nem de ninguém!

— Eu idem — assegurou ela.

Cesare a fitou com os olhos semicerrados, notando a palidez sob as faces inflamadas de Robin, a tensão do corpo feminino e o tremor nas mãos contraídas.

Tudo indicava que não estava tão calma ou composta quanto queria aparentar.

Talvez já a tivesse preocupado o suficiente, por ora.

Afinal, dispunha de bastante tempo, anos, para levar sua vingança a cabo.

— Muito bem. Estes documentos... — ele os ergueu para que ela os visse — ...foram obtidos nos últimos três meses e contêm a contabilidade de todas as dívidas contraídas pelo seu irmão em cassinos espalhados ao redor da Europa. Contas que eu quitei...

— Tenho certeza que meu pai irá reembolsá-lo.

— Mas não desejo ser reembolsado — afirmou Cesare. — Pelo menos não com dinheiro — acrescentou num tom suave.

Os olhos de Robin se alargaram.

— Essas dívidas são a razão que o levou a pensar que concordarei em me casar com você? — perguntou incrédula.

— Sim. Casar-se comigo e se tornar a mãe de Marco.

A resolução de Robin hesitou um pouco quando ele mais uma vez mencionou o sobrinho órfão de mãe. De fato, era uma tragédia que algo tão terrível tivesse acontecido a uma criança de apenas alguns meses de idade. E, apesar dos seus protestos anteriores, não estava realmente tão confiante quanto soara, ao afirmar que o acidente não fora culpa de Simon...

Os últimos três meses haviam sido traumáticos. O pai sofrera um ataque do coração de nível moderado ao ser informado da morte de Simon. E a sua própria aflição com a perda do irmão quase a fez esmorecer.

Mas nesses três meses também ficara sabendo exatamente o quanto Simon havia se afundado em dívidas. Robin sabia que a situação inteira se tornara um pesadelo para os advogados, que ainda estavam tentando pôr as coisas em ordem, já que a cada dia apareciam mais e mais estabelecimentos reivindicando dinheiro.

Era óbvio que Cesare Gambrelli não tomara conhecimento desses cobradores, porque a maioria deles era do Reino Unido. Porém, seu pai descobriria todas as dívidas do filho. Mas nem isso, nem o espectro das dívidas de Simon, em primeiro lugar, alterava o fato de que forçá-la a se tornar a mãe de Marco não era a resposta aos problemas que Cesare Gambrelli enfrentava agora como pai adotivo do sobrinho!

Não havia nenhuma resposta real para qualquer um deles no que se referia ao futuro. Três meses atrás duas pessoas jovens haviam morrido desnecessária e prematuramente. E, embora suas famílias lamentassem essas perdas, não havia nada que pudessem fazer ou dizer que os trouxesse de volta ou mudasse o que havia acontecido.

A situação não se resolveria se concordasse em se casar com Cesare Gambrelli, Robin reafirmou a si mesma.

O magnata assistiu ao jogo de emoções no belo rosto feminino. A incerteza, a tristeza, seguidas depressa pelo retorno da resolução anterior.

Estava na hora de terminar aquele jogo de gato e rato!

Cesare endireitou-se.

— As dívidas são triviais, sem importância, comparadas a isto — disse, entregando-lhe a primeira folha do documento.

As mãos dela tremeram um pouco ao pegar o papel e o sangue pareceu escoar da sua face ao ler o que estava escrito.

— Como pode ver — continuou Cesare sem remorsos. — O último ato de seu mal-afamado irmão, Simon, foi apostar as ações que herdou da sua mãe. Ações da editora do seu pai. Trinta por cento das ações. Ações que agora me pertencem e encontram-se em

uma conta nominal — ele lhe entregou uma segunda folha de papel.

Robin não podia acreditar no que estava lendo. Aquilo não podia ser verdade. Simon não podia ter feito tal coisa.

Seu vício havia se tornado uma doença. Um hábito que Robin sabia que o fizera perder tudo.

Tudo, pensou, menos as ações de Simon na editora do pai. Ações que a mãe lhe deixara pela ocasião da sua morte, cinco anos atrás.

— Isto não pode ser legítimo!

— É perfeitamente legítimo, posso lhe assegurar — Cesare Gambrelli confirmou confiante.

Robin engoliu em seco, olhando os documentos mais uma vez.

— Mas o dinheiro que Simon recebeu por elas...

— Foi muito abaixo do valor — o siciliano arrogante reconheceu secamente. — A despeito desse fato, a transação foi legal e ainda teria sido, mesmo que seu irmão tivesse aceitado apenas um centavo por elas!

Robin se sentia ligeiramente entorpecida, não tendo dúvida de que aquele homem jamais teria vindo até ali tão cheio de si, se não estivesse absolutamente seguro do que estava dizendo.

— Estou disposto a lhe dar essas ações de presente no dia do nosso casamento — disse Cesare Gambrelli com satisfação.

Robin ergueu os cílios assustada, encarando-o incrédula.

Aquele homem pensava que podia chantageá-la a se casar com ele com a promessa da devolução das ações de Simon.

As linhas da face morena e bonita estavam tensas, os olhos escuros exibiam um ar de desafio enquanto a fitavam.

Robin sacudiu a cabeça.

— Tenho certeza que meu pai vai ficar feliz em comprar as ações de volta pelo valor de mercado, é claro — acrescentou pouco convicta.

— Não estão à venda. Por preço nenhum — informou Cesare. — No momento, como já lhe disse que as ações estão em uma conta nominal, meu nome não consta como acionista da empresa da sua família. Porém, se não aceitar as minhas condições, pretendo passá-las para o meu nome e assumir meu papel na diretoria. E um papel bem ativo, não acha? — concluiu ele sugestivamente.

Robin engoliu em seco, nem por um momento duvidando daquelas palavras. Sabendo como aquele homem se sentia em relação à família Ingram, tinha certeza que se isso acontecesse e ele assumisse seu papel na editora, faria tudo que estivesse ao seu alcance para arruinar os negócios do pai dela!

A companhia significava tudo para Charles. Ele e a mãe de Robin haviam fundado a empresa, assim que se casaram, construindo o multimilionário império atual.

Era um empreendimento da família, dirigido pelos seus membros. Robin trabalhara lá nos últimos seis anos, desde que saíra da universidade e havia assumido o cargo de assistente do pai nos últimos dois anos, já que os excessos de Simon o tornaram incapaz de desempenhar tal função.

— Seu pai ficou doente desde a morte do seu irmão, suponho? — Cesare Gambrelli inquiriu num tom ameno.

Robin estremeceu, não se deixando enganar pela afabilidade do tom, sabia que viria outra ameaça. E bem real...

O pai fora instruído pelos médicos a não se aborrecer após o ataque de coração que sofrera. Conselho esse que fora forçado a ignorar, já que a cada dia aparecia um novo problema provocado pelos excessos de Simon. Na realidade, Charles se encontrava em uma reunião aquela tarde para discutir ajustes sobre algumas das dívidas do filho. Ela hesitou.

— Não quero discutir a saúde do meu pai com você.

— Concordo. Não há necessidade de discutirmos isso no momento — rebateu Cesare depressa. — Tenho certeza que sabe, tão bem quanto eu, que o choque de saber até que ponto o filho dele chegou, sem dúvida resultaria em outro ataque apoplético para o seu pai, talvez até fatal.

— Que tipo de homem é você? — indagou espantada, os olhos violeta com uma expressão acusadora na palidez da sua face.

— Sou um siciliano! — Cesare falou com orgulho. — E em meu país, em uma rixa entre famílias, igual a nossa, as coisas só podem ser resolvidas de um modo! Sangue por sangue, Robin — explicou, ao mesmo tempo em que a encarava inexpressivo. — Ou se paga com a morte ou através do casamento entre as duas famílias!

O pai a advertira para ficar longe daquele homem, embora não tivesse idéia de como poderia tê-lo evitado, já que ele viera bater à sua porta. Mas agora tudo que desejava saber era como o pai ficara sabendo que Cesare Gambrelli era uma ameaça para eles. Levando em conta que não recebera nenhum tipo de resposta a sua carta de condolências.

Cesare a fitou. Robin estava estática pela dor e pelo choque visíveis em seu rosto. Sua bela irmã estava morta e o irmão daquela mulher, também. Simon Ingram fora o único culpado, teria que pagar com sangue, de uma maneira ou de outra!

Robin clareou a garganta, antes de responder.

— Meu pai jamais concordará que eu me case sob essas circunstâncias.

— A escolha não é do seu pai, mas sua. Recuse-se a se tornar minha esposa e farei tudo que estiver ao meu alcance para destruir a Ingram Publishing.

Aquela não era uma ameaça sem fundamento. Como o maior acionista da editora, depois de Charles, que possuía cinquenta por cento das ações, Gambrelli seria capaz de destruir a empresa. Na realidade, antes de conhecer Robin, decidir que a queria e perceber que havia outro modo de vingança bem mais agradável do que planejava inicialmente, ele começara a engendrar um jeito de curvar a empresa aos seus pés.

Porém, no momento, seu desejo inicial era curvar Robin Ingram aos seus pés. Isso já seria bastante prazeroso!

— Mas não quero me casar com você! — protestou ela.

Ele encolheu os ombros largos, num gesto de desinteresse.

— Então assumirei meu papel como maior acionista da editora.

— Por que está fazendo isso? — exigiu Robin num tom emocionado. — Não acredito que tenha vontade de se casar comigo! Então por que está fazendo isso? — repetiu desesperada.

Lágrimas marejavam os olhos violeta. Cesare procurou ignorar tal fato, só havia uma área das emoções daquela mulher que ele desejava explorar!

— Minhas vontades não importam. Marco está precisando de uma mãe — lembrou ele desinteressado.

— Mas no que se refere a você, sou sua pior inimiga! — argumentou depressa.

— Está tornando isto muito pessoal, Robin — acautelou ele.

— E quanto mais pessoal isso poderia vir a ser? — rebateu enfurecida.

— Oh, bem mais — assegurou ele, sabendo que Robin entendera perfeitamente o que ele quis dizer. — Mas neste momento você apenas carrega o nome do meu pior inimigo, Ingram. E como siciliano...

— Um frio e vingativo siciliano! — insultou ela. Cesare inclinou a cabeça.

— Vingativo, talvez. Mas nem sempre sou frio, não é, Robin? — ele a examinou com um ar zombeteiro. — E, a despeito do que ouvi falar sobre a inacessível Robin Ingram, você também não.

Uma onda de raiva a invadiu. Sabia que seu corpo a traía vergonhosamente alguns minutos atrás. Que sua resposta ao beijo daquele homem tornava impossível para ela afirmar que, fisicamente, poderia lhe negar tudo.

Também não gostara do fato de que havia fofocas sobre sua aversão a relacionamentos desde que seu casamento terminara. Fofocas que aquele homem ouvira claramente. Mesmo sem saber a razão pela qual ela optara por permanecer indiferente a todo contato físico e emocional após o divórcio.

— Meu pai jamais aceitará que eu me case com você pelas razões que declarou — repetiu ela pertinaz.

Cesare Gambrelli encolheu os ombros.

— Não estou interessado em saber se seu pai aceita ou não!

Não, não estava, não é?, reconheceu Robin. Não era do interesse daquele homem o que ela ou o pai sentiam sobre qualquer coisa!

— Mas eu me interesso — rebateu determinada. — Conheço meu pai o suficiente para saber que jamais aceitaria que eu me casasse com alguém que não amo apenas para salvar a empresa da perspectiva de uma falência.

Sim, conhecia o pai o bastante para estar certa disso.

Porém, da mesma maneira tinha certeza de que o pai morreria de desgosto se após a recente morte de Simon e as dívidas e preocupações advindas de tal fato, sua amada editora falisse.

E também o conhecia o bastante para saber que ele jamais aceitaria que a filha fizesse o sacrifício de se casar com Cesare Gambrelli para evitar aquela ruína!

Santo Deus, não estava pensando em concordar com as cláusulas arcaicas daquele homem, estava?

Não, claro que não!

Mas até ter tempo para analisar todas as reivindicações de Cesare não tinha escolha se não ouvi-lo.

— Então, ficará a seu cargo tentar convencê-lo. — Cesare Gambrelli, o homem que insistia em se tornar seu marido, disse com um aceno de mão. — Entendo perfeitamente a razão que a faz se sentir tão protetora em relação a seu pai...

— Mesmo sem ligar a mínima para isso? — acusou furiosa.

Os olhos escuros faiscaram.

— Não sou assim tão insensível, Robin, não importa que pense o contrário! Não faço nenhuma objeção ao seu... *embelezamento* da verdade para satisfazer a preocupação de seu pai, se é esse o seu desejo. Pode optar em lhe dizer que nos apaixonamos loucamente... Que não pode viver sem mim... Pode dizer o que quiser. Mas não cometa nenhum erro, você vai se tornar minha esposa!

Aquele homem era tão severo, tão implacável, tão seguro de si. Acreditava de fato que conseguiria seu objetivo, reconheceu Robin desanimada.

Podia contar ao pai o que Simon fizera, sobre as exigências de Cesare Gambrelli, arriscando-o a ter o segundo e, talvez fatal, ataque de coração que os médicos o advertiram que poderia acontecer se ele se estressasse demais.

Durante os últimos três meses, reparara como o pai havia se abatido, à medida que os excessos de Simon vinham à tona dia após dia, depois da sua morte.

O que ela precisava era de tempo...

— Vou lhe conceder algum tempo para... se acostumar com a idéia de se tornar minha esposa — disse Cesare Gambrelli dobrando os documentos e os colocando de volta no bolso do paletó.

Tempo para imaginar um modo de se livrar daquela situação, pensou Robin desesperada.

— Sugiro que jantemos juntos esta noite para concluirmos os preparativos.

— Considera umas meras poucas horas tempo suficiente para eu me acostumar com a idéia de me casar com você?

Cesare a fitou, reparou em seu modo altivo e não desejou nada além de terminar o que haviam começado minutos antes. Mas controlou suas emoções.

— Não vejo motivo para retardar o inevitável — declarou num tom prático.

— Inevitável para você, mas não para mim! — rebateu Robin.

Cesare curvou os lábios num breve sorriso.

— Marco está precisando de uma mãe e para já, não para daqui a três ou seis meses.

E ele, Cesare, reconheceu: desejava aquela mulher em sua cama.

Se ela não aceitasse esse fato legalmente, então a tomaria sem o benefício de uma licença de casamento.

— Estou a par do fato de que já foi casada — a voz soou desgostosa. O simples pensamento de outro homem ter possuído aquela beleza provocava-lhe um gosto amargo na boca.

— E você? — contra-atacou desdenhosa. — Deve ter quantos anos? Trinta e sete? Trinta e oito anos?

— Trinta e sete para os seus 27 — respondeu conciso. Ela acenou com a cabeça impaciente.

— Já deve ter sido casado — desafiou Robin.

Cesare contemplou sua beleza corada, calmamente, por vários segundos antes de responder.

— Se eu tivesse sido casado ainda estaria casado. Divórcio é algo que não permitirei que aconteça em minha vida. Uma vez casado, ficarei casado — acrescentou, acabando com qualquer esperança de Robin de pôr um fim à relação, após reaver as ações de Simon.

Quanto mais cedo a engravidasse, prendendo-a irrevogavelmente a ele, melhor seria para ambos.

— Permanecerá casada — acrescentou, no caso de terem restado dúvidas. — Então, vamos jantar esta noite — repetiu Cesare num tom animado. — Acho que seria melhor se eu viesse buscá-la aqui às sete e trinta.

— Ainda nem concordei em jantar com você! — murmurou Robin frustrada. As coisas estavam indo rápidas demais para o gosto dela.

Ao mesmo tempo, pôde sentir o aperto das mãos dele sobre ela quando Cesare a puxou para o seu lado com a intenção de mantê-la lá.

Na verdade, naquele momento, não conseguia pensar em um modo de não fazer o que ele estava lhe propondo, ou melhor, ordenando. Mas isso não significava que se daria por vencida. E quanto mais tempo conseguisse, maior seria a chance de imaginar um jeito de se livrar daquele homem!

Cesare ergueu as sobrancelhas escuras, a boca se curvou completamente num sorriso zombeteiro.

— Mas você vai, não vai?

Sua autoconfiança era irritante! Robin se sentia como um rato sendo perseguida por um grande e perigoso felino! Uma pantera negra, talvez.

Faça o jogo dele, Robin, instruiu-se em pensamento. Cesare Gambrelli era tão perigoso quanto o pai a advertira, mas não tinha nenhuma intenção de deixar transparecer o quanto se sentia transtornada com as suas ameaças.

— Sim, vou — concordou por entre os dentes. — Mas não precisa vir me buscar — disse ela, sabendo que precisava assumir um pouco de controle sobre aquela situação ou estaria completamente perdida ante as exigências de Cesare Gambrelli. — Eu o encontrarei no restaurante.

O sorriso de Cesare enfraqueceu de imediato, a boca se contraiu irônica diante do que julgou se tratar de um espetáculo deliberado de independência.

Por ora, isso não seria problema, poderia lhe permitir aquela liberdade. Teria bastante tempo, uma vez casados, para lhe mostrar que não aceitava ordens de ninguém, muito menos da mulher com quem estava desposando apenas para resolver uma animosidade entre famílias!

— Não vamos jantar em um restaurante, mas em minha suíte no hotel London Gambrelli — informou ele. — Acho que será mais apropriado para a conversa que pretendemos ter — opinou, antes que ela tivesse chance de argumentar.

Cesare quase podia imaginar a mente de Robin trabalhando ante aquela declaração. Indignação seguida por ex-citação, só de pensar em ficar sozinha com ele na suíte do hotel. E, por último, constatação de que, apesar da sua relutância, ele talvez estivesse certo.

Não tinha dúvidas que a conversa daquela noite seria menos inflamada que a que acabaram de ter. Bem como não tinha dúvidas de que nenhum dos dois era o tipo de pessoa que apreciasse causar uma cena pública dentro de um restaurante.

Simon, o irmão dela, já causara cenas públicas suficientes pela família inteira.

A boca de Cesare se contraiu só de pensar no outro homem.

— Estarei esperando-a no hotel London Gambrelli às sete e trinta.

Novamente, ele fez soar como uma declaração em vez de um pedido.

Ficaria esperando. Robin decidiu que chegaria à hora que bem entendesse.

Puro desafio da sua parte, reconheceu, enquanto tomava a decisão deliberada de fazê-lo esperar aquela noite.

Cesare Gambrelli deixara bem claro que não havia jeito de evitá-lo. Então qual era o problema em contrariá-lo?

Isso a faria se sentir melhor e ponto!

Se é que podia se sentir bem sobre qualquer coisa no que dizia respeito àquela situação emocionalmente conturbada.

Mas não importava a hora que o pai chegasse naquela noite. Pretendia falar com ele de qualquer maneira antes de sair. Não com a intenção de lhe contar sobre a visita de Cesare Gambrelli, ou sobre suas ameaças, mas pela necessidade de saber exatamente o que o pai quisera dizer ao adverti-la de que Cesare Gambrelli era um sujeito perigoso.

Não que duvidasse dessa afirmação no momento. Agora estava constatando com os

próprios olhos o quão perigoso ele podia ser!

— Oito horas seria melhor para mim — enfrentou-o corajosa.

Cesare sacudiu a cabeça.

— Muito tarde, receio.

Robin duvidava que aquele homem receasse alguma coisa.

— Muito tarde para quê? — incitou cautelosa.

— Marco, é claro. Normalmente, o menino dorme antes das oito horas.

Robin encarou-o sem compreender.

— A criança está aqui em Londres com você?

— Mas é claro! Onde mais poderia estar, se não comigo? — inquiriu erguendo as sobrancelhas escuras.

Onde mais? Robin repetiu mentalmente.

A perspectiva de jantar com aquele homem não fora tão fascinante, a princípio. Mas era pior, bem pior, do que imaginara.

Ela respirou fundo.

— Não acho que seja uma boa idéia eu conhecer Marco agora.

— Tenho certeza que não acha uma boa idéia conhecer Marco em ocasião nenhuma. Sei que não tem experiência com crianças, Robin. Mas é uma falta de experiência que terá que superar. E bem depressa.

Robin ficou assustada com aquela declaração. Nenhuma experiência com crianças? Era óbvio que, como filha caçula, não tivera que lidar com crianças pequenas.

— Bem, é verdade que não tenho muita experiência com crianças pequenas... — começou ela.

— Não teve filhos em seu casamento com o honrado Giles Bennett. O que é surpreendente, já que ele, sendo herdeiro do título do pai, precisava de filhos para sucedê-lo. Talvez tenha pedido o divórcio porque você se recusou a engravidar? Talvez, como muitas mulheres jovens, tenha encarado a gravidez como um empecilho a sua liberdade? — Cesare a fitou com aqueles olhos escuros penetrantes e percebeu o modo como a expressão dela se transformou visivelmente. — Mas está na hora de sossegar. Vai superar suas necessidades egoístas em breve, quando se tornar minha esposa e mãe de Marco — concluiu ele.

Era completamente contra a cultura de Cesare e sua própria natureza não apreciar e adorar crianças. E ele não tinha nenhuma condolência com alguém que não as colocasse em primeiro lugar.

Ao se dispor a descobrir sobre o divórcio de Robin Ingram e Giles Bennett e, tendo sido bem-sucedido, a resolução de fazer de Robin sua esposa e a mãe de seus filhos só se reafirmou.

Embora não tivesse esperado tal resistência da parte dela em conhecer Marco.

Nem todas as mulheres possuíam instinto materno apurado, ele aceitava isso e algumas levavam mais tempo que as outras para aceitarem a maternidade.

Mas de alguma maneira não acreditava que esse fosse, realmente, o caso de Robin Ingram, uma mulher profundamente responsável.

Era óbvio que amara demais o irmão mais velho e seu afeto pelo pai era inegável, talvez fosse por esse motivo que temia a gravidez e o parto.

Fossem quais fossem as razões, ela as superaria. Porque Cesare pretendia que se tornasse a mãe do sobrinho dele e concebesse um irmão ou uma irmã para Marco, logo no primeiro ano de casamento.

CAPÍTULO QUATRO

— Você está adorável! — elogiou Cesare, cumprimentando Robin de modo formal, enquanto a conduzia para fora do elevador privativo, com acesso direto a sua suíte, às sete e quarenta e cinco da noite.

Robin o fitou com um olhar distante. Tendo adotado deliberadamente o papel de mulher fria e inacessível, usava um vestido preto simples que a cobria do pescoço aos joelhos. Os cabelos, presos em um coque, deixavam à mostra um par de brincos de ouro que fazia conjunto com uma pulseira simples. A maquiagem era leve, apenas rímel, uma camada fina de base e um *gloss* cor de pêssego.

Afinal, aquilo não era um encontro romântico, pensara enquanto conferia sua imagem no espelho antes de sair de casa. Aquela noite por certo teria outra discussão com Cesare Gambrelli.

E seria apresentada a Marco...

Ela respirou fundo.

— Espero que não queira que eu retribua o elogio? — disse ela, entrando na suíte e ignorando a aparência atraente de Cesare, que vestia uma camisa de seda preta e calça comprida da mesma cor.

A suíte da cobertura, que Robin descobrira após fazer algumas perguntas no balcão de recepção, ocupava todo o último andar do edifício, com um elevador privativo para levá-la até aquela altura.

Mas o que mais poderia esperar? Cesare Gambrelli era um dos homens mais ricos do mundo. Se desejasse poderia dispor de todas as suítes de cobertura dos vários hotéis exclusivos que possuía ao redor do mundo, como suas residências.

Gambrelli fitava-a fascinado ao mesmo tempo em que a conduzia até a sala de estar.

Robin Ingram, definitivamente, recuperara qualquer falta de compostura que exibira horas antes. Aparentava da cabeça aos pés, a bela e arrogante socialite que era, enquanto caminhava em direção a uma das enormes janelas com vista deslumbrante para o pôr do sol da capital.

— Aceita uma bebida? — Ele ergueu a garrafa de champanhe que havia preparado e resfriado em um balde de gelo de prata.

Já passava bem das sete e trinta, é claro. Mas ele já esperava por isso. Sabia que Robin não chegaria no horário estipulado por ele. Uma tentativa de lhe mostrar que não concordava com os seus planos.

Não ainda, de qualquer maneira...

— Champanhe, Cesare? — incitou provocante. — A sua comemoração não é um pouco prematura?

— É? — meditou indiferente ao mesmo tempo em que vertia um pouco do líquido borbulhante em duas taças e se dirigia para onde ela se encontrava de pé. — Faço questão de sempre beber champanhe, Robin — explicou oferecendo-lhe uma das taças.

Ela retribuiu o olhar inflexível.

— Que maravilha ser tão privilegiado assim! Cesare sorriu.

— Descobri que é o único tipo de álcool que não resulta em uma ressaca!

Aquele homem era diabolicamente seguro, irritou-se Robin, enquanto tomava um gole da bebida. Tão seguro que tinha as rédeas daquela situação.

Não fora fácil abordar o assunto "Cesare Gambrelli" com o pai, quando Charles voltara para casa naquela noite. Na realidade, se provou quase impossível. Charles repetira a advertência para que ela ficasse longe do italiano, mal ela acabara de mencionar o nome de Cesare. Um comentário que ele não estenderia, apesar do desejo dela.

Embora de fato não fosse muito difícil, após a conversa que tivera com o próprio Cesare naquela tarde, perceber por que o pai temia qualquer ligação da família Ingram com aquele homem. A única concessão que Charles fizera ao falar sobre o assunto foi declarar que o italiano era cruel em seus negócios.

Mas o quanto ele poderia ser cruel com a família que julgava responsável pela morte da sua irmã?

Contudo, sem alertar o pai sobre o fato de que Cesare Gambrelli lhe fizera uma visita pessoal naquela tarde, não podia pressioná-lo a lhe fornecer mais informações.

Robin não revelara que Cesare era o amigo com quem jantaria naquela noite. Isso por certo resultaria em uma conversa para a qual ainda não estava preparada. Além do mais, o pai parecia cansado demais após outra reunião para discutir sobre as dívidas de Simon.

— A que devemos brindar? — perguntou Cesare cínico. — À próspera conclusão da nossa conversa anterior, talvez? — acrescentou com um sorriso zombeteiro ao perceber o óbvio ressentimento de Robin por estar ali.

Os olhos violeta brilharam ao fitá-lo sob os cílios espessos e escuros.

— Isso resultaria em um brinde particular. Só seu. Cesare curvou os lábios num sorriso apreciativo.

— Tenho o pressentimento de que entraremos em conflito durante algum tempo, Robin. Então podemos começar agora, não acha? Beba — acrescentou impaciente, quando ela permaneceu apenas apertando a haste da esbelta taça.

Em vez de fazer o que ele pediu, Robin decidiu se afastar, movendo-se pela sala de estar e parando ao lado da porta.

Equilibrando-se para alçar voo, conjecturou Cesare. Bem, como era mesmo que diziam? Ela podia correr, mas não se esconder. Robin podia tentar fugir dele o quanto quisesse, mas sua decisão estava tomada: aquela mulher se tornaria sua esposa.

Os olhos escuros deslizaram pelo corpo feminino lentamente. Ele sabia que Robin escolhera usar aquele vestido preto comportado, talvez, como um meio de disfarçar as linhas graciosas do seu físico sensual. Bem como também optara por prender a beleza selvagem daqueles cabelos loiro-dourados.

Entretanto, produzia um efeito contrário. Havia algo extremamente tentador naquele vestido que insinuava suas curvas em vez de exibi-las. E os cabelos só o faziam desejar poder libertar aquelas gloriosas mechas cor de mel e beijá-la até fazê-la derreter em seus braços.

Talvez ficasse mais irritada ao saber que seus esforços em pôr fim a qualquer desejo que ele pudesse sentir pelo seu corpo, só os avivaram ainda mais. Ele precisava conhecer, acariciar e beijar todos os centímetros daquela pele aveludada!

Robin desejou que Cesare parasse de fitá-la daquele jeito. Estava se sentindo completamente vulnerável sob a intensidade daquele escrutínio, que parecia despir-lhe todas as peças de roupa.

E não havia muito para ser despido. Estava apenas usando uma calcinha preta e meias-calças de seda sob o vestido.

Robin se moveu desconfortável, atenta ao fato de seu corpo estar respondendo àquela avaliação provocante.

Os mamilos enrijeceram sob o tecido fino do vestido e uma onda de calor se propagou entre as suas coxas.

A intensidade de sua reação àquele homem era totalmente incompreensível. Deus sabia por que ela ganhara a fama de inacessível durante os últimos 12 meses. E toda vez que ficava perto de Cesare Gambrelli seu corpo respondia como se já conhecesse o dele, como se já fossem amantes.

— Pedi para que o jantar fosse servido às oito e trinta — informou ele, continuando a sorver um gole do próprio champanhe e fitando-a com aquele olhar escuro e penetrante.

Podia ordenar que servissem o jantar a hora que quisesse, Robin não estava certa se seria capaz de comer qualquer coisa. A presença daquele homem acabava com seu apetite.

— Por mim, está bem — respondeu sem muito interesse, embora o que fariam durante os próximos quarenta e cinco minutos fosse questionável!

Por certo, Cesare não esperava que passassem todo aquele tempo antes do jantar com o seu sobrinho.

— Parece um pouco tensa, Robin — observou ele. Tensa? Estava tão retesada de ansiedade que seu corpo chegava a doer e os dedos apertavam com tanta força a taça de champanhe, que corria o risco de quebrar a haste fina!

— Depois do modo como me ameaçou hoje cedo, como queria que eu me sentisse, Cesare? — replicou aborrecida.

Os lábios dele se contraíram. Claro que a ameaçara. Afinal, ela era a irmã do homem a cuja memória ele devotava o mais alto desprezo, o responsável pela morte de Carla!

As sobrancelhas escuras se arquearam.

— Talvez queira que eu lhe dê outra demonstração do quanto vai apreciar ser minha esposa? — provocou num tom suave, imediatamente recompensado pelo olhar de alarme de Robin.

— Ainda não concordei com sua proposta de casamento — lembrou-o irritada. — Logo, qualquer tipo de demonstração da sua parte é totalmente desnecessária!

Cesare percebeu a pulsação agitada na base da garganta dela, o subir e descer dos seios atrevidos, o modo como o vestido deixava transparecer o excitante calor das coxas bem delineadas.

— Pode ser desnecessário — reconheceu ele ao mesmo tempo em que dava um passo em sua direção. — Mas eu, por minha vez, acho inevitável.

Com um gesto ágil, tirou-lhe a taça das mãos e a colocou na mesa de centro ao lado da sua. Em seguida, voltou, envolveu-a nos braços e tomou posse dos seus lábios, sem muito esforço.

As curvas do corpo feminino se moldaram ao seu com perfeição. Os seios delicados foram esmagados pelo vigor do seu tórax. As coxas bem torneadas pressionaram sua excitação e os cabelos dourados desabaram em ondas sedosas sobre a tez clara, quando ele os libertou da prisão em que se encontravam.

A boca sensual tinha um gosto de champanhe e mel. Os lábios de Robin eram macios e receptivos. Bastante receptivos!

Aquilo tinha que parar, ela ordenou a si mesma.

Mas por ora, não sentia a menor vontade de pôr um fim àquele contato alucinante. A língua de Cesare se movia em uma carícia sensual contra os seus lábios, ao mesmo tempo em que tentava apartá-los, uma intimidade que ela não era capaz de negar.

Santo Deus, como desejava aquele homem!, reconheceu, enquanto seus dedos se enredavam na densidade escura dos cabelos de Cesare.

Desejava-o como jamais desejara outro homem em toda sua vida. Nem mesmo Giles, com quem fora casada durante três anos. O homem que a deixara de lado quando ela já não se ajustava mais aos seus planos para o futuro.

Robin afastou a boca de repente.

— Não! — protestou, empurrando-o. — Não quero!

Respirou ofegante, enquanto o fitava. Os braços de Cesare permaneceram inflexíveis como faixas de aço sobre a finura da sua cintura, moldando-a contra a rigidez do seu corpo.

— Não? — escarneceu consciente, os olhos insondáveis e um nervo pulsando na mandíbula tensa.

— Não — repetiu Robin num tom firme.

Cesare notou o tremor no lábio inferior feminino, sabendo que ela estava mentindo, que naquele momento desejava-o com loucura.

Assim como ele também a desejava. Mas Robin tinha razão. Não era hora. Talvez depois que Marco adormecesse.

Libertou-a, afastando-se abruptamente para trás.

— Está na hora de você conhecer Marco.

— Agora? — ela respirou trêmula, os dedos empurrando os cabelos para trás ao mesmo tempo em que o fitava com uma expressão assombrada.

A boca de Cesare se contraiu ante a relutância óbvia de Robin.

— Sim, agora — reafirmou irritado. — Vou até o quarto pegar o menino.

— Oh, não posso ir com você até lá e lhe dizer boa-noite? — sugeriu ela. — É uma pena perturbar a criança se já está recolhido — acrescentou pouco convincente.

— Ele ainda não está no berço — assegurou Cesare num tom firme. — E mesmo se estivesse, tenho certeza de que, como todas as crianças, adoraria quebrar a rotina.

Não havia como escapar, reconheceu Robin com uma careta. Suas emoções estavam esgotadas pelos beijos de Cesare para tentar esconder o fato de que conhecer o sobrinho dele era uma provação pela qual preferia não passar.

— Voltarei em alguns instantes — disse ele, antes de se virar e deixar a sala.

Robin pegou a taça de champanhe e voltou para a janela, não prestando a mínima atenção à magnífica vista do lado de fora, enquanto sorvia alguns goles da bebida.

Como seria a criança, o sobrinho de Cesare?

Se parecesse com o tio não havia dúvida de que era um bebê muito bonito.

Era a cara do tio!, admitiu Robin dolorosamente, ao se virar e avistar Cesare, entrando na sala de estar com o pequeno menino nos braços.

Os cabelos de Marco eram tão escuros quanto os do tio, com os mesmos cachos sedosos e os olhos possuíam aquele mesmo tom chocolate escuro. A bela face se iluminou com um sorriso entusiasmado quando olhou pela sala e a viu em frente à janela, revelando dois pequenos dentinhos brancos.

Parecia bem crescido para seis meses, as pernas longas e o corpo agasalhado em um macacão infantil, as mãozinhas pequenas descansando confiantes no tórax do tio.

Robin sentiu-se derreter por dentro, só de olhar para o menino.

— Vamos, diga olá para Robin, Marco — Cesare murmurou, encorajando a criança. Então, caminhou para o outro lado da sala, segurando o bebê firmemente.

Robin deu um passo involuntário para trás, suas costas entraram em contato direto com a janela atrás dela e o frio leve a fez sentir um calafrio na espinha.

A mandíbula de Cesare se contraiu ao vê-la se afastar, quando eles se aproximaram, o modo como ela estremeceu de desgosto embora não tirasse os olhos de Marco.

O que havia de errado com aquela mulher? Com exceção de ter cuidado de Carla quando a irmã era um bebê, Cesare tivera pouco contato com outras crianças. O que não o impediu de se apaixonar por Marco no momento em que o menino nasceu. E não podia acreditar que não acontecesse o mesmo com qualquer mortal que pusesse os olhos no bebê.

Mas Robin já não parecia querer apenas fugir, e sim fugir como se o diabo estivesse em seu encalço!

A boca de Cesare enrijeceu.

— Ele não morde, Robin — afirmou sugestivamente.

— Não? — indagou tensa. — Esses dentes dizem o contrário. — Ela tentou passar uma tranquilidade que obviamente estava longe de sentir.

Cesare a fitou curioso, notando o modo como ela se mantinha distante, como se tivesse medo de tocar em Marco.

Mas o menino tinha outras idéias, naturalmente. Feliz e emitindo pequenos sons, atirou os bracinhos para Robin.

— Gatos fazem a mesma coisa, creio eu — observou ele, enquanto Robin parecia esquivar-se ainda mais.

— O quê? — ela respirou trêmula, fitando-o apenas de relance, ao mesmo tempo em que continuava encarando Marco como se hipnotizada.

Cesare encolheu os ombros enquanto segurava o sobrinho que se contorcia em seus braços.

— Eles têm um instinto infalível de querer ir para o colo de pessoas que mostram antipatia por eles! — explicou ele e o menino se lançou para Robin com convicção total de que ela o pegaria.

Algo que ela fez com certa relutância, segurando o bebê um pouco distante do seu corpo. Sem perder tempo, Marco agarrou uma longa mecha dos cabelos cor de mel, que o tio tão recentemente soltara.

O olhar de Cesare era indecifrável ao contemplar os dois.

Carla era uma mãe natural, totalmente à vontade com o filho desde o momento em que ele nasceu. Mas Robin parecia estar segurando uma bomba-relógio nos braços, que podia explodir a qualquer momento.

Marco não conhecia tal inibição, sorrindo torceu a mecha de cabelos comprida ao redor do pequeno pulso e balbuciou algo que só ele conseguia entender.

Cesare carranqueou e se preparou para pegar o sobrinho, caso fosse necessário. Se Robin desmaiasse, como aparentava prestes a fazer.

A menos que aquilo fosse apenas um estratagema da parte dela para tentar dissuadi-lo da resolução de se casarem para resolver a rixa entre as duas famílias.

Não fizera segredo do amor profundo que sentia por Marco e Robin era inteligente o bastante para perceber que o tio não ia querer uma mãe para o sobrinho que nem mesmo queria segurá-lo, quanto mais tomar conta da criança.

Robin estaria usando seu amor por Marco contra ele?

Se estivesse, então ficaria desapontada!

— Levarei Marco de volta para a cama — disse Cesare num tom frio.

Robin se virou lhe lançando um olhar assustado, pouco atenta ao fato de ele estar na sala. Toda sua atenção se focalizava no bebê que tinha nos braços.

— Ele parece bastante feliz onde está — comentou pesarosa e Marco se virou e sorriu para o tio sem soltar os cabelos dela.

— Não importa. Já passou da hora de o menino dormir — informou Cesare, repreendendo-a.

Ele a alcançou para pegar o bebê que de imediato começou a chorar, protestando.

Robin tentou desenroscar os dedos minúsculos de seus cabelos. Não era fácil. Marco parecia determinado a não deixá-los.

— Talvez seja melhor eu ir até o quarto com você — ofereceu ela.

— Sim, talvez seja melhor — permitiu Cesare a contragosto. E já que o sobrinho resistia em sair dos braços de Robin. Ela não teve escolha se não se apressar atrás dele se não quisesse ter os cabelos arrancados pela raiz.

Marco sorriu por sobre o ombro do tio, ainda segurando-a pelos cabelos. Robin retribuiu o sorriso agora, já que não estava mais sob o escrutínio íntimo de Cesare Gambrelli.

Porque aquele homem estava enganado quando afirmara que o casamento dela com Giles terminara porque ela não quis engravidar.

Nunca evitou a gravidez. Apenas não fora capaz de gerar um herdeiro para dar continuidade ao nome de Giles Bennett.

Não se preocupou quando não engravidou durante o primeiro ano de casamento, as coisas aconteceriam quando tivessem que acontecer. Mas à medida que os meses foram passando sem sinal de um bebê, decidiu que deveria visitar um especialista.

Foi a primeira de muitas visitas.

Seguiram-se dois anos de testes. Tabelas e mais testes.

Mas nada de bebê.

Os testes mostraram que não havia nada de errado com ela ou a fertilidade de Giles, Robin simplesmente não engravidava. O especialista aconselhou que talvez fosse

melhor pensarem em adoção, que às vezes em casos como o dela, onde nenhuma razão aparente podia ser encontrada para justificar a falta de concepção, sem pressão a mãe poderia engravidar naturalmente. Giles se recusara a considerar a idéia da adoção, queria uma criança do seu próprio sangue ou nada.

Giles tivera um filho com a segunda esposa que nascera apenas dois meses atrás. Deixando-a com a certeza de que a culpa devia ser dela.

O fim do seu casamento significava que ela jamais seria mãe, que estava sentenciada a uma vida solitária e a um futuro sem filhos.

Como podia se casar com um homem e esperar que ele aceitasse o fato de ela jamais poder lhe dar um bebê?

A não ser que Cesare Gambrelli, embora não soubesse disso, estivesse se oferecendo para se casar com ela e lhe dar a criança que ela não podia ter.

Um bebê por quem ela se apaixonara à primeira vista!

CAPITULO CINCO

— Posso me refrescar, antes do jantar?

Cesare se virou ao ouvir o pedido indeciso de Robin, o que lhe interrompeu os pensamentos sobre filhos, enquanto os dois deixavam o quarto do menino.

Imaginou pegá-la desprevenida, apresentando Marco daquele modo, mas, na realidade, quem ficara desestabilizado com o encontro fora ele.

Era totalmente inexplicável o fato de Marco se sentir tão atraído por Robin. Ela, por certo, não fizera nada para encorajá-lo.

O bebê esperneara e chorara ao ser colocado de novo no berço, os bracinhos suplicantes erguendo-se para Robin.

Mas ela se manteve distante, esperando que ele puxasse as cobertas, cobrisse a criança e colocasse o ursinho favorito a seu lado.

A indiferença de Robin para com ele era compreensível e desculpável, mas sua frieza com Marco, isso ele não podia aceitar. O bebê já havia perdido a mãe, mesmo não tendo idade suficiente para perceber tal fato e Cesare não tinha nenhuma intenção de permitir que Robin continuasse com aquela atitude fria e ridícula em relação ao menino.

Porque, não importava o quanto ela desejasse o contrário, ele ainda continuava com o firme propósito de fazer dela sua esposa. E o mais breve possível.

— Use o banheiro — gesticulou desinteressado e se dirigiu à sala de estar,

precisando beber mais champanhe.

— Obrigada — agradeceu Robin, antes de escapar para o banheiro.

Quando fitou sua imagem no espelho sobre a bancada, percebeu o brilho intenso em seus olhos.

Estava apaixonada! Não por Cesare Gambrelli. Nem por qualquer outro homem. Mas pelo bebê de seis meses que lhe capturara o coração à primeira vista!

Sentou-se na extremidade da banheira, respirando fundo num esforço de acalmar a pulsação agitada.

Marco era simplesmente adorável! Sentira-se tão bem quando o segurou nos braços. Era o bebê dos seus sonhos. Sonhara com isso por tanto tempo, que relutara em entregá-lo a Cesare quando chegou a hora.

O que fazer agora.

Cesare Gambrelli dissera que pretendia se casar com ela. Que queria que ela fosse a mãe de Marco.

Adoraria ser a mãe de Marco, mas o preço seria o desprezo de Cesare pela esposa, uma mulher com quem estava se casando apenas para resolver o que chamava de uma rixa entre famílias.

Era isso que ela queria?

Sim!

Cesare não sabia, mas estava lhe oferecendo algo que ela jamais imaginara poder sentir, uma alegria que Robin julgara lhe ter sido negada para sempre. Agora que conhecera Marco, o segurara nos braços, sentira seu calor e fora a causa do seu sorriso bonito, não havia modo de virar as costas e se recusar a ser a mãe do menino.

Sabia que não podia permitir que o tio percebesse o quanto suas emoções haviam sido afetadas. Já conhecia aquele homem o suficiente para saber que se ele pensasse que estava lhe dando algo que ela desejava tão desesperadamente, aproveitaria para fazê-la se curvar de vez à sua arrogância.

Sim, agora que conhecera e segurara Marco nos braços, decidira se casar com Cesare, mas sob as suas condições, não as dele.

Quando Robin fosse sua esposa, pensou Cesare, enquanto sorvia mais um gole de champanhe e esperava por ela, não tinha intenção de lhe dar outra escolha, a não ser se tornar a mãe de Marco. Com o tempo, esperava que ela aprendesse a se sentir mais à vontade com a criança e o amasse como ele deveria ser amado.

— Podemos jantar, agora — anunciou ele, quando Robin voltou à sala de estar, com os cabelos novamente presos em um coque, aparentando a mulher fria que chegara ao seu apartamento menos de meia hora atrás.

— Está bem — aceitou distante, antes de se dirigir à sala de jantar que ele indicou.

Uma mulher que qualquer homem adoraria ter nos braços, pensou Cesare,

enquanto contemplava o balanço suave dos quadris curvilíneos à sua frente.

Ou na cama...

— Já decidi o que vai dizer a seu pai sobre o nosso futuro casamento? — incitou, após vê-la sentar-se do lado oposto ao dele na pequena e íntima mesa onde seria servido o jantar.

Robin fitou-o cautelosa.

— Creio que já lhe disse antes que não está nada decidido com relação a um casamento entre nós dois.

Cesare curvou os lábios num sorriso cínico.

— Pode relutar o quanto quiser, mas o casamento *vai* se realizar.

Conseguira se manter firme, Robin percebeu com alívio. E não ousaria agir de forma diferente, porque se Cesare sequer imaginasse como ela estava se sentindo em relação a Marco, todo seu poder de barganha estava perdido. E teria muito pouco para começar!

— Talvez — concordou desinteressada, evitando a intensidade daqueles olhos escuros, enquanto fixava o guardanapo sobre o colo e se preparava para comer a travessa de frutos do mar servida como entrada. — Como estamos lidando com meu pai — ela fez uma pausa, como se quisesse refletir sobre o assunto. — Não creio que aceite que eu me envolva em um casamento sem amor.

Cesare arregalou os olhos.

— Lembro-me de ter lhe dito que concordaria com o que você decidisse contar a ele, mas não está esperando que me comporte como um homem apaixonado na frente de Charles, está?

— Isso está além da sua capacidade, não é? — devolveu Robin irritada com o tom de incredulidade na voz dele. — Ou é apenas totalmente impossível para você? — acrescentou num tom suave ao perceber a expressão de desprezo no rosto masculino. — Não pode fingir estar apaixonado porque nunca se apaixonou, não é mesmo? — incitou curiosa.

— Amor — bufou ele. — Meu pai amava tanto a minha mãe que quando ela morreu se afundou na bebida até destruir a própria vida. Carla amava o pai de Marco, que a abandonou quando soube que estava esperando um filho dele! Ao contrário do seu marido que não a quis mais, uma vez que se recusara a lhe dar um filho. Não preciso me apaixonar, para saber que o amor é uma emoção destrutiva!

Robin estava preparada para argumentar o assunto, até ele mencionar o seu casamento.

Amava Giles quando se casara com ele e pensava que o marido também a amava. Mas aquele amor não fora forte o bastante para resistir à decepção de Giles, quando soube que ela não era capaz de lhe dar os filhos que ele queria.

E já sabia que apaixonar-se por Cesare Gambrelli seria uma enorme loucura para qualquer mulher.

Não, amar Marco e ser a esposa daquele homem, mesmo contra a sua vontade, era o máximo a que estava disposta a ir.

— É verdade — reconheceu. — De qualquer maneira, por causa do meu pai, acho que se de fato temos que prosseguir com esse casamento, teremos que nos comportar durante algumas semanas como se estivéssemos apaixonados.

Cesare a fitou frustrado, sabendo que aquele era o preço que ela estava exigindo para concordar em se casar com ele, sem argumentos adicionais ou delongas. Um preço alto, porém concedido. Um preço que normalmente nem mesmo teria considerado. Mas talvez a farsa lhe trouxesse benefícios que Robin ainda não parará para considerar.

Inclinou a cabeça de modo arrogante.

— Nesse caso, sugiro que comecemos a fingir hoje mesmo, com você não voltando para a casa do seu pai como é o esperado. Isso o fará imaginar, sem precisar lhe dizer uma palavra sobre nós dois, que você tem um amante.

Robin recostou-se no espaldar da cadeira e o fitou admirada.

— *Touché*, Cesare — admitiu por fim. — Ninguém jamais poderia acusá-lo de perder o controle sobre uma situação, não é?

Perder o controle sobre qualquer situação nunca estivera nos planos de Cesare Gambrelli.

Levara muitas mulheres para a cama e se considerava um amante atencioso, apenas enquanto durava seu interesse pela parceira. Mas todos os seus relacionamentos sempre estiveram sob seu total controle. Jamais sentira outras emoções, além de desejo. E não importava. Podia até fingir por causa de Charles, mas não sentiria nada por Robin.

Amor tornava as pessoas tolas, como o seu pai e Carla. Era uma armadilha na qual não pretendia cair.

Ele encolheu os ombros.

— Sugiro que após o jantar, ligue para o seu pai e o informe que passará a noite fora.

O que faria, pensou Robin, com que o pai tirasse as próprias conclusões.

Charles provavelmente ficaria satisfeito com o progresso da filha. Afinal, nunca fizera segredo da preocupação que sentia, desde que ela se separara do marido e começara a levar uma vida reclusa, dedicando-se por inteiro ao trabalho na Ingram Publishing e evitando ter uma vida social. Encararia qualquer provável sinal de envolvimento da filha com um homem, como uma coisa benéfica, em vez de ficar preocupado. Até saber que Cesare Gambrelli era o homem com quem ela estava envolvida, é claro. Então sua reação poderia ser completamente o oposto!

Mas pensaria nisso mais tarde. Por ora, teria que se concentrar em terminar aquela noite, em falar e ligar para o pai, antes de passar a noite em um dos muitos quartos daquela suíte de cobertura do hotel London Gambrelli.

A menos que...

Robin olhou para Cesare com um olhar suspeito.

— Não tenho nenhuma intenção de compartilhar seu quarto hoje à noite! — disse num tom determinado.

As sobrancelhas escuras se ergueram devagar.

— Não me lembro de ter lhe pedido tal coisa.

— É que estou aprendendo depressa que você não pede, exige.

Cesare a fitou zombeteiro, desfrutando a furiosa e rebelde Robin, muito mais do que a socialite fria que chegara minutos antes em seu apartamento.

— Posso lhe assegurar que não pretendo compartilhar meu quarto com você hoje à noite.

Robin não parecia convencida. Nem podia. A garantia de que Cesare não compartilharia o quarto dele não significava que não pretendesse compartilhar o *dela*.

— Ora vamos, Robin — encorajou-a, enquanto erguia o garfo ao lado do prato. — Vamos saborear nossa refeição e conversar sobre assuntos gerais. O jantar de caridade foi bem-sucedido, fim de semana passado?

Robin ainda parecia desconfiada quando pegou seu garfo na mesa.

— Bastante — confirmou por fim. — Na realidade, um anônimo benfeitor, que coincidentemente também não pôde ficar para o jantar, nos deixou uma doação de cinquenta mil libras — explicou, com um olhar aguçado na direção dele.

Cesare sorriu.

— Foi por uma boa causa. Ela assentiu com a cabeça.

— Crianças deficientes.

A mandíbula de Cesare se contraiu.

— Seu pai me considera uma pessoa insensível. Concorde com ele?

Robin não sabia o que pensar sobre aquele homem. Era obviamente o doador anônimo e seu amor por Marco era inquestionável. Mas por razões de vingança também era capaz de forçar uma mulher que não amava a se casar com ele.

Era um enigma que lhe causava uma fascinação inexplicável.

Pegara-se pensando nele mais do que devia nos últimos dias!

— Só com as pessoas de sobrenome Ingram — respondeu desafiadora.

— Então é bom que seu nome em breve se torne Gambrelli, não é?

Ela o fitou durante vários segundos antes de suspirar.

— Como sugeriu, Cesare, vamos comer — redarguiu, evitando encará-lo.

Gambrelli permaneceu parado e em silêncio por vários segundos e Robin só voltou a respirar confortavelmente quando ele por fim começou a comer.

— Não gosta de ostras? — perguntou ele depois de vários minutos, quando Robin afastou o prato sem tocar nos dois moluscos suculentos que permaneceram na travessa.

Ela lhe lançou um olhar astuto.

— Se acha que isso vai lhe fazer bem, fique à vontade para comê-las! — afirmou ciente da reputação das ostras de serem um poderoso afrodisíaco.

— Oh, acho que duas são o bastante por uma noite — replicou sardônico.

Bem, sua tentativa de escárnio saíra pela culatra, reconheceu Robin, quando Cesare se ergueu para remover os pratos. A proximidade morna daquele corpo másculo a fez tremer ligeiramente.

Passar a noite ali talvez não fosse uma boa idéia.

Afinal, só porque ia falar com o pai que passaria a noite fora, não significava de fato que deveria ficar ali, na suíte de Cesare Gambrelli, não é?

Claro que não.

— Quer que eu o ajude? — ofereceu-se, olhando para onde Cesare se encontrava, pegando os pratos principais e se sentindo mais segura após ter tomado a decisão de não permanecer ali.

— Por que não? — Ele se endireitou quando ela se aproximou. — Quanto mais cedo se acostumar com seus deveres de esposa, melhor — acrescentou provocante.

Havia um "dever de esposa" que ela sabia que jamais se acostumaria. Não havia modo de se sentir confortável em ser amante daquele homem.

Oh, fisicamente o desejava, não havia como negar, depois de responder intensamente a seu mais leve toque. Mas sempre acreditara que o prazer físico deveria vir acompanhado de amor. Casara virgem e não tivera outro amante desde que seu casamento terminara.

— Talvez esteja na hora de discutirmos as condições desse casamento fictício — disse Robin num tom calmo, enquanto colocava bifes e legumes sobre os pratos, uma porção maior para Cesare e uma bem menor para ela.

Ela colocou os pratos sobre a mesa na frente de ambos, antes de se sentar novamente.

— Já concordei em satisfazer as sensibilidades do seu pai em relação ao nosso casamento. Creio que não esteja em posição para reivindicar mais nada de mim.

Embora admirasse a irritação dela, não sentia nenhum pesar por seus sentimentos.

— De qualquer maneira... — disse ela com a voz firme. — ...se eu concordar em me casar, coisa que ainda não decidi, então também pretendo dar alguns palpites sobre a natureza do casamento.

Cesare sorriu, certo de que sabia exatamente a que parte do casamento ela se referia.

— Vá em frente — incitou seco, decidindo que era melhor comer um pouco do delicioso bife a sua frente. Pela pouca experiência que tinha em lidar com aquela mulher, seu apetite poderia abandoná-lo a qualquer momento.

Robin ergueu o queixo em desafio, os olhos violeta brilhando.

— Talvez possamos começar pondo um fim nesse modo zombeteiro de responder a

tudo que eu digo — disparou ela.

O sorriso de Cesare se alargou.

— Talvez se você deixar de fazer comentários que me façam achar graça, eu seja capaz de fazer isso — respondeu lacônico.

— Fico feliz por você achar tudo tão divertido. Particularmente, não acho graça alguma nessa situação!

Sim, Cesare estava certo quanto a perder o apetite. Pelo menos pela comida...

Gostava do rubor que aquecia aquela face de porcelana, do brilho profundo daqueles olhos violeta, do modo como os seios delicados se projetavam de encontro ao tecido fino do vestido, quando ela enrijecia os ombros, indignada com a sua inabilidade de levá-la a sério.

Mas o que ele desejava de verdade era despi-la e fazer amor com ela naquele momento.

— Não estou achando graça, Robin — assegurou com a voz rouca. — Mas talvez devêssemos adiar esta conversa para depois do jantar.

— Não estou com fome. — Ela afastou o prato, o corpo rígido de raiva.

Nem ele, pensou Cesare. Seu apetite agora era por algo muito mais tátil do que comida.

— Não se comporte como uma criança.

— E o que estou fazendo?

— Creio que sim — respondeu ele.

— E se o grande Cesare Gambrelli acredita que sim, então deve ser verdade — menosprezou ela.

Cesare estudou-a por alguns segundos.

— Por que está deliberadamente provocando uma discussão entre nós dois, Robin? — perguntou por fim.

— Não estou provocando, estou?

— Você sabe que sim.

Estava agindo daquela maneira porque sabia que o desejava, pensou ela. Porque percebera o modo como ele a fitava, segundos atrás. Porque vira o desejo estampado naqueles olhos escuros, antes de Cesare disfarçá-lo. E, nesse momento, seu corpo inteiro zuniu ciente do próprio desejo!

Porque não queria desejá-lo!

— Perdoe-me — desculpou-se Robin sem tentar esconder o sarcasmo. — Fico um pouco exaltada quando um homem esta me chantageando para me levar para a cama.

A respiração de Cesare assobiou entre seus dentes contraídos.

— Seus deveres básicos como minha esposa serão ser mãe de Marco e minha

amante!

— Não desejo me tornar sua amante! — disparou convicta, embora seu corpo traidor não concordasse com tal afirmação.

— Todas as evidências apontam para o contrário, minha querida Robin. — Cesare ergueu uma sobrancelha.

— Bastardo, bastardo, bastardo! — ela repetiu sem deixar de encará-lo. — Tenho nojo de você, Cesare Gambrelli.

— Talvez queira me mostrar mais uma vez o quanto tem nojo de mim? — provocou ele, erguendo-se e contornando a mesa na direção dela.

Muito longe. Fora muito longe, reconheceu Robin, tentando se afastar daquele homem.

Pretendia conseguir que ele a ouvisse, que levasse suas reivindicações a sério, não provocar uma resposta física da parte dele.

Enquanto sua pulsação acelerava e a respiração ficava presa na garganta, a boca de Cesare capturou a dela com um beijo ardente, faminto e sensualmente instigante, não lhe permitindo nenhuma oportunidade de negar os anseios traiçoeiros do seu corpo.

A língua pontiaguda deslizou, explorando-lhe os lábios e despertando-a de tal modo que Robin não tinha mais certeza do que pretendia, apenas sabia que não queria parar. Todas as suas partes vitais desejavam fazer amor com aquele homem com uma intensidade que ela jamais sentira antes.

Seus lábios se entreabriram e ela o beijou com sofreguidão. Suas mãos se entrelaçaram na densidade escura daqueles cabelos e suas línguas travaram um duelo sensual, enquanto ela pressionava o corpo de encontro ao dele.

Fogo. Aquela mulher era puro fogo. E Cesare Gambrelli desejava se consumir em suas labaredas ardentes. E queria que Robin se perdesse no inferno que se enfurecia em seu interior.

Levado pelo ímpeto da paixão, aprofundou o beijo e libertou-lhe os cabelos, para uma vez mais emaranharem-se em sua mão, sedosos e perfumados. Inebriado, deslizou a outra mão, acariciando-lhe as curvas esbeltas das costas e dos quadris. Ao perceber que um forte tremor sacudiu o corpo feminino, ergueu-lhe a bainha do vestido e começou a afagá-la de baixo para cima.

Robin suspirou quando aquela mão ousada tocou-lhe a carne nua sobre as meias-calças. O suspiro se transformou em um gemido quando a mesma mão se moveu segura para o calor que lhe aquecia a parte interna das coxas.

Os dedos de Cesare afastaram a seda da calcinha pretas e tocaram os cachos de pelos sedosos, antes de se moverem para o centro pulsante da sua feminilidade, tocando-a, sentindo-a intimamente, de modo a fazê-la abrir-se de imediato para ele.

Ela estava úmida. Úmida e preparada. Cesare continuou a beijá-la, ao mesmo tempo em que afastava a mão dos cabelos macios e abria-lhe o zíper do vestido, deslizando-o devagar, até a peça desabar no chão. Então descobriu a excitação atrevida

dos seios que respondiam às carícias dos seus dedos e percebeu que cabiam perfeitamente na palma da sua mão. Com o dedo polegar friccionou o botão rosado e sentiu a umidade aumentar entre as coxas de Robin.

Ela se sentiu perdida. Desde o primeiro beijo que aquele homem lhe dera, não foi mais capaz de lutar contra a paixão vulcânica que queimava abaixo da superfície entre os dois, durante toda a noite. Quando Cesare capturou-lhe um mamilo intumescido entre os lábios, provando-o, antes de sugá-lo profundamente com o calor de sua boca e sem parar de lhe atijar a zona úmida no interior das coxas, ela ofegou.

Sua respiração se transformou em um soluço incontido à medida que se movia ritmicamente contra os dedos dele.

Sentindo um terremoto se aprofundar em suas entranhas, intensificou as investidas, estremecendo e convulsionando, em movimentos febris, ao redor da mão que a acariciava. Um êxtase que parecia não ter fim já que Cesare continuava a estimulá-la, enchendo seu corpo inteiro com um prazer de derreter os ossos e que ela não queria que cessasse nunca mais.

CAPÍTULO SEIS

Será que haveria algum modo digno de sair daquela situação?, Robin desejou saber, segundos depois, completamente embaraçada, enquanto recuperava a compostura.

Não, não havia, decidiu, sentindo-se desconfortável pela sua falta total de controle. Em primeiro lugar, estava usando apenas calcinha, meia-calça e as sandálias de noite, enquanto Cesare continuava vestido da cabeça aos pés.

Não que estivesse totalmente alinhado, percebeu ela, ao fitá-lo por sob os pesados cílios. A camisa de seda se encontrava desabotoada, onde os dedos dela buscaram o toque da carne nua e os cabelos escuros semilongos ligeiramente desalinhados pelos mesmos dedos que se emaranharam nos fios densos e macios.

Havia um rubor de excitação nas maçãs do rosto altas. Uma excitação que ele não havia satisfeito.

Que *ela* não havia satisfeito!

Podia fazer algum tempo desde que se envolvera intimamente com um homem, mas sabia que nunca fora uma amante egoísta. Falta de consideração física em relação ao parceiro era algo do qual Giles não podia acusá-la.

Embora não conseguisse lembrar de ter respondido ao marido com tamanho abandono como experimentara com Cesare!

Mas, embora tivessem se passado apenas alguns segundos, não era um pouco tarde para tentar proporcionar a Cesare o prazer que seu corpo excitado, pressionado contra o dela, tão obviamente almejava?

— O que está pensando agora? — A voz de Cesare soou grave no silêncio que se instalara entre os dois.

Robin hesitou antes de responder.

— Que este é o momento mais embaraçoso de toda minha vida — confessou honesta.

— Embaraçoso? — repetiu ele, recuando um passo para fitá-la. Robin tinha os cabelos desalinhados, os olhos exibiam um brilho profundo e a boca ficava ligeiramente in-tumescida pela intensidade dos beijos dele. Os seios ainda estavam túrgidos pelo toque das suas mãos e lábios, e havia uma letargia em seus membros que expressavam o êxtase que ela experimentara momentos antes.

— Você está linda — assegurou ele. — Aliás, quando formos marido e mulher, quero que me odeie deste modo todas as noites de nossa vida de casados.

— Está tão seguro que depois... disto me casarei com você, não é? — acusou indignada e se ajoelhou para erguer o vestido do chão acarpetado e segurá-lo contra os seios nus.

Cesare sentiu que Robin estava mais uma vez deliberadamente provocando-o. Porém, a dor do seu corpo insatisfeito significava que não tinha nenhum humor para outra discussão.

Não havia como Robin poder negar sua resposta física a ele ou a resposta dele a ela e qualquer tergiversação adicional entre os dois era insensata.

Cesare inclinou a cabeça e a fitou.

— Sugiro que diga a seu pai que nos casaremos assim que a licença especial seja providenciada.

— Oh, você sugere, não é? — Robin repetiu sarcástica enquanto fechava o zíper do vestido firmemente.

— Sim, sugiro — repetiu enfático e a familiar dor no corpo não fazia nada para melhorar seu temperamento.

O que acontecera minutos antes indicava que os dois iriam juntos para a cama e terminariam o que haviam começado. Mas um olhar à expressão rebelde de Robin deixou claro que isso, definitivamente, não aconteceria!

Não importava. Teria o resto da vida para desfrutar daquela mulher sensual. Seria preciso esperar alguns dias, talvez, semanas. A demora só faria sua antecipação mais doce...

— Pelo menos me dê algum crédito por não ter feito dessa sugestão uma ordem, Robin.

Ela deu um bufo zombeteiro.

— Não tenho qualquer intenção de lhe dar algum crédito por coisa alguma!

Cesare ergueu as sobrancelhas grossas sobre os olhos castanho-escuros.

— Nem mesmo por ser um amante atencioso? — escarneceu num tom suave.

— Por ser experiente, você quer dizer! — rebateu desgostosa, voltando a corar pela falta de controle anterior.

E por algo mais, se Cesare não estivesse enganado. Talvez por não ter tido a mesma consideração pelo prazer dele?

— Tive outras amantes, é verdade — reconheceu. — Mas você também...

— Um — corrigiu Robin. — O que aconteceu entre nós jamais teria acontecido se... — Ela pausou de repente. — Tenho que ir embora — murmurou com um fio de voz.

Não era o que haviam planejado para aquela noite, Cesare sabia, mas, por causa do que ocorrera, estava inclinado a concordar.

Sem dúvida passaria uma noite frustrado e inquieto. Embora sentisse um doce consolo pelo fato de Robin ter dito que seu único amante fora o ex-marido...

Era uma surpresa, uma surpresa deveras agradável, e a resposta desinibida daquela mulher encorajou-lhe a convicção de que ela o aceitaria como marido, mais cedo do que podia imaginar.

— Muito bem — disse ele. — Permitirei que...

— Não tem que permitir coisa alguma, Cesare — cortou ela impaciente. — Meu Deus, como é arrogante — acrescentou aborrecida. — Vou partir agora porque quero, não porque você está permitindo! Não pense que pode me controlar com prazer físico. Porque não pode!

Teria sido essa a sua intenção? Entretanto, o prazer físico que experimentaram juntos não era uma arma a ser usada, mas para ser desfrutada, até mesmo celebrada.

Será que Robin não se dava conta de que o prazer que sentira aquela noite era mais raro do que podia imaginar? Que não importa o que todas as revistas femininas escreviam a esse respeito, muitas mulheres passavam pela vida sem experimentar um único orgasmo nos braços do parceiro. Prazer, sim, mas não necessariamente a resposta profunda e orgástica que Robin vivenciara com tanta espontaneidade.

Cesare não estava a ponto de recusar o presente que ela havia lhe dado, atirando isso em sua face bonita.

— Então vá, Robin. Se concordar, nos encontraremos novamente amanhã à noite.

— Em um restaurante dessa vez! — informou ela depressa, com olhos flamejando de raiva.

Cesare esboçou um breve sorriso.

— Em um restaurante — concedeu. — Não pense que poderá me controlar com prazer físico também, Robin — advertiu ele.

Os olhos dela se alargaram e, em seguida, ela fez uma carranca, antes de se virar e deixar a suíte.

Cesare ouviu as portas do elevador se abrirem e segundos depois se fecharem.

Não importava.

Teria a noite seguinte. E a outra. E todas as outras noites para o resto da vida...

— Você jantou com quem ontem à noite, Robin? — perguntou Charles incrédulo, enquanto se sentava à mesa para o desjejum na manhã seguinte.

— Oh, papai, como sei que não há nada de errado com sua audição, estou certa de que me ouviu da primeira vez. — Robin ergueu as sobrancelhas, os cotovelos descansando sobre a mesa e uma xícara de café nas mãos.

Embora não tivesse jantado exatamente com Cesare ou pelo menos ambos não haviam terminado de comer, reconheceu pesarosa, ainda embaraçada ao lembrar os minutos passados nos braços daquele homem na noite anterior.

Jamais lhe acontecera tal coisa. O lado físico do seu casamento com Giles fora bastante satisfatório no começo. Menos quando iniciaram os testes, tabelas e medições de temperatura, que fizeram parte do esforço dos dois para conceber a criança que Giles tanto desejava. A criança que Robin também queria. Que agora teria em Marco, se o casamento com Cesare Gambrelli se realizasse.

E agora que conhecera o menino, tinha toda intenção de se casar.

Robin acordara aquela manhã, na própria cama, graças a Deus, tomada por um sentimento que só poderia descrevê-lo como uma languidez de satisfação, causada pelo envolvimento sexual com Cesare, ela sabia.

Aquela languidez, o fato de que quando ela e Cesare se casassem se tornaria sua esposa no sentido amplo da palavra, bem como a alegria pela perspectiva de ser a mãe de Marco, encorajaram-na a começar o difícil processo de contar ao pai sobre o relacionamento dos dois.

Quanto mais cedo ele soubesse, mais cedo ela poderia se tornar mãe daquele menininho encantador.

O pai parecia magoado pelas notícias ao fitá-la através da mesa de café da manhã.

— Eu... Mas... Cesare Gambrelli, Robin? — explodiu por fim com um tom de descrença. — Eu nem sabia que você conhecia esse homem.

— Você nos apresentou sábado passado no jantar de caridade, não lembra? — A voz soou suave.

— Bem, sim, mas... — Charles sacudiu a cabeça. — Quando vocês dois se encontraram novamente? — perguntou, franzindo o cenho.

Robin sabia que aquela conversa seria no mínimo delicada e que Cesare não era o mais paciente dos homens. Se ela não falasse logo com o pai, por certo ele o faria. Então era melhor ele saber por ela.

— Ele veio até aqui para me ver. — Deliberadamente não revelou que isso ocorrera no dia anterior. — Para me convidar para jantar. E eu aceitei.

— Ele veio aqui? — A face do pai ficou pálida.

— Sim. — Robin inclinou a cabeça. — Há alguma razão que o impeça?

O pai se ergueu e caminhou pela sala, ainda de roupão, já que era sábado de manhã e ele não tinha que trabalhar. Embora tivesse escovado os cabelos e se barbeado antes de descer para o desjejum.

— Talvez devesse ter lhe falado sobre isso antes — admitiu. — Mas não podia imaginar que você e Gambrelli se encontrariam depois do jantar de caridade. Maldição, eu esperava que você não o encontrasse nunca mais! Lembra do outro motorista envolvido no acidente de Simon...

— Era a irmã caçula de Cesare, Carla — cortou ela num tom calmo. — Sim, eu sei.

— Você sabe? — O pai tomou fôlego e ele estacou. Robin fez um gesto de assentimento.

— Cesare e eu conversamos sobre isso.

— Vocês conversaram sobre isso?

— Papai, tenho certeza que já podia ter lhe contado mais se você parasse de repetir tudo que eu digo. E, sim — suspirou ela. — Cesare e eu conversamos sobre o acidente e a morte de Simon e Carla. Estranhamente, isso só nos levou a acreditar que estávamos destinados a nos conhecer...

Estava exagerando um pouco, Robin sabia, mas, para o seu próprio bem, de fato tinha que convencer o pai que seu relacionamento com Cesare era um casamento por amor e não a *vendetta* contra a família Ingram.

O pai a fitou transtornado só de pensar no envolvimento da filha com Cesare Gambrelli. E o que sentiria se soubesse que sua amada filha estava sendo forçada a se casar com aquele homem?

Ou pelo menos *que fora* coerção da parte de Cesare...

Conhecer Marco, segurá-lo nos braços, ser cativada pela inocência do sorriso do sobrinho dele, mudara tudo.

Robin recusou-se a admitir que o prazer que sentira na noite anterior nos braços de Cesare também poderia ser um motivo que a fez mudar de atitude.

— Papai, não seria maravilhoso se algo bom pudesse resultar dessa tragédia? — Ela o fitou suplicante, um pouco envergonhada por usar tal artifício feminino para convencer o pai, afinal ele nunca fora capaz de resistir ao apelo daqueles olhos cor de violeta.

Seria melhor que o pai expressasse logo suas reservas, e ela acalmá-lo em relação a isso, do que saber a verdadeira razão pela qual ela estava saindo com aquele homem e então se recusar totalmente a permitir que ela obedecesse às exigências de Cesare.

— Bem, sim, claro que seria — concordou Charles. — Mas escrevi a esse homem depois do acidente, você sabe. A carta voltou dentro de outro envelope, uma semana depois, rasgada em quatro pedaços! — Ele fez uma careta. — Tive a nítida impressão de que se ele pudesse teria enfiado uma faca em minha garganta! — acrescentou com um tremor.

Então Cesare recebera a carta de condolências e por certo a lera, antes de devolvê-la de um modo que só podia ser entendido como uma ameaça.

Não era de admirar que o pai a tivesse advertido para se afastar do italiano.

Robin curvou os lábios num sorriso pesaroso.

— Cesare pode ser um pouco dramático, não é? — disse, forçando o som de afeto na voz. — É aquele sangue latino — continuou. — Mas posso lhe assegurar que ele não está mais bravo com o que aconteceu.

O pai dela parecia cético.

— Tem certeza disso?

— Sim — Robin assegurou, colocando a xícara na mesa e se erguendo para lhe dar um abraço. — Agora, desfaça essa carranca e fique feliz por mim. Quero apresentar-lhe Cesare como seu futuro genro qualquer dia desses! — contou num tom alegre.

— Você vai se casar com esse homem? — o pai perguntou descrente.

— Se ele me pedir, sim. — Robin assentiu com a cabeça. — E acredito que ele fará isso em breve.

— Mas disse que não ia se casar novamente! Que nenhum homem ia querê-la porque você não podia ter filhos, embora eu jamais tenha acreditado nisso.

— Cesare já possui um herdeiro do sexo masculino, logo não vai se importar com o fato de eu não poder lhe dar filhos — disse ela, não muito inclinada em revelar exatamente quem era o herdeiro.

Na realidade, seria melhor se ela mudasse logo de assunto.

— Cruze seus dedos por mim, papai? — encorajou-o feliz.

O pai ainda aparentava como se preferisse trancá-la no quarto e mantê-la lá até Cesare Gambrelli desaparecer completamente de Londres. Mas, como não estava a ponto de fazer tal coisa, não tinha escolha se não aceitar o que filha decidira.

— Tome cuidado, Robin — disse Charles, acariciando-lhe a face num gesto afetuoso. — Não confio nesse homem.

— Não seja tolo — Ela sorriu confiante. — E claro que tomarei cuidado — assegurou, sentindo o coração apertado pela decepção que estava causando ao pai, porém ciente de que doeria muito mais se ele descobrisse a verdade, a proibisse de se casar com Cesare, e o italiano levasse a cabo a ameaça de destruir a Ingram Publishing.

Não, era muito melhor daquele modo, reassegurou-se.

Mas não pretendia ser tão complacente com Cesare, quando o encontrasse mais tarde no restaurante Gregori naquela noite, como haviam combinado mais cedo durante um telefonema. Não tinha intenção de voltar a facilitar as coisas para aquele homem como fizera na noite anterior, respondendo às suas investidas com toda aquela ânsia.

— Dormiu bem ontem à noite? — incitou Cesare sucinto, após ter feito o pedido.

— Muito bem, obrigada — respondeu Robin num tom vivaz. — E você?

Como um gato selvagem, pensou Cesare irritado. Sabia muito bem que bastava olhar para ele para ver os círculos escuros que lhe sombreavam os olhos, as linhas de tensão ao lado do nariz e boca e deduzir que ele não dormira direito. Em vez disso, caminhara de um lado para o outro na suíte até as cinco da manhã, quando desceu para a academia de ginástica, a fim de gastar um pouco da energia acumulada pela frustração sexual, no aparelho de remo durante uma hora.

Por outro lado, Robin aparentava estar revigorada e desperta. O vestido lilás escuro combinava com a cor dos seus olhos. Os cabelos caíam-lhe sobre os ombros soltos e nas orelhas usava um par de argolas de ouro. O *gloss* de pêssego nos lábios era um convite a beijá-los.

Um convite que fez Cesare desejar se livrar de tudo sobre a mesa, deitar Robin em sua superfície e possuí-la ali mesmo.

— Não brinque comigo — advertiu ele num tom frio. — Não estou disposto a joguinhos.

— Santo Deus, a frustração sexual só piorou o seu humor, não é? — zombou ela, antes de se virar e sorrir para o *sommelier* que vertia um pouco de champanhe na taça de Cesare.

Cesare provou um gole antes de colocar a taça de volta na mesa.

— Está com gosto de rolha. Traga outra da safra de 63. Resfriada à temperatura correta dessa vez.

— Sim, senhor. — O assustado *sommelier* pegou a garrafa e as duas taças e se afastou apressado.

— Isso não foi nada gentil — Robin o repreendeu suavemente quando voltaram a ficar a sós.

Os olhos escuros faiscaram. Cesare a fitou com uma carranca.

— Pensei que ambos tivéssemos concordado que não sou um homem gentil.

Robin não se lembrou de terem concordado sobre aquilo, mas Cesare não fora muito cortês com o *sommelier*.

O pobre homem, por certo, estava arrasado na adega naquele momento, conferindo desesperado a temperatura da segunda garrafa de champanhe, antes de voltar à mesa.

— Deixarei uma vultuosa gorjeta no final da refeição, se isso a fizer se sentir melhor, Robin.

— Bem, não, a questão não é me fazer sentir melhor, não acha? — argumentou, atenta ao fato de que o autocontrole de Cesare estava por um fio. — Não foi comigo que você foi rude.

— Não fui rude — disparou ele uma vez mais, ao mesmo tempo em que o *sommelier* aparecia ao lado da mesa, suspirando e abrindo outra garrafa de champanhe. — A culpa não foi sua pela garrafa anterior não estar... aceitável — assegurou Cesare num tom suave, sabendo que não havia nada de errado com a primeira garrafa de champanhe. Fora ríspido

com o outro homem apenas porque Robin lhe sorria tão calorosamente.

Seus sorrisos e tudo nela lhe pertenciam!

Não que ela tivesse dado muitos sorrisos em sua direção, mas Cesare se ressentira com ela profundamente por expressar seu bom humor a qualquer outro.

Nunca fora possessivo com suas amantes. Seus relacionamentos anteriores, sempre breves, nunca duravam mais que um ou dois meses. E ao primeiro sinal de qualquer intenção séria da parte das mulheres, terminava e sumia.

A possessividade que sentia em relação a Robin talvez se devesse ao fato de que ela seria sua futura esposa e, como tal, exigia exclusividade, convenceu a si mesmo.

— Então? — Robin sorriu travessa assim que o *sommelier* deixou a mesa. — Não doeu muito, doeu?

— Não me desculpei porque você julgou necessário — esclareceu arrogante. — Apenas reconheci que não fui muito... educado.

Não, não fora, Robin reconheceu, mas duvidava que alguém, alguma vez, o tivesse repreendido por ele ter sido indelicado, como ela acabara de fazer.

Robin recostou-se no assento, enquanto a entrada era servida. Patê para Cesare, salmão defumado para ela. Estava ciente do fato de que várias outras mulheres no restaurante olharam fascinadas para Cesare quando ambos chegaram algum tempo atrás, e que várias dessas mulheres continuavam a fitá-lo avidamente.

Ele aparentava ainda mais alto, moreno e bonito naquela noite. Os cabelos escuros caíam em cachos sobre o colarinho da camisa cinza-clara que ele usava sob um terno grafite. As feições marcantes e os olhos castanho-escuros chamavam atenção. O elegante terno delineava-lhe os ombros largos, os quadris estreitos e as coxas avantajadas.

Algo que despertava o interesse de pelo menos meia dúzia de outras mulheres no restaurante.

— Esse casamento que está propondo entre nós dois — começou Robin sem tirar os olhos do prato de salmão defumado. — Trata-se de uma relação exclusivista ou espera que eu ignore os seus casos? — Ela lhe lançou um olhar desafiador.

Cesare havia começado a comer uma torrada com patê, mas a pousou no prato e a fitou com uma carranca.

— Ficaria aborrecida se eu esperasse isso de você? — sondou num tom suave.

— Ninguém gosta de ser feito de bobo. Apenas pensei que poderia ser melhor se eu soubesse do caso antes do casamento, é isso.

Não, não era só isso, Cesare refletiu sombrio. Se ele mantivesse uma amante fora do casamento, sem sombra de dúvida Robin consideraria a hipótese de ter a mesma liberdade. Mas, como ele jamais compartilhara uma amante, não pretendia compartilhar a esposa também.

— Não haverá amantes, Robin — jurou ele. — Não faço idéia por que acha que haveria quando terei uma esposa linda e desejável esperando por mim em casa. Agora, será que podemos comer nossa refeição esta noite sem o perigo da indigestão que estou

certo que ambos sofremos ontem? — acrescentou, antes que ela pudesse revidar com algumas de suas respostas inteligentes. Robin ergueu as sobrancelhas loiras.

— Já lhe disse que dormi perfeitamente bem ontem à noite.

Cesare a fitou frustrado durante vários e longos segundos, antes de se curvar para a frente e aprisionar seu olhar assustado.

— Talvez eu devesse adverti-la que neste momento este tampo de mesa está me parecendo bastante tentador para deitá-la e fazer amor com você — sibilou entre os dentes.

Os olhos violeta permaneceram presos aos dele por mais alguns segundos, como um cervo pego nos faróis de um carro. A forte tensão sexual entre ambos era quase palpável.

— Ótimo. Estou vendo que nós nos entendemos. — Ele acenou com a cabeça satisfeito ante ao silêncio dela, exibindo uma fileira de dentes muito brancos quando sorriu. — Agora podemos comer? Por favor? — pediu secamente, ao se lembrar da reação daquela mulher a qualquer coisa que interpretasse como uma ordem dele.

A mão de Robin tremeu ligeiramente quando ela pegou o garfo e começou a comer o salmão defumado, sem desfrutar a delicadeza de sua textura, ao se dar conta da consciência sexual que cantava uma vez mais em suas veias.

Jamais se sentira tão desperta por outro homem e desejou saber o que aquilo significava.

Se é que significava alguma coisa.

Podia ser apenas mais uma daquelas mulheres frustradas que sentiam falta de sexo ao término do casamento. Especialmente depois de saber que Cesare era um amante maravilhoso.

— Conversei com meu pai sobre você essa manhã — aventurou-se uma vez finda a entrada e os pratos recolhidos. Cesare ergueu as sobrancelhas escuras.

— De que modo? Ela fez uma careta.

— Conte que me violou a noite passada e agora me vejo obrigada a casar com você! De que modo acha que falei de você, Cesare? — suspirou impaciente com a suspeita no tom de voz dele.

Cesare encolheu os ombros largos.

— Poderia ter decidido lhe contar sobre minhas intenções de destruir a Ingram Publishing.

— Pouco provável, depois de todos os problemas que já escondi dele.

— Problemas? — Cesare repetiu com uma voz perigosamente suave.

A face de Robin corou. Sabia que ele estava se referindo ao tempo que ela passara nos braços dele na noite anterior.

— Disse ao meu pai que apenas começamos a sair depois que fomos apresentados na semana passada. E que quando você me propuser casamento, pretendo aceitar.

Cesare esboçou um sorriso sem humor.

— E como Charles reagiu à possibilidade de me ter como genro?

— Bem mal — Robin não tentou mentir. — Mas ele aceitará — acrescentou confiante.

— Admiro seu otimismo.

Era impossível não admirar aquela mulher, reconheceu Cesare.

Não havia se intimidado com as suas ameaças e falara abertamente com o pai sobre o relacionamento dos dois. O que por certo não devia ter sido fácil.

— Talvez se você não tivesse devolvido a carta de condolências de maneira tão agressiva, ele tivesse reagido melhor.

A boca de Cesare se contraiu.

— Minha irmã havia morrido há pouco tempo. Não estava me sentindo... disposto a falar com ninguém, quanto mais com um integrante da família Ingram.

Na realidade, estava com ódio da humanidade na ocasião. Carla se fora para sempre e Marco ficara completamente órfão, embora Cesare ainda não tivesse desistido de achar o homem que abandonara Carla quando ela mais precisava do seu apoio. Contratara um detetive particular para investigar quem era o amante da irmã 15 meses atrás. Com certeza descobriria quem era o pai de Marco e, quando isso acontecesse...

— Meu pai, nós dois, também estávamos sofrendo — Robin o lembrou aborrecida.

Sim, ele podia ver isso agora. Podia perceber que Robin e o pai amavam o réprobo que Simon Ingram se tornara, que sentiram a morte dele, como ele sentira a de Carla.

Mas isso não mudava nada.

Não mudava seus planos de fazer de Robin sua esposa.

Na realidade, ficara ainda mais determinado a levá-los a cabo depois da noite anterior!

CAPÍTULO SETE

— Não estou totalmente convencida de que essa é uma boa idéia — disse Robin a Cesare mais tarde, durante aquela noite, enquanto ambos se encaminhavam no elevador privativo à suíte presidencial que ele ocupava no hotel.

Ele a fitou com olhar zombeteiro, recostando-se para trás no lado oposto do elevador, aparentando indiferença.

— Com medo, Robin? — provocou-a.

— De você? Não — afirmou, categórica, apesar de os dedos apertarem a bolsa social. Não era a ele que temia, mas sim à forma como respondia àquele homem. — Apenas não estou certa de que meu pai vá encarar com naturalidade o fato de eu passar a noite toda fora, já que presumirá que estou em sua companhia.

— Tem 27 anos.

— Mas estou vivendo na casa do meu pai no momento — rebateu Robin.

Cesare deu de ombros, afastando-se para o lado para que ela saísse do elevador que havia chegado à cobertura.

— Ainda está em tempo de mudar de idéia.

Sim, estava, ainda não telefonara ao pai para avisá-lo de que não retornaria para casa naquela noite. Porém, a despeito de não saber em que lugar da espaçosa suíte Cesare esperava que ela dormisse, não desejava mudar de idéia.

A parte a incerteza sobre as intenções de Cesare, talvez visse Marco de novo e pudesse abraçá-lo outra vez como ansiava desde que o vira no dia anterior.

— Se isso a faz se sentir melhor, não considero... apropriado que dividamos um quarto esta noite — afirmou ele em tom brusco, impaciente com o silêncio meditativo de Robin. — A babá de Marco está aqui e como pretendo que nós nos casemos... não é apropriado — repetiu Cesare em tom ainda mais áspero. — E não é lisonjeiro para mim como amante que se mostre tão aliviada por não dividir minha cama — concluiu ele, desgostoso.

Parecia aliviada?, imaginou Robin. Talvez. Mas não pela razão que Cesare obviamente imaginava. Apenas era inaceitável que ela respondesse com tanta devassidão a um homem que a estava forçando a se casar com ele, através de ameaças à sua família.

— Estava apenas preocupada que você perdesse mais uma noite de sono — retrucou Robin, com um sorriso sarcástico.

Cesare a fitou com admiração, sem duvidar sequer por um instante da sinceridade de Robin.

— Muita coisa pode acontecer antes de dormirmos — argumentou ele, recompensado pelo discreto rubor que se espalhou pela face feminina. — Eu servirei uma taça de conhaque, enquanto telefona para seu pai — anunciou Cesare, enquanto adentrava a sala de estar, deixando-a deliberada-mente a sós para que pudesse fazer a chamada telefônica.

Se fosse o pai de Robin — o que não era, graças a Deus! — também se sentira preocupado com o amante que ela escolhera.

Robin tinha o cenho franzido quando entrou na sala de estar, minutos depois.

— Falei com o mordomo — explicou, enquanto aceitava a taça de conhaque que Cesare lhe oferecia. — Ele disse que meu pai parecia meio estranho esta noite e se recolheu mais cedo — concluiu Robin, distraída.

— Acha que há alguma razão para a preocupação dele? — indagou Cesare,

franzindo a testa.

Robin afastou o desalento que sentia para lhe lançar um olhar de raiva.

— Não, quando ontem você estava disposto a arruinar a editora dele e provavelmente matá-lo durante o processo! — lembrou, em tom acusatório.

O semblante de Cesare se fechou e uma ruga de expressão se formou entre os olhos quase negros. A boca contraída em uma linha tênue de desaprovação.

— Devo lembrá-la que não é a responsável pela doença atual de seu pai? — indagou ele.

Não, admitiu Robin tristonha. Decerto aquilo fora causado pela preocupação do pai em relação à obsessão de Simon pelo jogo, seguida de sua morte. Ainda que, possivelmente, seu casamento falido e o divórcio não houvessem ajudado a melhorar aquela situação.

Não obstante o motivo, o pai ainda se encontrava sob muita pressão — o que apenas confirmava sua decisão de manter os planos de Cesare para a Ingram Publishing em segredo.

Robin sorveu um revigorante gole do conhaque antes de responder.

— Estive pensando em uma forma de devolver as ações da Ingram Publishing a meu pai, antes de nos casarmos, é claro, sem que ele sequer tome conhecimento de que as ações estiveram fora do patrimônio da família...

— Não se preocupe com isso, Robin — interrompeu-a Cesare em tom arrogante.

— Mas eu me preocupo — retrucou ela. — Malogrará todo propósito de meu... minha decisão de me casar com você, se meu pai vier a saber que Simon jogou com as ações e as perdeu.

— Meu sacrifício, deveria dizer — comentou Cesare em tom sarcástico.

— Não coloque palavras em minha boca! — rebateu Robin, com os olhos violeta faiscando de raiva. — Se quisesse dizer sacrifício, teria dito, posso lhe garantir.

Sim, estava certo daquilo, admitiu Cesare em seu íntimo. A franqueza de Robin era uma das qualidades que mais admirava.

— Uma parte significativa de sua declaração anterior se refere à possibilidade de que seu pai venha a saber — começou Cesare em tom seco. — Mas não há nenhuma razão para que ele tome conhecimento desta situação — garantiu ele. — Comprei as ações diretamente do dono do cassino, que por acaso é um conhecido do meu corretor de seguros...

— Que conveniente! — Robin não pôde resistir ao sarcasmo.

Os olhos de Cesare se tornaram ainda mais escuros.

— Eu as comprei — repetiu ele, enfático. — No dia do nosso casamento lhe serão ressarcidas. E então terá total liberdade para destruir qualquer evidência de que elas estiveram fora do patrimônio de sua família.

— De fato planejou tudo, não? — inquiriu Robin. Nem tudo. Cesare sabia que não

estivera preparado para

Robin Ingram. Tampouco para o desejo insano de fazer amor com ela toda vez que estavam próximos um do outro. Como naquele momento!

— Talvez seja hora de nos recolhermos a nossos respectivos quartos — disparou ele, sucinto. — Tenho várias reuniões de negócios pela manhã e preciso ler alguns documentos esta noite antes de dormir.

Robin surpreendeu-se com a brusquidão com que Cesare estava encerrando a noite. Estivera preparada para — até esperara — uma reprise da sessão de sexo da noite anterior antes de se separarem.

Estaria desapontada por Cesare não apresentar a mesma inclinação?

Claro que não!

Estava?

Bem... talvez um pouco, admitiu, relutante, enquanto pousava com firmeza a taça de conhaque vazia na mesa de café. Aquele não era um caso de amor. Estava sendo forçada a aceitar a proposta de casamento de Cesare!

— Qual dos quartos gostaria que eu ocupasse? — indagou, azeda.

Os lábios de Cesare se retorceram.

— Poderia sugerir o contíguo ao meu, mas admito que talvez não seja de bom tom!

Para quem? Para ela ou para a babá de Marco?

Não que se importasse. A verdade era que seria Robin a correr o risco de passar uma noite em claro daquela voz imaginando um Cesare desnudo no quarto ao lado, o que significava que provavelmente estaria tão irritada pela manhã quanto ele estava aquela noite!

— No entanto, um inocente beijo de boa-noite é permissível — murmurou ele, zombeteiro, enquanto observava uma miríade de emoções se refletirem na face feminina.

A inacessível Robin de fato o desejava fisicamente!

Cesare exibiu um sorriso de satisfação, esquecendo o desapontamento ante a constatação de que Robin estaria no quarto contíguo ao dele aquela noite sentindo a mesma frustração!

— Um inocente beijo de boa-noite — repetiu Robin. — Não, obrigada. Acho que declinarei — afirmou. — Se me disser qual quarto devo ocupar, estou certa de que posso encontrá-lo sozinha...

— Não seja infantil — repreendeu-a Cesare em tom suave, enquanto cruzava a sala em direção a ela.

Os olhos violeta faiscaram de raiva quando ela girou.

— Disse-lhe que declinaria do beijo inocente, obrigada!

— Estava me referindo ao fato de me privar da delicadeza de mostrar o quarto a uma hóspede, não a sua reação ao beijo inocente — esclareceu Cesare, vendo a reprovação

ser recompensada pelo rubor de vergonha que coloria a face de Robin.

— Uma hóspede, Cesare? — repetiu ela, em tom de dúvida. — Não usaria esse termo para me definir.

— Todavia, esta noite é exatamente isso que representa.

— Tudo bem — concordou Robin, concisa.

Mas não estava tudo bem. Longe disso. Porém, era tudo que ele podia fazer por aquela noite.

A babá de Marco, Catriona, originária da Sicília, cuidava do menino desde seu nascimento. Como esperava levar Robin e o sobrinho de volta à Sicília, mesmo que apenas para uma visita, considerava que a reputação da esposa não deveria ser manchada por nenhuma fofoca que pudesse haver entre Catriona e sua família.

Dividir o próprio quarto com Robin antes de se casarem, mesmo que apenas por aquela noite, não era de nenhuma forma adequado.

— O beijo de boa-noite não precisa ser tão inocente... — provocou Cesare com a voz rouca, muito próximo a ela, após lhe mostrar uma das quatro suítes. A que ocupava, a de Catriona e Marco e a dela. Os olhos violeta se estreitaram quando Robin ergueu-os para encará-lo, ligeiramente nervosa pela proximidade do corpo másculo. Podia sentir o calor que dele emanava, a fragrância da colônia pós-barba, tentando seus sentidos.

— Um beijo é inocente ou não — replicou Robin. — Não acredito que haja meio termo em inocência!

Os lábios sensuais se retorceram, pesarosos.

— Talvez eu tenha sido um tanto precipitado mais cedo...?

Robin sentiu a irritação anterior evaporar, quando observou os olhos de Cesare se tornarem negros. As pálpebras baixarem e o olhar faminto se fixar nos lábios que se mantinham entreabertos.

Cesare estava certo da necessidade de não escandalizar a babá de Marco, dormindo com Robin no mesmo quarto aquela noite. Ela pensou que se tratava de uma revanche pelos sentimentos de frustração que Cesare experimentara na noite anterior...

— Não, está perfeitamente correto, Cesare — afirmou ela. — Não seria de modo algum apropriado dormirmos juntos.

— Quem falou em dormirmos juntos? — questionou ele com voz rouca.

Robin deixou escapar uma risada suave, mesmo enquanto empurrava de leve o peito musculoso para que ele se afastasse, fechando rapidamente a porta. A frustração ainda mais intensa ante a constatação de que Cesare a também desejava...

Robin acordou com uma sensação de completa desorientação. Levou alguns segundos para perceber onde estava, e mais algum tempo para atinar a razão pela qual acordara tão repentinamente.

O céu ainda estava escuro e era obvio que ainda era noite. Sendo assim, não

entendia o que... E então, ouviu outra vez o som fraco e incomum de um bebê.

Marco!

Robin se deteve na cama por mais alguns minutos, escutando o som que se repetiu por mais duas vezes e imaginando se Catriona havia acordado e ido ao encontro da criança ou se Marco estava sozinho. Não faria nenhum mal se fosse verificar, faria?

Vestiu a lingerie e o vestido, não se importando em colocar as meias e os sapatos. Seguiu pelo corredor com os pés descalços e escutou do lado de fora da porta do quarto da criança. Parecia mais balbuciar consigo mesmo no momento, do que estar chorando, o que era uma vantagem, embora não soubesse se estava sozinho ou não. Não ouvia o som de outra voz, mas talvez Catriona estivesse calada para que o menino pegasse no sono.

Robin abriu a porta do aposento em silêncio, antes de perscrutar o interior e notar o ambiente iluminado por uma única lâmpada fraca ligada à parede. Marco se encontrava sozinho, deitado no berço. Os grandes olhos castanho-escuros, tão semelhantes aos do tio, iluminando-se, quando avistou Robin à porta. De imediato, iniciou uma palreação incoerente que apenas ele compreendia.

— Psiu, bebê! Desse jeito vai acordar a todos — sussurrou Robin, adentrando o quarto da criança e fechando a porta atrás de si, antes de se postar ao lado do berço de Marco. — Não está conseguindo dormir, rapazinho? — Ela sorriu e sentiu o coração dar uma cambalhota no peito, quando o bebê abriu um largo sorriso, caindo sentado sobre a coberta enquanto erguia os braços para pedir colo.

Robin não estava certa se deveria pegá-lo ou não. Marco parecia bastante desperto e duvidava que ele se deitasse e voltasse a dormir agora que não estava mais sozinho. Porém, Cesare podia não aprovar que tirasse a criança do berço no meio da noite...

Quando se casasse com Cesare, Marco seria seu filho também, e se tivesse vontade de segurá-lo nos braços no meio da noite, assim o faria, droga!

E queria muito segurar o menino. Sentir o calor do pequenino corpo contra o dela mais uma vez. Acalentá-lo, já que nunca poderia fazê-lo com um filho seu.

Oh, era uma sensação tão agradável, percebeu com uma pontada de dor, enquanto erguia Marco nos braços e caminhava em direção a uma cadeira, onde se sentou com o bebê aninhado no colo. Roçou a face no pescoço macio, inspirando a fragrância do sabonete infantil.

Marco soltou uma risadinha, quando sentiu a respiração quente contra a pele. Um riso de puro deleite, enquanto movia as pequeninas mãos.

O coração de Robin pareceu derreter. Lágrimas involuntárias lhe banharam os olhos ao se sentir mais apaixonada por aquela pequena criatura do que nunca.

E se... quando se casasse com Cesare, Marco iria lhe pertencer. Seu bebê amado. Seu filho!

No momento, Marco lhe tocava os cabelos, parecendo fascinado com a cor dourada, enquanto os enrolava em volta dos dedos, com facilidade, sentado nos joelhos de Robin e falando na linguagem que só ele compreendia.

Robin não tinha idéia do tempo que permaneceu sentada com a criança no colo, brincando, conversando e o fazendo rir, quando lhe soprava delicadamente o pescoço sensível. O tempo não importava. Não queria soltar o bebê e se emocionou quando ele se cansou e adormeceu em seus braços. Os dedinhos ainda lhe segurando firme uma mecha de cabelos.

As lágrimas rolaram silenciosas pela face de Robin, enquanto permanecia sentada na cadeira, segurando Marco. Mas eram lágrimas de felicidade pelo sentimento maternal que pensou nunca experimentar. Por ter sido presenteada com aquele lindo bebezinho, que já tomara conta de seu coração.

Não se deu conta de adormecer também, porém, a luz matinal refletia através da janela quando despertou pela segunda vez. Marco ainda estava adormecido em seus braços — que continuaram a segurá-lo firme, mesmo durante o sono.

Robin sabia que não deveria ser surpreendida ali. Não poderia demonstrar a Cesare o quanto se afeiçoara à criança. Já tinha uma posição mais vantajosa naquela relação por deter as ações da Ingram Publishing. O quão despótico se tornaria se descobrisse como se sentia em relação àquela adorável criança?

Pensando assim, ergueu-se para colocar Marco no berço, deitando-o, relutante, sobre o lençol antes de, gentilmente, puxar a coberta para aquecê-lo. Deteve-se mais um momento, incapaz de desviar o olhar da beleza angelical do menino, ansiando por acariciar aqueles cachos de cabelos escuros, tocar a face macia, mas sabendo que não deveria estar ali quando ele acordasse, pois não se arriscaria a demonstrar seus sentimentos a Cesare.

Muita coisa dependia do fato de Cesare não saber de seus sentimentos para com Marco, refletiu Robin, enquanto girava, relutante, para deixar o quarto. Cesare acreditava que ela era egoísta e imatura. Que fora sua decisão não ter filhos. E até que se casassem e recuperasse as ações da Ingram Publishing, não se atreveria a deixá-lo pensar o contrário.

— O que está fazendo?

Robin prendeu a respiração, enquanto girava para deparar com Cesare caminhando pelo corredor em direção à porta do quarto de Marco, que ela acabara de fechar silenciosamente atrás de si.

Parecia exaltado, como se suspeitasse das razões que a levaram ao quarto da criança.

Ela ergueu o queixo, enquanto encarava os olhos escuros e acusatórios.

— Pensei ter ouvido Marco chorar — defendeu-se Robin.

Cesare lhe lançou um olhar inquisitivo, percebendo a palidez da face feminina sem maquiagem, o brilho desafiador nos olhos cor violeta e o contorno resolutivo dos lábios atraentes.

Acordara como de costume às sete horas da manhã, sabendo que teria tempo de tomar uma ducha, barbear-se e se vestir antes que Marco acordasse, o que se dava por volta de sete e meia da manhã. Costumava passar meia hora ou mais tomando café da manhã com seu sobrinho antes de ter de partir para as reuniões de negócios.

Por certo não esperara sair para o corredor e deparar com Robin deixando o quarto de Marco!

Considerando as razões pelas quais o casamento de Robin falira e a circunspeção demonstrava em relação às crianças, aquele era o último lugar em que Cesare esperava encontrá-la.

— E escutou? — questionou Cesare, passando por ela para abrir a porta do quarto da criança e perscrutar o interior. Marco dormia profundamente no berço. O olhar de Cesare se voltou mais uma vez, acusatório, a Robin após fechar delicadamente a porta. — Obviamente não.

— Obviamente não — repetiu ela em tom desafiador.

Os olhos de Cesare se estreitaram, especulativos. Não estava totalmente convencido com a explicação de Robin, mas não conseguia atinar outra.

— Não tema. Haverá tempo suficiente para você e Marco se conhecerem melhor quando nos casarmos — assegurou ele, em tom sardônico.

— Não estou temendo — rebateu ela em tom áspero. — Nem por você nem por seu sobrinho.

Medo era o último sentimento que Cesare esperava que sua futura esposa lhe devotasse. Embora estivesse certo de ter visto algo parecido com medo nos olhos violeta havia pouco, quando ela deixara o quarto de Marco.

Seria possível que Robin temesse tomar conta do bebê?

— É minha intenção que Catriona continue cuidando de Marco após nosso casamento — informou ele em tom brusco.

Foi a vez de Robin fitá-lo com expressão confusa ao imaginar por que Cesare lhe estava assegurando tal coisa, quando já declarara que tomar conta do filho órfão de Carla seria parte de seu castigo.

Seria possível que Cesare não confiasse nela para cuidar da criança?

Como se fosse capaz de causar algum dano a sequer um fio dos cabelos brilhantes e escuros daquela adorável criança!

Detestou Cesare por ousar pensar daquela forma!

— Estou certa de que com sua costumeira arrogância, continuará tomando as decisões que melhor lhe aprouver antes de nosso casamento — começou Robin. — Bem, pode tomá-las, mas isso não significa que as obedecerei! Agora, se me der licença, preciso ir embora... — Girou para sair. — Acho que está na hora de eu partir... o que está fazendo? — indagou, indignada, quando Cesare a segurou pelo braço, obrigando-a a encará-lo.

Ele manteve a força com que a segurava. A mandíbula contraída e os olhos ainda mais escuros quando os baixou para encará-la.

— Está dizendo que sou arrogante? — inquiriu de modo áspero.

Robin deixou escapar uma risada.

— Dizendo? Você *é* arrogante. Na verdade, é o homem mais arrogante que tive o

infortúnio de conhecer! — acrescentou.

Os olhos escuros brilharam, ameaçadores.

— Infortúnio? — repetiu ele em tom suave.

— Não pensa de fato que apenas um pequeno beijo de sua parte me fez ansiar por ser sua esposa, pensa? — Robin meneou a cabeça em negativa, voltando-lhe um olhar piedoso. — Se pensa, deixe-me assegurá-lo de que superestimou sua capacidade de persuasão sexual!

Maldito homem *arrogante!* Atrevido! Já não lhe dissera que ele não iria dominá-la com o prazer físico que experimentara em seus braços?

Os lábios de Robin se comprimiram em uma linha fina, enquanto ele continuava a fitá-la por longos e penetrantes segundos, antes de lhe soltar o braço e se afastar.

— Descobri que me cansei da protelação de nosso casamento — anunciou ele. — Admiro o fato de ser tão apegada a seu pai.

— Pois deve admirar, já que é a única razão pela qual estou aqui! — retrucou, acalorada.

A expressão do rosto másculo se fechou.

— Se fosse você teria mais cuidado na escolha das palavras, Robin...

— Do contrário? — desafiou ela.

— Está mais uma vez me provocando deliberadamente — advertiu Cesare. — Desta vez, é uma provocação que estou disposto a ignorar. Irei à casa de seu pai esta noite para que possamos acertar a data do casamento.

— Tenho 27 anos e sou divorciada. Não acha um tanto desnecessário pedir minha mão em casamento a meu pai? — disparou Robin, indignada. Cesare lhe voltou o olhar arrogante.

— Não era minha intenção pedir nada a seu pai, e sim lhe comunicar que vamos nos casar.

— Antes de dizer qualquer coisa a meu pai, não acha que deveria perguntar primeiro a mim se quero me casar? — questionou ela. — Ou pensa que só porque detém o controle dessa situação, minha aquiescência está garantida?

— E não está? — inquiriu Cesare.

Robin teve ímpetos de socá-lo, tão profunda era a frustração e raiva que sentia ante a atitude autocrática.

E tudo aquilo, ao que parecia, por tê-la surpreendido saindo do quarto do sobrinho.

— Oh, eu me casarei com você — assegurou ela, irada. — Se não por outro motivo, para tornar sua vida tão insuportável quanto fará a minha! — A respiração de Robin estava ofegante pela agitação.

Cesare observou o arfar frenético dos seios confinados no vestido. As pernas e pés de Robin se encontravam desnudos. Não usava meias ou sapatos, dois itens da vestimenta feminina que arrancaria antes de possuí-la com uma impetuosidade que lhe fugia ao

controle.

Porém, nunca forcara uma mulher a fazer sexo com ele e não começaria com Robin.

Não importava o quanto ela o provocasse!

Além disso, Robin acabara de admitir que se casaria com ele.

— Quero saber o que fará se meu pai sugerir que esperemos mais um pouco antes de nos casarmos para que possamos nos conhecer melhor antes de pensarmos em um compromisso mais duradouro — escarneceu Robin.

— Tenho certeza que o fato de ter dormido aqui a noite passada servirá para que ele saiba que já nos conhecemos o suficiente para casar — retrucou Cesare. — Além disso, tenho plena confiança de que, quando você lhe confessar seus sentimentos por mim, seu pai ficará feliz com nossa decisão.

— Meus sentimentos por você? — repetiu ela. Cesare exibiu um sorriso desprovido de humor.

— Assim o fará. E obviamente não lhe dirá que sente ódio por mim em vez de amor.

Odiava aquele homem? Indagou-se Robin.

Seria possível odiá-lo e sentir tanto prazer com as carícias que ele a fizera experimentar?

De alguma forma não achava...

Embora Cesare pudesse vir a odiá-la quando descobrisse que não era capaz de gerar os outros filhos e filhas Gambrelli que obviamente pretendia que ela lhe desse.

Estava aguardando aquela informação para depois que se casassem e ela tivesse as ações da Ingram Publishing, seguras, em suas mãos. Não se arriscaria a revelar que não poderia lhe dar herdeiros antes de reaver aquelas ações! Embora, após a noite anterior, tivesse outra razão para manter o silêncio.

Marco...

Amava aquela criança. Já não poderia suportar o pensamento de se separar dele se Cesare mudasse de idéia ao descobrir sua incapacidade em lhe dar mais filhos.

Talvez estivesse sendo um tanto injusta em não revelar sua aparente esterilidade para Cesare, mas ele também não estava sendo justo ao obrigá-la a se casar.

Robin inclinou a cabeça para o lado.

— Direi a meu pai que irá à casa dele esta noite.

— Totalmente segura de seu... desejo em se casar comigo, espero? — indagou Cesare.

— Totalmente segura de minha determinação em me casar com você — corrigiu Robin. — Acredite-me, se houvesse outra forma de reaver aquelas ações, eu optaria por ela — mentiu.

A perspectiva de se tornar mãe de Marco era motivo suficiente para persuadi-la a se casar com aquele homem.

Porém, *de fato* não poderia se arriscar a deixar que Cesare descobrisse aquilo antes de estar devidamente casada, com as ações seguras em suas mãos e Marco como seu enteado.

— Que pena para você que não haja outra forma.

— É você que é digno de pena, Cesare. Por querer se casar com uma mulher que não o ama — garantiu Robin, enquanto ele erguia as sobrancelhas negras de modo inquisitivo. — Agora, se me dá licença, tenho de ir para casa e me trocar antes de voltar ao trabalho... o que foi agora, Cesare? — indagou ela, com um suspiro exasperado, quando ele lhe voltou um olhar enraivecido.

— Deixará de trabalhar para Ingram Publishing quando nos casarmos.

— Não, não deixarei! — retrucou ela, desafiadora. — Meu pai precisa de mim por perto no momento — tentou argumentar ante a aparência implacável de Cesare.

— Marco e eu também necessitaremos de sua presença — insistiu ele.

— Você e Marco têm se saído muito bem sem mim até agora. Estou certa de que podem continuar assim após nos casarmos.

A mulher que pretendia tornar sua esposa era demasiado teimosa. Bela, mais cabeça dura. Desejável, porém obstinada. Leal à própria família, mas, ainda assim, inflexível.

— Discutiremos esse assunto após nos casarmos — concedeu ele, a contragosto.

— Discutiremos esse assunto agora! — insistiu Robin. — Nunca serei uma esposa de prendas do lar. Não me adaptaria.

— Tem seu trabalho caritativo.

— Isso não é suficiente — afirmou ela.

— E terá Marco...

— Que, como acabou de me informar, continuará a ser cuidado pela extremamente competente Catriona!

— Então encontrarei outro emprego para Catriona — rebateu ele, exasperado. Absolutamente determinado a não permitir que Robin continuasse a trabalhar na Ingram Publishing após o casamento de ambos.

Viajava constantemente a trabalho e pretendia que ela e Marco o acompanhassem. Algo que Robin não seria capaz de fazer se ainda estivesse trabalhando com o pai.

Até onde sabia, aquele assunto não estava aberto a discussões.

Robin o fitou sob os cílios longos, imaginando se Cesare tinha noção de que acabara de lhe dar exatamente o que deseja — ser capaz de tomar conta de Marco sozinha.

— Isso não é negociável? — questionou ela, com pretensa impaciência.

— Absolutamente não — assegurou Cesare.

— Parece-me mais uma coisa com a qual terei de me conformar — concedeu Robin. — Agora tenho de partir — afirmou, antes de girar e desaparecer no corredor em direção ao quarto que ocupava para pegar seus pertences.

Sorria quando fechou a porta do quarto. Um sorriso sonhador e extasiado ante ao pensamento de tomar conta do amado Marco sozinha todos os dias. Na verdade, podia quase amar Cesare naquele momento, por ter lhe dado algo que tanto desejava!

Amar Cesare?

Não, nunca poderia dedicar tal sentimento a um homem tão arrogante e autocrático.

Desejo físico, sim.

Mas amor...

CAPITULO OITO

— Catriona me informou que deseja retornar à Sicília, quando voltarmos de nossa lua de mel.

Robin franziu o cenho, fitando Cesare mais tarde aquela noite, enquanto o acomodava na sala de estar da casa que dividira com o pai durante o último ano.

— Já falou com ela?

— Na verdade... não — admitiu Cesare, pesaroso. — Foi ela que falou comigo. Ao que parece a irmã teve bebê recentemente e Catriona deseja voltar à Sicília para tomar conta do sobrinho.

— Disse lua de mel? — questionou Robin, quando por fim registrou aquela parte do comentário que ele fizera há pouco.

— Trata-se de uma tradição após a cerimônia de casamento, não? — retrucou ele, cínico.

Talvez fosse, mas o casamento deles estava longe de ser tradicional, não?

Robin meneou a cabeça.

— Sinceramente, acho que não há necessidade de levarmos este fiasco tão longe...

— Necessário ou não, esperarão que o façamos — interrompeu-a Cesare, em tom firme.

Robin fez uma careta.

— Quem esperará?

— Seu pai, por exemplo. Pensei que ele estivesse presente esta noite... — Cesare franziu o cenho ante à constatação da ausência de Charles Ingram.

Aquele fora um dia longo e estafante para ele até o momento. As reuniões haviam sido mais longas do que imaginara. Durante as quais, os pensamentos se voltavam a Robin com mais frequência do que desejara.

Aquela noite, Robin estava mais uma vez deslumbrante. O vestido de cor creme combinava com perfeição com as nuances cor de mel de sua pele e cabelos, que lhe caíam em cascata sobre os ombros. O traje deixava à mostra os braços e as pernas esguias, que tinham uma aparência sedosa por causa das cintas-liga, que Robin preferia às pouco atraentes meias-calças que muitas mulheres usavam e que na opinião de Cesare eram desprovidas de sensualidade.

Várias vezes naquele dia, descobriu a mente vaguar em pensamentos sobre aquelas pernas longas e as cintas-liga de seda. A suavidade das coxas expostas na extremidade daquele item sensual da indumentária feminina, a sedosidade do triângulo entre as pernas que adorara acariciar e o sabor incomparável que sentira quando lhe sugara os ma-milos e a levava ao ápice do prazer.

Pensamentos que até mesmo naquele momento lhe faziam o corpo enrijecer de desejo.

Portanto, sim, pretendia levar Robin em lua de mel.

Queria estar a sós com ela em algum lugar por pelo menos uma semana para que pudessem explorar os prazeres sensuais juntos.

— Meu pai teve de se retirar para atender a um telefonema em seu escritório, mas deverá voltar em alguns minutos — desculpou-se Robin. — Gostaria de um drinque enquanto espera? — ofereceu, indicando a fila de bebidas armazenadas em garrafas de vidro lapidado no aparador ao lado.

Tudo que Cesare desejava era pôr um fim em tudo aquilo e ficar sozinho com Robin para que pudessem fazer amor!

— Um uísque, por favor — aceitou ele, movendo-se para se sentar em uma das poltronas e observar Robin através da cortina de cílios escuros enquanto ela lhe servia com destreza uma dose da bebida alcoólica.

As mãos longas e sensuais, que Cesare desejava em seu corpo com uma ânsia que o deixava impaciente com tudo e com todos.

Uma vez que cumprisse aquele necessário ritual social com o pai de Robin, pretendia levá-la de volta à sua suíte de hotel e possuí-la. E ao diabo com o que Catriona ou qualquer um pensasse!

Ele estava demasiado distraído aquela noite, percebeu Robin, enquanto lhe entregava o copo com uísque, achando o silêncio preocupado de Cesare enervante.

— Foi idéia sua vir aqui esta noite — lembrou Robin, em tom seco.

Os olhos escuros faiscaram, impacientes.

— Não estou nem um pouco preocupado com a possível reação de seu pai em relação a nossos planos de um casamento imediato, se é o que está pensando.

Não, não estava pensando daquela forma. Não obstante as ações da Ingram

Publishing que detinha, Cesare, com toda sua riqueza e poder, não era o tipo de homem para o qual se costumava dizer não.

Incluindo ela, ao que parecia...

— Não me sentiria tão relaxado se fosse você — começou Robin, irritada com a monumental autoconfiança de Cesare. — A riqueza de um homem importa pouco para meu pai, quando se trata da adequação dele como marido para sua única filha.

Deus sabia que Giles era rico o bastante e o quão desastroso fora o casamento de ambos!

— E você, Robin? — indagou Cesare, pousando o intocado copo de uísque na mesa ao lado antes de se levantar, fazendo-a ciente de seu terno escuro impecável, complementado por uma camisa de seda branca e uma gravata cinza com nó perfeito. — O que é importante para que um marido seja adequado para você? — encorajou-a, dando dois passos à frente e se postando diante dela.

Robin sentiu-se ligeiramente oprimida pela proximidade daquele homem, enquanto erguia o olhar para fixar a face bronzeada e os olhos escuros implacáveis fixos nos dela.

Ela engoliu em seco. Cesare encontrava-se tão próximo que podia sentir o calor do corpo viril. Conhecia o poder que residia sob aquela camisa de seda branca. Tocara e acariciara os músculos rígidos no dia anterior.

Robin sacudiu a cabeça, atordoada.

— É uma pergunta desnecessária em nosso caso, não? — retrucou ela.

— Não! — Ele estendeu a mão para tocar a curva do pescoço de Robin. O polegar descansando sobre a artéria pulsante na base dele.

— Está ficando excitada outra vez — murmurou ele, em tom satisfeito.

— Eu...

— Sua pulsação está acelerada. — Cesare lhe ignorou o protesto, fixando o olhar nos lábios que ela mantinha entreabertos, enquanto lhe acariciava a mandíbula com o polegar. — Seus mamilos enrijeceram — observou, em tom de aprovação, desviando os olhos dos seios túrgidos de volta à face de Robin. — Deseja que eu a beije — afirmou ele enquanto o polegar lhe apartava os lábios antes de a boca ávida tomar a dela.

De fato ela desejava aquele beijo. Não podia negar, já que seu corpo se curvava contra o dele e as mãos deslizavam sobre ombros largos antes de enterrar os dedos na massa espessa de cabelos negros.

Não encontrava explicação para o *frisson* que experimentava nos braços daquele homem. Nem para a falta de ânimo em resistir, quando Cesare lhe sugou o lábio inferior. A língua experiente acariciando a sensível parte interna e produzindo uma descarga elétrica que percorreu todo o corpo feminino. Um gemido faminto escapou da boca de Robin quando ele aprofundou o beijo.

— Talvez seja melhor eu voltar mais tarde...?

Robin interrompeu o beijo ao som da voz do pai, voltando um olhar levemente acusatório a Cesare, enquanto imaginava se ele a beijara com a intenção de serem

surpreendidos naquela situação.

Porém, logo desviou o olhar da expressão indefinida de Cesare.

— Não seja tolo, papai — brincou ela, enquanto cruzava a sala com as pernas ligeiramente trêmulas, dava o braço a Charles e o guiava para o lado oposto da sala. — Não é necessário apresentá-los, não acham? — indagou em tom casual.

— Gambrelli — cumprimentou o pai, sucinto, estendendo a mão.

— Ingram — replicou Cesare no mesmo tom, apertando a mão estendida, impaciente com a interrupção. Ter tido Robin em seus braços e tê-la beijado o fizera esquecer de que o pai estava sendo esperado na sala a qualquer instante. Esquecera-se até mesmo de onde estavam!

Robin deixou escapar uma risada rouca.

—Agora, quero que ambos se postem em lados opostos da sala e quando a campainha tocar comecem a lutar!

Charles Ingram ignorou o comentário sarcástico, enquanto continuava a fitar Cesare.

Era uma batalha silente de volições, concluiu Cesare, experimentando uma admiração relutante em relação àquele homem.

Mas Charles também era o pai de Simon Ingram. O homem que responsabilizava pela morte de Carla.

Os lábios de Cesare se contraíram.

— Acho que seu pai não aprecia seu humor — recriminou-a Cesare.

— E você? — Robin ergueu o olhar para provocá-lo. — Aprecia meu humor?

Cesare franziu o olhar mais uma vez para Charles, antes de voltar a atenção a ela, suavizando a expressão deliberadamente, quando percebeu o desafio estampado no olhar de Robin e a face ligeiramente corada e exibindo um sorriso superficial.

— Eu, obviamente, aprecio qualquer coisa em você — retrucou, zombeteiro.

O rubor de Robin se intensificou.

— Bem, claro que sim — concordou Robin, tensa. — Papai, Cesare veio aqui esta noite para que possamos nos reunir e discutir os planos de nosso casamento — explicou ela. — Quando será o casamento, Cesare? — indagou de súbito, em tom de voz irritadiço.

Cesare percebeu a forma como Charles Ingram franziu o cenho, o que significava que Robin estava se aproximando perigosamente de revelar a tensão existente entre ambos. Aquilo não o incomodava, mas havia pensado que a farsa era importante para ela.

O que fizera para irritá-la a ponto de fazê-la arriscar revelar a desarmonia entre eles, quando Robin lhe garantiu querer escondê-la do pai?

— Isso, claro, cabe a você decidir — redarguiu Cesare em tom suave.

— É mesmo? — indagou Robin com desdém.

Os lábios de Cesare se contraíram.

— Desde que dentro das próximas semanas.

— Nas próximas semanas? — foi a vez de Charles Ingram questionar, enquanto voltava o olhar incrédulo à filha.

Cesare inclinou abruptamente a cabeça para o lado. Aquela era uma informação nova para Robin. Mas por que ela se mostrava surpresa? Aquela manhã havia lhe dito que estava cansado de protelar...

Robin experimentava sensações conflitantes ante à idéia de se casar tão cedo: sentimentos positivos, já que se torna-ria mãe de Marco em questão de dias e incertezas, porque aquilo também significava que, ao mesmo tempo, seria esposa de Cesare. Uma esposa que ele desprezava.

Bem... aquilo era quase verdade. Obviamente, Cesare sentia-se atraído por ela.

E ela o desejava...

Porém, no momento, estava aborrecida por percebê-lo manipular a atração física que sentia por ele, de forma que o pai adentrasse a sala no momento em que se encontravam atracados em um beijo ousado. Não a agradava em nada a forma como aquele homem usava sua resposta apaixonada contra ela própria.

— Isso é um absurdo! — exclamou Charles. — Vocês dois se conhecem há apenas alguns dias.

— Às vezes é tudo que basta — contra-argumentou Cesare em tom calmo.

— Robin...? — Charles apelou para a filha, agitado.

Ela sentiu o coração apertar mediante ao espanto que podia ver refletido na face do pai. Sabia que ele estava preocupado, mas ao mesmo tempo não havia muito que dizer para lhe aliviar a aflição. Não sem lhe contar a verdade e não tinha a menor intenção de fazê-lo.

— As vezes é tudo que basta, papai — repetiu Robin, tristonha.

— Mas...

— Compreendo sua preocupação, Charles — interveio Cesare em tom suave. — Mas Robin é uma mulher adulta. Capaz de tomar as próprias decisões quanto ao futuro.

— E cometer erros também — rebateu o pai, impaciente. Robin prendeu a respiração ao observar o modo como

Cesare se empertigou e apontou o nariz arrogante em direção a Charles. No mesmo instante, lembrou-se que Cesare estava representando aquele papel para seu próprio bem. Não se importava em nada com os sentimentos do pai ou com os dela.

— Meu casamento com Cesare não será um erro, papai — assegurou-lhe Robin, ao mesmo tempo em que retirava o braço que mantinha entrelaçado ao do pai e caminhava para se postar ao lado do futuro marido sem, contudo, tocá-lo. — Nós nos amamos e queremos nos casar o mais breve possível. E nós... eu gostaria de sua benção. — Robin voltou a Charles o mesmo olhar suplicante com que o pai a fitara há pouco.

— Porém, com sua benção ou sem ela nos casaremos — afirmou Cesare, implacável.

Robin o fitou de soslaio, percebendo pela pulsação evidente na mandíbula contraída que Cesare estava prestes a perder a tempera, que costumava manter sob rígido controle.

A qual também ajudara a fazê-lo perder com o comportamento estouvado de minutos atrás. Mas não gostava de ser manipulada daquela forma!

O que era ridículo de sua parte, já que Cesare não fazia mais nada a não ser manipulá-la, desde o momento em que chegara ali há três dias e a pusera a par de seus propósitos.

— Então me parece que não tenho escolha, não é? — indagou o pai, suspirando, exasperado. — Se é isso mesmo que Robin quer, obviamente lhes desejo muitas felicidades.

A tristeza que sentia em relação ao pai se intensificou ao mesmo tempo em que concluía não haver nada que pudesse dizer ou fazer para lhe aliviar a ansiedade. A verdade, de que Simon jogara as ações da Ingram Publishing, iria feri-lo muito mais que o impetuoso casamento.

— É o que quero, papai — afirmou Robin em tom calmo. Cesare descobriu-se meditativo, enquanto escutava a conversa entre pai e filha.

Não tinha idéia por que se sentia incomodado. Afinal, não lançara mão do profundo amor de ambos para forçá-la a se casar?

Sim, claro que o fizera. Apenas não esperava experimentar aquele... desconforto por ser a causa da óbvia tensão entre Robin e o pai.

— Chamarei Cameron para que nos sirva um champanhe...

— Temo que não seja possível. Robin e eu temos um compromisso marcado — interveio Cesare, percebendo o olhar surpreso que ela lhe lançou, porém mantendo os olhos fixos em Charles. — O senhor há de convir que ainda temos muito que discutir — acrescentou, com um tom de voz mais brando.

— Claro — concordou Charles em tom brusco. — Eu... voltará esta noite, Robin? — indagou polido.

— Eu...

— Não, ela não retornará — respondeu Cesare, com firmeza.

— Compreendo. — O desânimo de Charles se tornou ainda mais evidente ante à notícia. — Nesse caso, conversarei com você amanhã, Robin — disse em tom gentil.

Cesare não precisou se esforçar para adivinhar qual seria a conversa que Charles queria ter com a filha.

— Precisava ser tão... tão grosseiro? — atacou Robin no momento em que ambos se encontravam no carro de Cesare: um lustroso veículo esporte preto que ela só vira em exposições.

Cesare deu de ombros, despreocupado.

— Não vejo motivo para dar a seu pai a impressão de haver incerteza sobre a data do nosso casamento.

Claro que não, refletiu Robin. Seu pobre pai, por outro lado, aparentara total perplexidade quando eles partiram, completamente atordoado com a rapidez com a qual haviam decidido passar o resto de suas vidas juntos.

Oh, Deus...

O simples pensamento de se casar com Cesare já lhe fazia o coração perder um compasso e as palmas das mãos suarem, o que dizer de passar o resto da vida ao lado dele!

Aquele homem era tão diferente de Giles, cujos modos e consideração pelos outros se mostravam impecáveis — a ponto de lhe pedir permissão antes de fazerem amor.

Uma característica aborrecida, na verdade, mas um pouco menos de arrogância por parte de Cesare seria agradável.

Agradável?

Que palavra ridícula para se utilizar para designar

Cesare!

Suspirou, exasperada, relaxando no banco do automóvel. Sabia que não adiantaria criticar a atitude de Cesare em relação a seu pai.

— De que se trata esse compromisso que mencionou a meu pai? — indagou, irritada.

Cesare não lhe voltou resposta. Limitou-se a fitá-la com um brilho negro no olhar que faiscava na semi-escuridão da rua. O tipo de olhar que a fazia-experimentar um rubor intenso e o pulso acelerar. Robin engoliu em seco. A intenção dos olhos escuros era inconfundível.

— Pensei que julgasse inapropriado dividirmos um quarto enquanto não estivéssemos casados e na presença da babá de Marco — lembrou Robin, um tanto ofegante.

Cesare permanecia inabalado.

— Decidi que não mais me incomodarei com os pudores de Catriona — retrucou ele, apertando as mãos contra o volante.

— E se eu me importar?

— Terá de superar isso! — rebateu Cesare em tom ríspido, irritado por estar sendo privado daquela mulher. Desejava-a com uma intensidade que lhe fazia o corpo gritar.

Ela lhe lançou um olhar mordaz.

E se eu não estiver disposta a fazer o papel de mulher submissa?

Tentava deliberadamente provocar uma briga entre ambos, concluiu Cesare. Infelizmente escolhera o caminho errado para fazê-lo.

Ele exibiu um sorriso desprovido de humor.

— Submissão é a última coisa que quero de você. Na verdade, prefiro que chute e grite em êxtase, claro — concluiu em tom seco.

— Depende onde decidisse chutá-lo, não acha? — disparou ela.

O sorriso de Cesare se aprofundou. Mulher submissa! Aquilo era tudo que Robin nunca seria. E a última coisa que desejava que ela fosse.

— Há muitas formas de um homem e uma mulher encontrarem prazer juntos — lembrou ele, sabendo que se fez entender quando, após lhe lançar um olhar ressentido, Robin virou a face para fixar o olhar na janela do automóvel.

Porém, seus esforços em ignorá-lo caíram por terra, dado ao rápido arfar dos seios firmes e ao ofegante som da respiração.

Cesare manteve o sorriso estampado no rosto, enquanto afundava o pé no acelerador. A antecipação crescendo a cada segundo e se intensificando rapidamente, quando estacionou no subsolo do hotel London Gambrelli. A tensão sexual entre ambos atingira o nível máximo, quando ele contornou o carro para lhe abrir a porta. Decidiu que tinha de sentir o sabor de Robin naquele instante.

A boca sensual tomou a dela.

Não havia gentileza naquele beijo, mas os lábios de Robin se entreabriram de imediato para receber o assalto dos dele. O corpo pressionado contra o de Cesare, enquanto enterrava os dedos na massa de cabelos negros e lhe correspondia com uma avidez que quase o fez perder o controle.

Cesare lhe pressionou as costas contra o veículo e aprofundou o beijo. As línguas travando uma breve batalha antes de ele lhe arrebatara o interior úmido da boca no mesmo ritmo em que os lábios se moviam sobre os dela, devagar e firme, até que Cesare sentisse que iria explodir de desejo de estar dentro dela.

Ele continuou a beijá-la, enquanto lhe erguia o vestido até à cintura, afastava a peça íntima para o lado, tocava com os dedos a feminilidade úmida e constatava o quanto Robin estava preparada para recebê-lo. Continuou a lhe explorar a intimidade, encontrando o ponto mais sensível e o acariciando. Percebeu os primeiros espasmos sacudirem o corpo feminino ao mesmo tempo em que Robin afastou os lábios.

— Aqui não, Cesare! — protestou, ofegante e com o corpo trêmulo de excitação. — Não podemos fazer amor aqui — completou com um fio de voz.

Cesare baixou o olhar para fitá-la. Os olhos negros faiscavam e a face se encontrava colorida pelo rubor sexual.

— Quero-a agora. Não estou certo de que posso esperar até chegar à minha suíte — argumentou com voz trêmula. A virilidade excitada pressionada contra o quadril de Robin.

Ela podia sentir a urgência de Cesare, sabendo que se equiparava à dela. Tinha ímpetos de rasgar as roupas que cobriam o corpo viril e deixar que ele a possuísse. Ali e naquele momento.

Não entende? Também quero fazer amor com você gemeu Robin. Aquilo era muito

mais intenso do que na última vez que fizeram amor. Estava enlouquecendo de desejo por aquele homem.

— Quero tocá-lo e acariciá-lo da mesma forma como está fazendo comigo. Desejo, tudo, Cesare! — afirmou em tom acalorado.

As mãos fortes... sutis e sensuais, que sabiam como acariciá-la até que se entregasse ao abandono total, moveram-se até lhe emoldurar a face, enquanto Cesare a fitava com olhar penetrante.

— Então faça isso — sussurrou, com voz gutural, enquanto lhe tomava a mão com firmeza e a guiava a seu elevador privativo.

Ao adentrarem o elevador, Robin percebeu que a tensão sexual crescera a um nível máximo, enquanto aguardavam, impacientes, chegarem à cobertura. A discussão de minutos atrás totalmente esquecida no desejo abrasador.

— Sou todo seu — prometeu Cesare, quando deixaram o elevador, mantendo a mão delicada firme na dela e marchando, decidido, pelo corredor em direção à suíte. Lá chegando, entrou, girando a fechadura que os isolou do exterior. E então, ergueu as sobancelhas quando Robin ligou a luz.

— Quero vê-lo — explicou ela em tom de voz rouco, os dedos trêmulos em antecipação, enquanto lhe desvestia o terno, desabotoava-lhe a camisa, jogando-a sobre o carpete ao lado da outra peça. — Por inteiro — acrescentou com intensidade na voz, ao mesmo tempo em que segurava o zíper da calça de Cesare, abria a braguilha e a deslizava ao longo das pernas musculosas. Nunca despira um homem antes e se deleitava com aquela nova descoberta. As pernas másculas eram longas e fortes, cobertas pelo mesmos pelos escuros que se espalhavam pelo peito desnudo e se estreitavam formando um "V" que se insinuava sob a cueca. Peça que também baixou e descartou, expondo a masculinidade a seu acariciante olhar, enquanto se ajoelhava em frente a ele.

Um carinho que as mãos logo seguiram, tocando-o de modo íntimo, antes de se inclinar para descrever uma trilha úmida com a língua ao longo da rígida masculinidade, fazendo-o ofegar e enterrar as mãos nos cabelos de Robin.

Deleitava-se com a textura e o sabor daquele homem, com o modo como Cesare não conseguia esconder a resposta a suas carícias, com a respiração entrecortada, enquanto ele a puxava até que ficasse de pé.

— Quero me sentir dentro de você — sussurrou Cesare, lidando com destreza com o zíper do vestido e o soltando para que escorregasse pelo corpo de curvas sinuosas e fosse se juntar às suas próprias roupas no carpete. Os olhos negros se tornaram azeviche, quando os voltou à curva firme dos seios expostos, à *lingerie* de renda cor creme e às extremamente sensuais cintas-liga que eram sua única vestimenta no momento.

Baixou a cabeça para lhe tomar um dos mamilos túrgidos nos lábios, descrevendo círculos firmes com a língua em torno deles e os sugando em seguida. Percebeu pelo tremor de Robin que sua excitação se igualava a dele.

— É tão linda! — ofegou Cesare, enquanto erguia a cabeça para fitá-la. O corpo pulsando de desejo de possuí-la.

— Acho que não poderei ser gentil desta vez. — Meneando a cabeça, puxou a lingerie cor de creme, rasgando-a.

— Da próxima vez serei mais paciente — prometeu, embora a atirasse sobre a cama e se postasse entre as coxas macias. — Da próxima vez seremos ambos mais calmos — murmurou, antes de penetrá-la num único movimento. Quando Cesare lhe tomou os lábios, percebeu que nunca antes experimentara prazer tão intenso ou havia desejado uma mulher como queria Robin.

Ela o recebia cada vez mais fundo a cada investida.

Minutos depois, Cesare pôde sentir o clímax iminente sabendo que era demasiado urgente para ser controlado. As costas de Robin se arquearam ao mesmo tempo em que ele afastou os lábios para sugar com avidez um dos mamilos enrijecidos. As unhas de Robin se cravaram em suas costas ao mesmo tempo que seus gritos de prazer faziam eco com os dele. O êxtase mútuo explodiu em um caleidoscópio de sentimentos e emoções que pareciam não ter fim.

Robin sentiu-se zozza e maravilhada enquanto permanecia deitada sob o corpo viril. As mãos acariciando a largura úmida das costas de Cesare. Sabia que o ato de amor com aquele homem estava além de qualquer experiência anterior. Nunca em seus anos de casada alcançara um clímax tão selvagem e indômito quanto o que Cesare lhe proporcionara.

Não sabia ao certo o significado daquilo...

Daria mais importância ao prazer físico do que pensara ser possível?

Ou teria sido tão diferente por que se apaixonara por ele?

CAPÍTULO NOVE

O que era aquilo?, questionou-se Cesare, erguendo a cabeça para fitá-la, ao percebê-la ensimesmada.

— Diga-me o que há de errado? — indagou ele de supetão suspendendo o corpo e se deitando ao lado dela, antes de lhe voltar um olhar inquisitivo.

— Errado? — repetiu ela, emocionada. — O que poderia estar errado? — indagou, intrigada. — Eu acabei... acabamos de arrancar nossas roupas e tios possuímos como dois...

— Não faça isso consigo mesma — silenciou-a Cesare com a expressão fechada, quando percebeu onde iria terminar aquela conversa. — Desejamos um ao outro...

— Exatamente! — exclamou Robin, afastando-se dele para se sentar na beirada da

cama. — Não reconheci a mim. mesma — gemeu, enterrando a face nas mãos.

— Robin... — Cesare estendeu a mão e tocou as costas macias.

De pronto, ela tensionou sob o toque da mão firme.

— Por favor, não! — objetou Robin, afastando-se, trêmula, alheia à imagem sensual que compunha ainda vestida com as cintas-liga.

— Tenho de ir — afirmou ela, meneando a cabeça. — Preciso ir! — repetiu, determinada, ajoelhando-se para pegar o vestido.

Cesare se moveu, ligeiro, detendo-a, quando tentava vestir o traje.

— E eu preciso que fique — retrucou ele em voz rouca. Os olhos penetrantes fixos nos dela, quando Robin o fitou, insegura. — Preciso muito que fique — repetiu em tom gentil. — Ao menos para lhe mostrar que agora há pouco foi apenas um dos muitos modos pelos quais encontraremos a felicidade juntos.

Não deveria ter olhado para ele, concluiu Robin.

Tampouco se sentir mergulhando naqueles olhos cor de carvão ou fitar a boca sensual que lhe dava tanto prazer. Por certo, jamais deveria ter se inclinado em direção a ele em uma súplica tácita. A ânsia com que o beijava se equiparando a Cesare.

Por que sabia exatamente o que sentia naquele momento — e muito bem. De alguma forma, percebeu que desde o dia em que o viu pela primeira vez, apaixonara-se por Cesare Gambrelli.

Um amor que a tornava incapaz de dizer não, quando Cesare começou a lhe acariciar as curvas do corpo outra vez, despertando-lhe o desejo que sentira há pouco. Mas aquele era um desejo que ele não tinha a intenção de satisfazer de imediato. Mais uma vez, deitou-a na cama. Os lábios experientes seguiam a trilha de carinhos que as mãos hábeis executavam. Com movimentos suaves, deslizou as meias de seda pelas pernas torneadas e lhe beijou as solas dos pés. Uma carícia exótica que fez os pés de Robin se torcerem.

Cesare deu uma risada, ao mesmo tempo em que se movia pelo corpo curvilíneo, beijando os dois mamilos rígidos e róseos, antes de sugá-los demoradamente. A língua era como uma lixa contra a sensibilidade dos seios. Em seguida, os soltou, para deslizar os lábios pelo abdômen reto. Deteve-se por um tempo em torno do umbigo, enquanto uma das mãos se moveu para baixo, abrindo caminho entre os pelos macios para acariciar a protuberância intumescida. O corpo feminino se arqueou. Os gemidos de Robin suplicando-lhe que saciasse o desejo urgente. Sons que Cesare se moveu para satisfazer, substituindo os dedos pelos lábios e língua e provocando-a indefinidamente. A carícia ousada espalhou uma labareda de fogo que se originava no abdome e se alastrava pelas coxas que Robin apartou para desfrutar daquela doce tortura.

— Não posso — ofegou ela. — Simplesmente não posso...

— Oh, sim, você pode — assegurou Cesare, antes de friccionar a língua contra a fenda úmida e observá-la florescer sob seus carinhos. — Quero lhe proporcionar todo o prazer que existe no mundo, Robin — sussurrou ele. — Tocá-la até conhecer seu corpo intimamente — acrescentou.

Em seguida, deslizou a língua para dentro de Robin e lhe sentiu os espasmos explodirem em gritos desesperados de prazer. As mãos delicadas se enterraram na massa espessa de cabelos negros, mantendo-o naquela posição para que pudesse sorver até a última gota daquele clímax.

Cesare se moveu com rapidez, penetrando-a e a preenchendo, enquanto os músculos internos ainda se contraíam com as ondas provocadas pelos espasmos que ainda não haviam cessado. Os movimentos lentos e calculados, enquanto percebia o prazer voltar a crescer dentro dela. Controlou-se até que Robin estivesse pronta para se juntar a ele. O olhar fixo nela, enquanto juntos alcançavam o pináculo do êxtase.

— Durma agora — sugeriu Cesare, ofegante, quando se sentiu capaz de falar. — Durma, Robin. Conversaremos amanhã de manhã — assegurou ele, ao mesmo tempo que a envolvia nos braços e se deitava ao lado dela. A cabeça de Robin recostada ao ombro largo.

Quando ela acordou, descobriu um vazio a seu lado na cama e o sol se infiltrando pelas janelas.

Espreguiçou-se devagar. O corpo um tanto dolorido — uma sensação prazerosa causada pela força das mãos e lábios de Cesare. Pensar sobre a intimidade que haviam partilhado lhe trouxe um rubor à face.

Que de pronto empalideceu, quando lembrou de seus recém-descobertos sentimentos por Cesare. Estava apaixonada pelo homem que a estava forçando a se casar, mas que não necessitava de força quando fazia amor com tanta beleza... O que fazia?

Como poderia se casar com Cesare sabendo que estava apaixonada, mas que os únicos sentimentos que ele lhe devotava eram a atração sexual e a necessidade de se vingar de sua família?

Que escolha tinha?, questionou-se, sem esperanças.

Ele não lhe dera opções.

— Em que está pensando? — indagou Cesare, emergindo do toalete contíguo, completamente despreocupado com o fato de estar desnudo.

Ao contrário dele, Robin tinha plena ciência da nudez masculina, enquanto o fitava sob os cílios longos. Cesare possuía o mais belo corpo masculino que ela jamais conhecera.

Na verdade, não poderia lhe dizer o que estava pensando no momento. Encontrava-se chocada demais com a ousadia dos próprios pensamentos.

Os olhos famintos se voltaram à face máscula, enquanto Cesare se estendia na cama ao lado dela antes de rolar e a tornar cativa sob o edredom.

— Acho quê está na hora de eu ir embora — mentiu ela.

— Não antes do café da manhã, certo? — retrucou Cesare, em tom indulgente.

Robin meneou a cabeça em negativa.

— Não estou com fome.

— Não estou me referindo à comida — explicou Cesare em tom de voz rouco, enquanto lhe apartava os lábios macios com um toque sensual do dedo.

Ela engoliu em seco, desejando umedecer os lábios repentinamente ressequidos, mas, ao mesmo tempo, sabendo que o movimento poria sua língua em contato com o dedo de Cesare em um ato de pura intimidade.

— Não tenho intenção de colocar a lua de mel à frente do casamento! — protestou, forçando o tom de voz a soar determinado e deslizando para a extremidade da cama para se afastar dele.

Um erro de sua parte, concluiu Robin. Estava tão nua quanto Cesare, o que não a deixava em posição de tentar a saída digna que planejava.

Cesare se deitou de costas, com as mãos cruzadas entre a nuca e o travesseiro, enquanto a observava se mover em torno do quarto, recolhendo as roupas espalhadas.

A mulher que seria sua esposa era de fato um enigma: uma pantera em seus braços na noite anterior. E, naquela manhã, parecia estar envergonhada com a intensidade com que fizeram amor.

Teria lhe dito a verdade quando alegara só ter tido um amante, seu primeiro marido, antes dele?

Achava aquilo incrível se fosse verdade. Robin era uma mulher linda e sensual, com uma capacidade de sentir prazer físico que jamais reconhecera em outra mulher.

Sorriu, ante ao pensamento dos anos que juntos teriam pela frente.

— Pode revelar o que quer que esteja achando engraçado? — indagou Robin, de modo abrupto, quando viu, e mal interpretou, aquele sorriso. A face se encontrava rubra quando baixou o olhar para fitá-lo, já vestida com o traje cor creme, embora ainda segurasse a lingerie e as cintas-liga nas mãos.

Cesare meneou a cabeça.

— Foi um sorriso de satisfação, não de humor — redarguiu ele.

Aquilo só serviu para lhe intensificar o rubor.

— Sem dúvida um sorriso de satisfação presunçosa — rebateu Robin.

De pronto o bom humor de Cesare se dissipou.

— Por que persiste em deliberadamente provocar uma briga entre nós toda a vez que nos aproximamos de um entendimento? — questionou Cesare, impaciente, enquanto jogava o edredom para o lado e se levantava.

— Entendimento? — repetiu ela, desejando que ele se vestisse em vez de ficar parado ali, tão magnificamente nu, evocando lembranças que preferia esquecer! — Nunca chegaria a um entendimento com um homem que costuma forçar uma mulher! — rebateu Robin, com os olhos violeta faiscando.

Os lábios de Cesare se contraíram em uma linha fina.

— Não a forcei a nada ontem à noite — objetou ele, em tom áspero. — Que me

lembre, era você que não podia esperar para me despir tão logo adentramos o quarto!

— Estou me referindo ao fato de forçar uma mulher a se casar! — corrigiu ela, frustrada.

— Você... — Cesare se calou ao ouvir a batida à porta.

— Sim? — respondeu, impaciente.

— Há uma ligação para o senhor — Catriona, a babá de Marco, soava hesitante, provavelmente por ter ouvido uma voz feminina no quarto do patrão, concluiu Robin, enrugando a face. — Não o incomodaria, senhor, mas a pessoa recomendou que lhe dissesse que se trata do conde Gambrelli — acrescentou a jovem, na defensiva.

— Conde Gambrelli? — repetiu Robin, tendo tido a clara impressão de que Cesare e a irmã, Carla, eram os últimos exemplares do clã Gambrelli.

Cesare lhe voltou um olhar impaciente, enquanto se vestia.

— Sou apenas metade siciliano pelo lado de mãe. Meu pai era italiano. Era o mais novo e deserdado irmão do conde Gambrelli anterior — explicou? — Foi essa a punição que obtive por ter se casado com uma mulher que a família reprovava — completou, se endireitando, completamente vestido antes de deslizar os dedos pelos cabelos e se voltar para partir.

— Não saia antes de eu voltar — ordenou Cesare antes de abrir a porta.

Robin fitou-o, zombeteira.

— Talvez essa... conexão com a nobreza explique em parte sua arrogância — concluiu, sorrindo.

Cesare lhe voltou um olhar austero antes de partir e fechar a porta atrás de si.

O sorriso de Robin de pronto feneceu. Dirigiu-se ao toalete contíguo para terminar de se vestir, passar rapidamente uma escova pelos cabelos emaranhados antes de ouvir Cesare retornar ao quarto. Ficou satisfeita ao fitar o próprio reflexo no espelho que ocupava uma das paredes do toalete. Finalmente se parecia de novo com a composta Robin Ingram que costumava ser antes que Cesare adentrasse em sua vida. Ele ainda parecia aborrecido quando Robin retornou ao quarto.

— Meu primo...

— O conde? — indagou, irônica.

— Meu primo — repetiu Cesare, estreitando o olhar — Está hospedado no hotel e telefonou para saber se seria conveniente tomar o desjejum comigo.

Uma sugestão que obviamente o irritou.

— E é? — questionou Robin, arqueando as sobrancelhas. A agitação de Cesare pareceu intensificar.

— Não posso pensar em nenhuma razão pela qual não seria! — admitiu, frustrado.

Ela sorriu ante ao óbvio desconforto de Cesare.

— Não se preocupe, partirei antes de seu primo chegar e, dessa forma, salvarei da

ruína sua reputação.

Estava tão disposta a encontrar o conde Gambrelli naquelas circunstâncias quanto Cesare parecia estar.

Embora esperasse rever Marco ao menos por alguns minutos antes de partir. Mas aquilo obviamente não iria acontecer a menos que pedisse para ver o menino. Algo que não se atreveria a fazer.

Os lábios de Cesare se torceram, irônicos.

— Temo que isso não seja possível. Já informei Wolf que minha noiva está aqui.

— Wolf...? — repetiu Robin, incrédula. — Onde, diabos, ele arranhou tal... sua noiva...? — indagou, fitando-o, insegura.

— É o que você é, não? — retrucou Cesare em tom casual, sentindo-se muito pouco à vontade com a visita inesperada de um primo que não via há meses.

A despeito de serem da mesma faixa etária, ambos não próximos. Na verdade, nem sequer se conheciam até aproximadamente dois anos atrás, quando o pai de Wolf morrera deixando o título para o filho, que decidiu esquecer as rusgas familiares do passado.

Além disso, Wolf era um dos mais famosos playboys da Europa.

E Robin era uma das mais belas mulheres...

Ciúme nunca fizera parte de sua natureza. Nunca se importara o suficiente por mulher alguma para se preocupar com a fidelidade dela. Porém, com Robin era diferente. Ela estava prestes a se tornar sua esposa e não era Wolf que a forçava a se casar.

— Uma noiva costuma usar aliança, Cesare — observou Robin. — E, não. Não estou insinuando que me presenteie com uma — acrescentou rapidamente, antes que ele a interpretasse mal. — Nosso... acordo não exige um anel de compromisso.

— Ainda assim, pretendo apresentá-la a Wolf como minha noiva — afirmou ele. — Meu primo está ansioso por conhecê-la.

— Nesse caso, temo que ele se desaponte — rebateu Robin. — Esta não é a ocasião apropriada para conhecer ninguém de sua família.

— Estou certo de que achará Wolf bastante charmoso — afirmou Cesare.

— Oh, isso não seria uma novidade no clã Gambrelli? indagou Robin, maliciosa. — Talvez fosse melhor ficar e conhecê-lo, afinal.

O olhar de Cesare se estreitou.

— Não abuse da minha paciência, Robin, não tente...

— Que paciência? — inquiriu ela, pesarosa. — Por certo nunca a vi! Tampouco tolerância de sua parte — acrescentou. — Mas suponho que, se considerando perfeito não tenha paciência para os erros dos outros!

Cesare não tinha dúvidas de que ela se referia aos erros do irmão, mas aquele era um assunto que não tinha intenção de discutir outra vez.

— Não me considero perfeito — rebateu ele. — Na verdade, estou longe disso.

Felizmente, ou infelizmente, a campainha da suíte presidencial soou, anunciando a chegada de Wolf, antes que Robin tivesse tempo de tecer qualquer comentário.

— Deve ao menos desejar bom-dia a meu primo antes de partir — sugeriu ele, dirigindo-se à porta do quarto. — Venha. Eu a apresentarei a Wolf.

Robin aguardou na sala de estar, enquanto Cesare abria a porta para receber o primo, ouvindo o timbre forte da voz dos dois homens ao se cumprimentarem. Os olhos violeta se dilataram, surpresos, quando avistou o homem belo e alto que seguia Cesare, trajado com uma camisa esporte e calça justa.

Vê-los juntos era como olhar para um negativo em preto e branco contrastando como uma fotografia colorida: Wolf tinha cabelos bastos e cor de mel em comparação com os quase negros do primo, porém, os olhos castanho-escuros eram semelhantes, e havia quase uma similaridade na aparência e compleição física também. O conde Wolf Gambrelli era tão devastadoramente belo quanto Cesare!

— Srta. Ingram, ou posso chamá-la Robin, já que está prestes a se tornar minha prima por afinidade? — cumprimentou o conde, com um sotaque ligeiramente britânico, enquanto se inclinava para lhe beijar os dois lados da face.

Vigiado de perto por um irritado Cesare, constatou ela, enquanto retribuía o cumprimento de Wolf.

— Claro que sim — concordou em tom simpático. — Embora não possa privar-me da companhia de ambos — explicou de modo brusco, mais do que determinada a escapar, após ter conhecido o primo de Cesare. Dois deslumbrantes espécimes masculinos Gambrelli eram demais para uma manhã! — Pois tenho de voltar ao trabalho — escusou-se com um sorriso reservado.

— Que lástima! — murmurou Wolf em tom suave, enquanto a fitava com evidente admiração.

— Não é mesmo? — interveio Cesare ao mesmo tempo em que segurava firme o braço da futura esposa, com a intenção de acompanhá-la até a porta. — Voltarei em um minuto — assegurou ao primo por cima do ombro.

— Demore-se o quanto for necessário — retrucou Wolf em tom lânguido, enquanto se deixava afundar em uma das poltronas. — Se fosse eu o felizardo noivo de Robin não me apressaria em me despedir — acrescentou com evidente charme.

Uau! Robin inspirou profundamente quando se encontrava a sós com Cesare no corredor. A despeito da surpresa inicial que lhe causou o nome exótico, Wolf Gambrelli superava as expectativas!

— Poderia tomar algumas lições de charme com seu primo, Cesare — aconselhou, irônica.

— Wolf tem uma amante em Paris e outra em Milão — informou ele.

Robin o fitou com o cenho franzido. Se fosse incauta, poderia afirmar que Cesare estava com ciúmes da atenção que o belo primo lhe dispensara. Mas não era tão iludida...

Além disso, Cesare não estava ciente — que Deus permitisse que aquilo fosse

verdade — de que estava apaixonada por ele. Profunda e irreversivelmente.

— Sendo assim, talvez tenha lugar para mais uma em Londres — replicou de pronto, vendo o humor ácido ser recompensado com o aumento da pressão dos dedos de Cesare em seu braço. — Está me machucando!

— Farei mais que isso se algum dia se atrever a se aproximar do devasso do meu primo sem meu conhecimento prévio! — advertiu Cesare, entre dentes.

As sobrancelhas de Robin se ergueram.

— Acredite-me, um homem Gambrelli em minha vida já é demais!

Os olhos escuros faiscaram quando Cesare a fitou. Um nervo pulsava na mandíbula contraída.

— Não parecia pensar dessa forma ontem à noite — lembrou ele, em tom suave.

Robin sentiu uma labareda lhe lamber o corpo.

— Que atitude tipicamente masculina, escarnecer de um momento de fraqueza física de uma mulher! — retrucou Robin, tentando se desvencilhar, sem sucesso.

Cesare a puxou contra a parede sólida do corpo masculino.

— Não tive intenção de... — deteve-se, escolhendo as palavras. — Não sou mais capaz do que você de negar o que houve entre nós ontem à noite. — O tom de voz de pronto se suavizou. — O que se repetiria esta manhã se não tivéssemos sido interrompidos — concluiu.

Robin sabia que aquilo era verdade. Se Wolf não tivesse telefonado, a briga de ambos resultaria mais uma vez em um ato de amor, pois quando se encontrava nos braços de Cesare não pensava em negativas.

Robin desviou o olhar.

— Deveria voltar para a companhia de seu primo — afirmou, tensa.

— Trouxe-a de carro até aqui ontem. Como pretende voltar? — indagou Cesare, franzindo o cenho, quando o pensamento lhe ocorreu.

Robin deu de ombros, despreocupada.

— Isto é um hotel. Estou certa de que há vários táxis estacionados lá embaixo.

Cesare meneou a cabeça.

— Quando chegar ao térreo um carro a estará esperando na entrada do hotel para levá-la de volta para casa.

Claro que sim, pensou ela, resignada. Quando fosse esposa de Cesare, sem dúvida teria de se acostumar ao luxuoso estilo de vida que ele levava.

Sendo assim, assentiu.

— Tenho de ir.

— Não até que eu a tenha beijado — sussurrou ele, inclinando a cabeça e mais uma vez lhe tomando os lábios de forma possessiva, bloqueando-lhe qualquer pensamento ou

emoção, além dos que lhe suscitava.

Robin se encontrava totalmente entregue quando ele interrompeu o beijo e baixou o olhar para fitá-la.

Eu lhe telefonarei mais tarde e daremos um jeito de passarmos a noite juntos — garantiu ele.

A respiração de Robin se encontrava ofegante.

— Um "por favor" seria de bom tom — murmurou, pesarosa.

Um sorriso relaxado bailou momentaneamente no rosto másculo ao constatar pela resposta desinibida de Robin o quanto ela o desejava.

— Garanto que não se arrependerá — prometeu ele em tom suave e foi premiado com o rubor característico que se espalhava na face delicada de traços perfeitos. Descobrira ao observá-la dormir aquela manhã, que Robin era uma daquelas mulheres que, sem maquiagem, aparentavam tão belas quanto maquiadas. A compleição alva e os lábios carnudos, rosa. — Na verdade — continuou ele —, estou louco para que a noite chegue — dizendo isso, beijou-a uma vez mais, demorando-se a saborear o gosto que tinha aquela mulher, antes de soltá-la. — Até à noite... — O tom de voz prometia mais... muito mais.

Cesare permaneceu parado à porta, observando-a até que entrasse no elevador, apertasse o botão referente ao lobby e as portas se fechassem, usurpando-a de sua visão. Só então girou para entrar na sala de estar, onde o primo o esperava para juntos tomarem o café da manhã.

CAPÍTULO DEZ

— Não consigo entender por que esta conversa não poderia esperar até a noite — disse Robin a Cesare sentada à mesa de seu escritório algumas horas mais tarde, onde ele se encontrava, mais alto e poderoso que nunca no andar executivo da Ingram Publishing.

Pensara que ao menos em seu escritório estaria a salva da invasão daquele homem, mas, tendo recebido um telefonema de Cesare há pouco tempo dizendo-lhe que estaria ali em breve, percebeu que até mesmo aquele lugar ficaria impregnado com as lembranças dele.

Cesare trajava um terno marrom, uma camisa cor creme e uma gravata também marrom e parecia sombrio e distante. Completamente diferente do amante desnudo que deixara pela manhã.

Graças a Deus! Seu escritório era o último lugar no qual pretendia sucumbir ao desejo que sentia toda vez que fixava o olhar naquele homem!

De alguma forma, nas últimas 24 horas, esquecera a razão pela qual estava se casando com Cesare. Que estava sendo forçada a fazê-lo.

A atração física que sentia por ele bloqueava-lhe todo o bom senso a ponto de se permitir se apaixonar!

Porem, era um amor não correspondido. Cesare nunca a amaria. Seria uma tola se permitisse que aquele sentimento lhe tomasse conta da mente como fizera com o coração.

Embora, com Cesare naquele estado de humor arrogante e distante, seria difícil permitir que aquilo acontecesse no momento.

— Não poderia esperar por que não estarei lá esta noite — informou ele, enquanto caminhava de um lado para outro do escritório, com a indocilidade de um tigre feroz.

Robin observou-o, cautelosa.

— E onde estará?

— O lugar não importa — disparou em tom brusco.

— Só quero que entenda que tenho de partir a negócios. Imediatamente — acrescentou, afastando qualquer argumentação.

Robin meneou de leve a cabeça.

— Não poderia ter me dito quando ligou há pouco e se poupar do incômodo de vir até aqui?

Cesare lhe voltou o olhar, frustrado, não gostando da imagem que ela compunha sentada atrás da mesa do escritório, vestida com um terninho preto sobre uma blusa cor creme. Os cabelos outra vez confinados em um perfeito coque, não a fazia se parecer em nada com a mulher fogosa e desejável que dividira sua cama na noite anterior.

— Pensei que seria melhor vir aqui explicar minha viagem pessoalmente — redarguiu Cesare. — Evitando assim qualquer... mal-entendido entre nós.

Robin se empertigou por trás da mesa. Um rubor sugestivo lhe corava a face.

— Mas como de costume não está explicando, apenas comunicando. — E deixou escapar um suspiro exasperado. — Essa partida abrupta tem algo a ver com a visita de seu primo esta manhã?

Os olhos de Cesare se estreitaram ao fitá-la.

— Por que pensa assim? — indagou na defensiva.

— Pelo amor de Deus, Cesare — retrucou ela, liberando toda a impaciência ante a suspeita explícita no tom de voz masculino. — Há apenas duas horas saí de seu hotel e de repente você decide partir em viagem de negócios. É lógico pensar que o conde Wolf... o conde Gambrelli — corrigiu mediante a carranca de Cesare — de alguma forma seja responsável por sua decisão repentina de deixar Londres.

Era lógico que sim, mas Cesare não pretendia discutir o motivo daquela repentina notícia.

E se não conseguisse seu intento, teria muitas explicações a dar a Robin quando retornasse...

— Talvez — concordou Cesare. — Mas não pretendo demorar. No máximo 24 horas.

Vinte e quatro longas horas, até onde Cesare sabia.

Contudo, o fato de Robin haver comentado que ele poderia ter lhe comunicado que iria partir por telefone indicava que ela não tinha a mesma relutância em se separar dele.

E por que deveria? Havia encontrado a química sexual perfeita na noite anterior, a qual Cesare nunca experimentara com outra mulher. Porém, para Robin, aquilo não anulou o fato de ele a estar forçando a se casar.

— Compreendo — disse ela por fim. — Gostaria que fosse até sua suíte hoje à noite e verificasse se Catriona e Marco estão bem? — ofereceu em tom casual. Não se atreveria a deixá-lo saber quão ansiosa estava em ver o bebê. Segurá-lo nos braços, ouvindo o adorável balbuciar, enquanto lhe acariciava o pescoço.

Ainda assim, os olhos de Cesare se dilataram, surpresos ao ouvir a sugestão.

— Não quero incomodá-la com isso.

— Oh, não é incômodo algum — assegurou-lhe Robin.

— Acho que esqueci meus brincos em seu toalete e, dessa forma, poderei buscá-los.

— Se quer assim...

— Por que não? — retrucou ela, evitando-lhe o olhar, enquanto colocava em ordem alguns papéis em sua mesa.

— Fica em meu caminho para casa. Cesare anuiu.

— Telefonarei para Catriona, prevenindo-a para esperá-la.

— Se acha necessário — redarguiu Robin. — Não suspeita que eu fosse capaz de seqüestrar Marco, não? — continuou, ciente de que Cesare ainda acreditava que não era fã de crianças.

— Devo ir agora — anunciou ele, forçando-se a partir, embora continuasse a fitá-la com os olhos escuros enigmáticos.

— Sim — concordou Robin, parecendo enfeitiçada pelo olhar penetrante.

— Meu jato particular já está abastecido e pronto para partir—informou Cesare, procurando o que dizer para protelar a saída.

Jato particular? Sim, era óbvio que um homem como Cesare optaria por aquele tipo de transporte. Da mesma forma como mantinha uma suíte privativa em todos os seus hotéis ao redor do mundo. E, sem dúvida, um carro o aguardava em cada capital internacional. Provavelmente deveria possuir uma casa na Sicília. Uma imensa e luxuosa vila para onde retornava sempre que podia.

— Manterei contato enquanto estiver fora — prometeu ele.

— Seria bom — retrucou Robin, com um sorriso inseguro imaginando por que Cesare simplesmente não partia e acabava de vez com aquela despedida.

Afinal, quanto mais cedo partisse, mais cedo estaria de volta. Quando sentisse a dor

da separação, já estaria se preparando para o retorno dele.

Cesare sabia que precisava partir mas, ainda assim, uma parte dele hesitava em deixar Robin, no momento em que estavam próximos de um entendimento.

Não!

Ao menos uma vez tinha de ser honesto consigo mesmo. Após ter feito amor com Robin, tê-la em seus braços durante toda noite, era ele a não querer se separar dela.

— Venha comigo — convidou em um impulso e, no mesmo instante, repreendeu-se em seu íntimo. Sabia que levá-la consigo seria uma grande distração e tinha de resolver sozinho o problema que o levava à França.

— Acho que não seria uma boa idéia, não é? — recusou Robin de pronto. — Não — repetiu ao perceber a expressão de dúvida no rosto másculo. — Tenho muito trabalho a fazer.

— Em meu país, é costume dar um beijo de despedida na noiva antes de se viajar — informou, pretendendo não soar tão áspero, mas não obtendo êxito.

Robin exibiu um sorriso zombeteiro.

Acho que já conversamos sobre noivado hoje.

Estou certo de que ainda o discutiremos algumas vezes antes de nos casarmos — rebateu Cesare, contornando a mesa, erguendo-a por um braço e a puxando para si. —

— Talvez sinta um pouco de saudades durante minha ausência... — murmurou ele.

Um pouco? Já estava sentindo e Cesare ainda nem havia partido!

— Talvez — concedeu, percebendo a pulsação acelerar com a proximidade do corpo másculo e sentindo a familiar languidez, quando suas coxas encostaram-se às dele.

Cesare exibiu um sorriso vitorioso mediante a falta de convicção no tom de voz feminino.

— Talvez deva lhe dar algo para se lembrar enquanto eu estiver fora... — sugeriu Cesare, ao mesmo tempo em que inclinava a cabeça e lhe tomava os lábios em um beijo possessivo.

Robin o correspondeu, impulsionada pelo redemoinho de emoções que lhe agitavam o íntimo, detestando a idéia da viagem de Cesare e ciente do vazio que sentiria no mesmo instante em que ele transpusesse a porta do escritório.

— Robin, eu... Talvez deversem se casar o mais rápido possível! — sugeriu Charles Ingram quando ambos se afastaram com expressão culpada, girando para encará-lo assim que ele emergiu da porta que conectava seu escritório ao da filha. — Ou então tranquem a porta — acrescentou com uma passividade hesitante ante ao inevitável. — Corrijam-me se estiver errado, mas não se separaram há apenas algumas horas?

Robin sentiu a face queimar de vergonha por ter sido surpreendida numa situação como aquela pela segunda vez. Ainda que aquilo parecesse tê-lo convencido da intensidade daquele relacionamento.

— Desculpe-me, Charles. — Foi Cesare a se desculpar, ao mesmo tempo em que

mantinha o braço na cintura de Robin enquanto a puxava para postá-la a seu lado. — Fui chamado a uma repentina viagem de negócios e desejava ver sua filha antes de partir.

— Claro — o pai concordou, compreensivo. — Voltarei mais tarde.

— Não é necessário — assegurou Cesare, enquanto soltava Robin. — Tenho de partir imediatamente. Eu lhe telefonarei mais tarde — disse, dirigindo-se a ela.

— Não se esqueça de que chegarei em casa tarde, já que passarei no hotel para verificar como estão Catriona e Marco — lembrou ela, determinada a fazer aquilo. Na verdade, estava ansiosa por ir até lá!

Cesare lhe voltou um breve e inquisitivo olhar, antes de cumprimentar a ela e ao pai com um gesto de cabeça e partir, deixando um silêncio tenso atrás de si.

— Catriona e Marco? — indagou o pai.

— O sobrinho de Cesare e a babá vivem com ele — explicou Robin, enquanto se dirigia à sua mesa, ainda se sentindo um tanto embaraçada por ter sido surpreendida pelo pai em um momento de intimidade.

— O sobrinho de Marco? Seria ele o herdeiro que mencionou ontem? — quis saber Charles.

Robin fitou-o, cautelosa.

— Pensei ter mencionado que Marco era o sobrinho de Cesare — mentiu ela.

— Não — retrucou o pai, categórico. — E esse sobrinho vive com ele?

— Sim.

— Qual a idade dele?

— Quase seis meses — retrucou Robin, sem saber onde o pai queria chegar com aquela conversa, mas ciente de que ele tinha uma intenção...

— E Marco é o filho de Carla, a irmã de Cesare? — ar, riscou Charles.

— Sim, é. Pai, qual é o problema? — inquiriu Robin torcendo os dedos sob a mesa e cravando as unhas nas palmas das mãos. O pai estava longe de ser um estúpido e se somasse dois mais dois... — Cesare ficou com a guarda da criança quando Carla... morreu. E agora ele o adotou como filho — explicou.

— Foi por esse motivo que concordou em se casar com ele? — insistiu Charles.

Robin se sentiu empalidecer e agradeceu o fato de estar sentada. Do contrário, teria caído.

— O que quer dizer com isso? — questionou com um fio de voz.

O pai cruzou o escritório, e a fitou com olhar perscrutador.

— Ninguém entende melhor que eu como se sentiu quando descobriu que provavelmente não pode ser mãe, mas não deve se casar com um homem só porque ele já tem um filho para que possa amá-lo como se fosse seu! — Charles parecia perplexo. — Querida...

— Papai, como pode sugerir uma coisa dessas após surpreender Cesare e eu do

modo como o fez duas vezes nos últimos dois dias? — indagou, aliviada.

Por um pavoroso momento pensou que seu pai descobrira que Cesare a estava chantageando para se casar, fazendo-a sentir-se culpada pela orfandade do filho de Carla.

O que seria desastroso, já que fizera tudo para esconder a verdade dele.

— Bem, isso é verdade — concordou o pai, zombeteiro, após matutar por alguns instantes. — Mas ambos terem se apaixonado dessa forma... após tudo que aconteceu é um tanto estanho, tem de admitir — acrescentou, hesitante.

Mais do que mera coincidência. Muito mais. Embora fosse importante que o pai pensasse que estava casando com Cesare porque o amava.

— já lhe disse, papai, tem certas coisas que estão predestinadas a acontecer — afirmou ela. — E amaré Marco quando o conhecer. Ele é lindo — sorriu, sonhadora.

— Parece um Gambrelli, não? — indagou o pai com as sobrancelhas arqueadas.

— Sim, de fato — redarguiu Robin, radiante.

— Então é isso mesmo que deseja, querida? — inquiriu o pai.

— Sim, papai — assegurou-lhe Robin. Charles lhe voltou um sorriso indulgente.

— Nesse caso, é bom vê-la feliz, filha.

Estaria feliz?, imaginou ela, após o pai retornar ao próprio escritório.

Estava apaixonada por um homem que não a amava, mas que iria se casar com ela e levá-la para sua cama todas as noites.

Para a cama de ambos, corrigiu ela mentalmente.

Porém, Cesare não controlaria tudo naquele casamento. Não importava o quanto ele pensasse o contrário...

Cesare estacou, imóvel e silencioso à porta do quarto de Marco, paralisado com a cena que se desenrolava diante de seus olhos.

A luz tênue do quarto de criança estava acesa, mas Marco não estava no berço como deveria às 22 horas. Em vez disso, encontrava-se adormecido e aninhado nos braços de Robin, que estava sentada na poltrona, também adormecida.

Marco estava dormindo nos braços de Robin!

Aquilo era inusitado. A última coisa que Cesare esperara encontrar após descobrir ao telefone que Robin ainda estava no hotel. Encontrava-se parado à porta do quarto do bebê há cinco minutos, observando os dois.

Robin não se importava muito com a criança. O primeiro marido pedira divórcio pelo fato de Robin tentar adiar a gravidez que ele tanto desejava. E ainda assim, lá estava ela, aninhando Marco tão ternamente como se a criança fosse feita de porcelana.

Cesare não sabia o que fazer. Não tinha idéia de como aquilo acontecera.

Seus negócios em Nice estavam concluídos. Decidira voar de volta para a Inglaterra

aquela noite, em vez de permanecer na França até o dia seguinte.

Porém, quando telefonou para Robin para lhe comunicar sua mudança de planos, Charles lhe dissera que ela ainda estava no hotel Gambrelli.

Certo de que seria impossível Robin ainda estar lá com Catriona e Marco, Cesare sequer se incomodou em telefonar para conferir. Seus pensamentos haviam sido os mais sombrios durante o voo para Londres, imaginando o que ela ainda fazia no hotel, onde seu primo Wolf estava hospedado e talvez...

Havia uma grande possibilidade, racionalizara Cesare, de os dois terem se encontrado por acaso, enquanto Robin estivesse no hotel e também perfeitamente factível, conhecendo Wolf, que o primo quisesse tirar vantagem do encontro inesperado para convidá-la para jantar!

Exceto pelo fato de Wolf não ter feito aquilo, já que Robin estivera em sua suíte durante todo o tempo... enquanto ele fizera tão sombrias conjecturas.

Não conseguia sequer entender por que Robin permanecera ali nas últimas três horas, ainda mais compreender por que motivo se encontrava no quarto de Marco segurando-o como se não quisesse deixá-lo nunca mais.

Girou para se afastar, pretendendo não acordá-los e precisando de um drinque após o dia cheio que tivera. Necessitando de tempo e espaço para tentar desvendar o mistério de Robin e Marco.

— Cesare?

Ele girou ao som da voz de Robin. A expressão fechada, enquanto erguia as sobrancelhas.

Robin o fitava, sentindo um frio no estômago quando vislumbrou mil questionamentos nos olhos castanho-escuros.

E todos eles deviam ter ligação com o fato de ela se encontrar no quarto da criança, segurando-a enquanto dormia.

Evitando o olhar questionador de Cesare, ergueu-se com cuidado sem acordar a criança.

— Deixe-me colocar Marco de volta ao berço e logo estarei com você — disse em tom suave, enquanto se dirigia ao berço e acomodava a criança, colocando o urso de pelúcia ao lado dele, antes de cobri-lo com o edredom. Ergueu-se, vagarosa. — Suponho...

— Conversaremos na sala de estar — interrompeu-a Cesare em tom calmo, escancarando a porta para que ela saísse.

Robin voltou-lhe um olhar perscrutador ao precedê-lo no caminho para o outro aposento e o desviando rapidamente ao perceber a especulação que se refletia nos olhos penetrantes.

Não estava totalmente certa sobre a explicação que daria para se safar daquela situação!

— Conhaque? — ofereceu Cesare, abruptamente, quando se encontravam a sós na sala de estar, com a porta fechada para que não fossem interrompidos.

— Sim, obrigada — aceitou Robin, deslizando as palmas das mãos pela saia do terninho. Retirara o *spencer* do conjunto algumas horas antes, quando se sentara no chão para brincar com Marco.

Havia sido uma noite bastante divertida até então. Passara o tempo brincando com aquela adorável criança, oferecendo-lhe o jantar e lhe dando um banho antes de colocá-lo para dormir. Porém, não deitara Marco direto no berço. Mais uma vez o segurara nos braços até que ele adormecesse recostado em seu ombro, sentindo-se feliz e relaxada a ponto de adormecer também.

E fora exatamente daquela maneira que Cesare a surpreendera.

— Obrigada — agradeceu mais uma vez, quando Cesare lhe estendeu o copo.

— Su... sua reunião de negócios acabou antes do previsto, então? — inquiriu, tentando distrair a atenção de Cesare de qualquer assunto referente a Marco.

Cesare sorveu um grande gole da bebida antes de responder.

— Como disse. Concluí meus negócios em Nice antes do previsto.

Voara para o sul da França naquele mesmo dia? Para Nice? O que havia lá que requeria sua atenção tão urgente?

— O quê...?

— Por quê?

Ambos disseram ao mesmo tempo.

— Você primeiro — cedeu Robin, antes de tomar um do conhaque. Tinha um pressentimento de que iria precisar daquilo.

Mas em vez de continuar falando, Cesare a fitou por longos minutos, ainda encafifado com o motivo de Robin estar no quarto de Marco.

Acusara-a de resistir a ser mãe. Na verdade, usara aquilo como ameaça, quando lhe disse que ser a mãe de Marco era parte da vingança que pretendia executar. Porém, Robin não o corrigira quando ele havia feito as acusações.

Tampouco o contradissera, quando ele lhe disse que creditava ao egoísmo dela o fracasso que obteve no primeiro casamento.

Mostrara-se sempre reticente em tocar em Marco na noite em que os apresentou, dando-lhe a impressão de que sentia uma certa repugnância em relação a bebês.

Porém, todas aquelas impressões pareciam se dissolver ante a imagem de extrema ternura que Cesare vira estampada na face feminina, quando Robin pousou Marco no berço antes de cobri-lo carinhosamente com o edredom.

Algo destoava naquele cenário.

Não que lhe importasse no momento.

Uma vez que confidenciasse a Robin o que ficara sabendo em Nice aquele dia, duvidava que ela concordasse em lhe dar qualquer explicação!

Na verdade, Cesare temia que ela nunca mais quisesse voltar a vê-lo após aquela

noite...

CAPITULO ONZE

— Então... — Robin acomodou-se em uma das poltronas dirigindo-se a ele. — O que o levou até Nice com tanta urgência?

— Primeiro — começou Cesare em tom suave. — Gostaria de saber o que estava fazendo no quarto de Marco.

Ela desviou o olhar, enquanto imaginava a melhor forma de responder à pergunta. A verdade — que amava aquela criança e não podia esperar para se tornar sua mãe — era algo que não pretendia dividir com Cesare.

— Catriona teve de dar alguns telefonemas — começou, fingindo casualidade. — Portanto, ofereci-me para colocar Marco para dormir. Obviamente, não foi tão fácil quanto eu esperava, mas acho que terei de me acostumar.

Cesare a observava do lado oposto da sala com expressão impenetrável.

— Isso não é verdade, não? — indagou por fim em tom gentil.

— Não sei o que quer dizer com isso. Não está pensando que eu seria capaz de causar algum mal...

— Claro que não. — Cesare deixou escapar um suspiro exasperado, enquanto cruzava o aposento para se postar em frente a ela.

— Sei que foi uma irmã leal. Assim como é uma filha terna e dedicada. Uma amante generosa... demasiado gentil. Jamais causaria algum mal a alguém ou a alguma coisa deliberadamente.

— Bem acho que não — retrucou ela, antes de sorver outro gole do reconfortante conhaque.

Necessitava do calor que lhe proporcionava a bebida abrandar o calafrio que sentia à medida que Cesare continuava a sondar, impiedosamente, os motivos de seu inesperado comportamento em relação à criança.

— Há mais que isso — pressionou ele. — Por favor, diga-me o motivo que a levou a se oferecer para colocar Marco para dormir.

Robin piscou, tentando dissipar as lágrimas que lhe vieram aos olhos. A respiração presa, enquanto lutava para conter a tristeza e não se trair.

— Já lhe disse — protestou ela, enquanto Cesare esticava a mão para lhe tirar o copo de conhaque das mãos, colocando-o em seguida na mesa, antes de puxá-la pelo bra-

ço, fazendo-a se erguer.

— Diga-me por que seu marido se divorciou de você — ordenou ele.

— Você sabe...

— Não acredito naquela explicação. — Cesare suspirou, exasperado, outra vez. — Sei apenas o que ele preferiu dizer. Quero que me conte a verdade, Robin.

Fora Giles a contar a Cesare que se divorciara pelo fato de ela adiar o plano de terem um filho? Como fora capaz? Como podia feri-la daquela forma após tudo que passara, tentando engravidar para lhe dar o filho que tanto desejavam?

Após todos os testes e exames que haviam criado um vazio no casamento de ambos, sem lhes dar qualquer resposta plausível para o fato de ela não poder conceber, mas apenas constatar que não podia? Como Giles pudera mentir sobre aquele assunto?

As lágrimas lhe rolavam, incontrolláveis, pela face.

— Não teria sido mais simples perguntar a mim a verdade? — protestou Robin, emocionada.

Cesare soltou-a para enfiar as mãos nos bolsos da calça.

— Sim, seria — concordou em tom firme. — Mas eu... estou lhe perguntando agora — encorajou-a Cesare. — Por favor?

Robin fitou-o, totalmente incerta do estado de humor daquele homem.

— O que aconteceu em Nice? — indagou, cautelosa. Nice. Onde a irmã de Cesare, Carla, havia jantado com amigos na noite em que falecera.

Ou estaria tirando conclusões precipitadas?, imaginou ela, franzindo o cenho.

Cesare cerrou os punhos, tentando resistir ao impulso de tomá-la nos braços e beijá-la até que aquele pesadelo se apagasse.

Porém, desde que ficara sabendo a verdade, não poderia ignorá-la.

Ainda que aquela mesma verdade a afastasse dele.

Nunca desejara se casar antes de conhecê-la. E aquele casamento deveria servir apenas como um meio de satisfazer sua *vendetta*. Porém, não havia mais motivo para se vingar, o que significava que não poderia forçá-la a se casar com ele.

Robin sairia de sua vida naquela noite sem olhar para trás!

Uma realidade que lhe congelava o coração, que acreditara impenetrável.

Os lábios de Cesare se contraíram em uma linha fina.

— Antes gostaria de conversar com você. Por favor, diga-me a verdade. Seu casamento acabou por que evitou a gravidez?

— Não — redarguiu ela entre lágrimas.

Cesare deixou escapar um suspiro longo e trêmulo.

— Então por que motivo acabou? — insistiu em tom rude.

Robin virou de costas, incapaz de encará-lo.

— Por que não fui capaz de dar a Giles a criança que ele tanto desejava para dar continuidade a linhagem Bennett! Não consegui engravidar. Pronto! — Robin voltou-se outra vez fitando-o com os olhos violeta cheios de raiva. — Está feliz agora? — desafiou-o. — Não posso ter filhos. Nunca os terei, pois a despeito dos anos que tentei engravidar não consegui! — A voz embargou pela emoção na última palavra e as lágrimas recomeçaram a rolar, inexoráveis, pela face pálida. — Não queria lhe contar. Não queria que você soubesse!

Cesare observou-a, enquanto a realidade da revelação o atingia como um soco no peito.

Robin não podia ter filhos...?

Aquele corpo, esguio, elegante e perfeito que fora feito para dar e receber prazer, não podia carregar um filho do homem que ela amava? E Bennett se divorciou por aquele motivo?

Cesare desejava culpar algo ou alguém pela dor e rejeição que Robin devia ter sofrido nas mãos daquele marido egoísta.

A incapacidade de Robin de procriar não a fazia menos mulher, portanto, como pudera Bennett ter feito isso com a esposa?

Mas quem era ele para criticar o outro homem, quando pretendia fazer exatamente a mesma coisa? Não se incomodar com as necessidades e desejos de Robin ao chantageá-la a se casar com ele e lhe dar filhos?

Aquilo não o fazia melhor que Giles Bennett.

Como Robin devia tê-lo odiado!

— Sinto muito, Robin... — começou Cesare.

O brilho de raiva nos olhos violeta se intensificou.

— Não preciso de sua piedade! — gritou ela, cruzando a sala para recolher o *spencer* que deixara dobrado sobre uma cadeira. — Preciso ir agora — acrescentou, tensa. — Podemos continuar essa conversa amanhã...

— Sente-se, Robin — pediu ele. — Sente-se — repetiu em tom suave, quando Robin o fitou com expressão rebelde.

Ela não queria se sentar. A única coisa que desejava era sair dali imediatamente e ir para algum lugar, onde pudesse abrandar a dor que sentia a sós.

— Por favor — insistiu Cesare, de pé no lado oposto da sala parecendo alto e inalcançável. — Quero lhe explicar... tenho de lhe dizer o motivo que me levou a Nice hoje. Devo-lhe a verdade.

Robin expirou profundamente, tentando controlar a respiração, não desejando permanecer ali e escutá-lo falar de Nice, mas sabendo que pelo bem do próprio pai devia ao menos ficar e ouvir o que ele tinha a dizer.

— Responda-me uma pergunta antes, Cesare — começou ela. — Quando terminar de me contar o que ficou sabendo em Nice hoje... — Robin se deteve, engolindo em seco e tentando desesperadamente evitar novas lágrimas. — Ainda insistirá para que me case

com você? — Encarou-o, orgulhosa, preparando-se para o impacto que estava por vir.

Cesare inspirou profundamente. Os olhos escuros falseando quando respondeu.

— Não — disparou ele. — Não terei mais o direito de exigir nada de você — afirmou.

Não estava preparada para o impacto como pensara, concluiu Robin, deixando-se afundar em uma poltrona. A face pálida, enquanto o fitava, incrédula.

Os lábios de Cesare se retorceram pela autocensura.

— Seria um pouco mais lisonjeiro para mim, como amante, se aparentasse estar menos aliviada ante a idéia de não precisar mais se casar comigo! — Aliviada? Robin sentia como se o chão lhe tivesse fugido dos pés. Era como se todo o ar lhe tivesse sido sugado dos pulmões e seu futuro róseo, que incluía Cesare e Marco, arrancado de suas mãos. Sentia os lábios trêmulos. A boca seca a impedia de falar mesmo se quisesse. Não seria a esposa de Cesare.

Tampouco a mãe de Marco. Não passaria o resto da vida com as duas pessoas que mais amava no mundo... com coração constrito, Robin percebeu que um imenso vazio se instalara nele. Como se todo o amor e emoção lhe tivessem sido arrebatados em um único golpe.

— Vejo que a novidade é tão bem-vinda que a deixou sem palavras! — observou Cesare, inclinando-se para pegar o copo de conhaque e sorvendo o conteúdo de um só gole, antes de se dirigir ao bar para se servir de outra dose. Uma dose dupla desta vez, pois sabia que iria precisar da bebida.

Estivera tão enganado a respeito dela. Sabia que Robin não tomara a decisão consciente e calculada de protelar a gravidez. Em vez disso, teve aquela alegria negada e ainda foi rejeitada pelo próprio marido por causa da esterilidade.

O que aquilo teria feito com ela? Como teria se sentido? Não era de se admirar que tivesse se tornado a inacessível Robin Ingram. O que presumira ser desdém dos relacionamentos amorosos era na verdade um escudo com que ela se protegia de outra rejeição.

E então percebeu o quanto presumira no que concernia a Robin.

Além de seduzi-la a se tornar sua amante.

Aquilo era algo com o qual teria de conviver para o resto da vida.

A lembrança de Robin em seus braços o assombraria durante todos os seus dias e noites!

Tentou se controlar, necessitando pôr um fim àquilo e sabendo que Robin desejava se afastar dele o mais rápido possível.

— Lembra-se de que eu e Wolf tomamos o café da manhã juntos hoje?

Hoje?, indagou-se Cesare. Fora apenas há algumas horas que ele e Robin se encontravam deitados na cama após uma noite de amor, prestes a darem vazão à paixão mais uma vez, quando Catriona os interrompeu, anunciando o telefonema que dera início a seu pesadelo?

Parecia ter acontecido há muito tempo...

— Claro — afirmou Robin, parecendo tensa e pálida enquanto permanecia imóvel na poltrona.

Cesare assentiu. O simples fato de fitá-la e perceber o que fizera com ela, causava-lhe uma dor imensa. E ainda não terminara...

— Não via Wolf desde... desde o funeral de Carla — começou ele, suspirando profundamente. — Como lhe disse, encontramos-nos pela última vez há alguns anos e ambos levamos uma vida atribulada... compreende? Como parentes, quase não nos vemos.

— Casamentos e funerais apenas? — comentou Robin.

— Exatamente — concordou Cesare, lembrando que não falara com nenhuma das pessoas que compareceram ao funeral naquele dia sombrio, quando se encontrava demasiado devastado com a morte da irmã para tentar ao menos ser educado. Talvez se tivesse conversado com Wolf naquele dia nada daquilo — a *vendetta* contra a família Ingram, a busca deliberada por Robin para chantageá-la a se casar com ele — teria acontecido. Poderiam até mesmo se encontrar socialmente, talvez naquele jantar de caridade, e virem a se conhecer... Era tarde para arrependimentos. Para qualquer coisa que não lhe contar a verdade e deixá-la sair de sua vida para sempre. Ela queria que Cesare acabasse logo com aquilo — dissesse-lhe o que precisava e a deixasse partir antes que tivesse um colapso. — Portanto, não via Wolf desde o funeral de Carla — continuou ele. — Conversamos sobre minha irmã esta manhã e meu primo me contou... ele me disse que encontrou Carla um dia antes do acidente.

Robin franziu o cenho, pesarosa.

— Disse-me que ela jantou com amigos em Nice naquela noite...

— Mas aí é que está a questão — prosseguiu ele, tenso. — Wolf contou-me que quando viu Carla, ela estava jantando com uma única pessoa. Um homem que conheço como Pierre Dupont — afirmou Cesare em tom áspero. Os olhos escuros faiscando perigosamente.

Robin piscou várias vezes, tentando se lembrar o que ele lhe dissera sobre aquela noite.

— Mas pensei que havia dito que Carla estava jantando com Pierre Dupont e sua esposa Charisse na noite em que ela faleceu...?

— Eles mentiram! — retrucou Cesare, irado. — Os dois mentiram. A esposa para proteger o marido — explicou, enquanto vagueava pela sala. — Durante toda a gravidez de Carla insisti para que me dissesse quem era o pai do bebê, mas ela sempre se recusava. Insistia em proteger o nome do amante e assegurava-me que um dia eu saberia. Acreditava que quando a criança nascesse tudo ficaria bem. Mas não foi assim. Percebo agora que minha irmã sempre acalentou a crença de que quando desse à luz o filho do amante, ele largaria a esposa para ficar a seu lado. — Robin sentiu uma pontada de dor no coração pela jovem apaixonada, que tivera os sonhos despedaçados. Cesare fez uma careta. — Na noite anterior ao acidente, Carla e Dupont jantaram antes de irem ao quarto de hotel, onde ela estava hospedada. — Ele meneou a cabeça. — Não consigo acreditar... — E inspirando fundo para controlar a respiração. — Naquela mesma noite, Dupont disse

a Carla que não tinha intenção de largar a esposa, que não queria voltar a vê-la e muito menos o filho!

— Oh, Deus... — gemeu Robin, prevendo aquele desfecho, mas ainda assim tomada de surpresa pela frieza de Pierre Dupont.

— Carla estava devastada. Ensandecida. — Os olhos castanho-escuros refletiam a ira instigada pela dor e humilhação que a irmã devia ter sofrido. — Mas nada do que dissesse influenciaria a resolução de Dupont em permanecer ao lado da esposa e terminar tudo com Carla para sempre. Agora sei que estava errado, muito errado, quando lhe disse que Carla estava feliz e relaxada, enquanto percorria aquela estrada na manhã do acidente. Na verdade, encontrava-se tão aborrecida quanto seu irmão Simon... talvez até mais. — Sim, Robin podia facilmente imaginar a dolorosa desilusão de Carla. — Talvez tenha sido ela a causadora do acidente — acrescentou Cesare em tom mais calmo.

— Nunca saberemos — redarguiu Robin, meneando a cabeça, pesarosa.

— Não — concordou Cesare. — Mas percebe como isso muda tudo?

Oh, sim, percebia.

— O que fez com Pierre Dupont? — De repente Robin quis saber, em vista do que Cesare fizera com sua família para se vingar da morte prematura da irmã.

— Nada — retrucou ele, arrogante.

— Ainda? — arriscou Robin em tom calmo.

— Ainda — concordou Cesare. — Mas não precisa se preocupar com isso.

— O fato de ter sido o receptáculo de sua raiva faz com que me preocupe! — assegurou ela, acalorada.

Os lábios de Cesare se curvaram em um sorriso sem nenhum traço de humor.

— Um homem como Dupont não merece sua compaixão! Cesare não conseguia entender. Parecia não perceber que não era com Pierre Dupont que se preocupava, mas com ele e como aquela vingança estúpida estava lhe fazendo mal. Não conseguia ver que nada do que fizesse ou dissesse traria Carla de volta?

— E quanto a você, Cesare? — questionou Robin, hesitante. — Merece minha compaixão?

Os olhos escuros faiscaram com uma emoção que foi rapidamente mascarada.

— Não — afirmou Cesare. — De você mereço apenas desprezo pelo que lhe fiz. Não é suficiente que lhe peça perdão pelo erro que cometi com você e sua família.

— Ainda assim poderia pedir — retrucou ela em tom suave.

Cesare fechou os olhos por um breve instante. Um nervo pulsando na palidez da mandíbula contraída, quando finalmente lhe voltou o olhar.

— Gostaria de ter seu perdão — admitiu ele em tom áspero. — Mas não há nada que possa fazer ou dizer que apague o erro que cometi com sua família. A dor que lhe causei...

— Está perdoado — interrompeu-o Robin. — Completamente.

Como diabos não poderia desculpá-lo quando o amava perdidamente?

Como poderia se levantar e partir quando o amava tanto? E Marco...

Cesare meneou a cabeça.

— Não pode ser assim tão fácil...

— Mas é, Cesare — afirmou ela, pegando mais uma vez o *spencer* ao se preparar para partir, já que não havia motivo para prolongar aquela agonia. Estava tudo acabado.

— Por que não tenta praticar o perdão? Asseguro-lhe que seria melhor para você e para todo mundo se o fizesse.

— Dupont abandonou Carla quando ela mais precisava dele — insistiu Cesare. — Pior. Com a ajuda da esposa, rejeitou Carla e o filho que ela lhe dera e ainda mentiu sobre o assunto!

Robin o fitou, compreensiva.

— Concorde, mas a vingança é um sentimento autodestrutivo — aconselhou Robin, melancólica, enquanto se erguia. — E o aniquilará mais do que a qualquer um.

— É assim que me vê? — indagou, voltando um olhar penetrante. — Como nada além de um homem vingativo?

— Claro que não — garantiu ela, disposta a não revelar a opinião que tinha sobre ele. Era tarde demais para aquilo.

— Não consegue enxergar, Cesare? Será você a ter o prazer de criar Marco — lembrou ela. — Vê-lo crescer e se transformar no bom rapaz, que estou certa que ele será — deteve-se, com a voz embargada pela emoção e engoliu em seco antes de continuar. — Pierre Dupont nunca o conhecerá. Talvez nunca veja o filho que rejeitou antes de nascer. E não é a felicidade de Marco que realmente importa? Cesare fitou-a, perplexo.

— Você gosta dele...?

— Sim — confessou Robin com sinceridade.

Porque nunca poderia ter um filho, concluiu Cesare, pesaroso pelas coisas que dissera e fizera com ela. Pelos erros que cometera em relação a Robin.

Ela não era a mulher fria e calculista de que a acusara. Devia ter percebido mais do que qualquer outra pessoa, após terem feito amor daquela forma. Não, Robin não era fria. A frivolidade que aparentava ao se referir aos homens era uma ato de autodefesa para evitar o sofrimento de outra rejeição.

— Marco poderia ser seu filho também — ofereceu Cesare. — Ainda poderíamos nos casar...

Ela lhe voltou um sorriso melancólico.

— Já lhe disse que não preciso de sua piedade.

Não seria por piedade! Desejava de fato se casar com ela. Queria ser ele a protegê-la de mais sofrimentos. Mas não tinha o direito de pedir-lhe para que se casasse pensando em seu próprio bem-estar. Não depois do que fizera e dissera.

— Eu... poderíamos começar tudo de novo — sugeriu Cesare, em tom rude. —

Poderíamos sair, passar algum tempo juntos. Você poderia desfrutar do convívio de Marco arriscou ao vê-la menear a cabeça.

— Não, Cesare — redarguiu ela em tom firme, mais do que determinada a não aceitar a piedade do homem que amava. O amor, sim, mas nunca a comiseração. E Cesare não a amava — nunca amaria, não obstante o tempo que passassem juntos. — Não daria certo.

— Mas...

— Não, Cesare! — repetiu Robin em tom de voz tenso.

— Eu... é melhor terminamos isto agora. Nunca saberemos o que aconteceu em Mônaco há três meses. Tudo que sabemos é que ambos perdemos entes queridos. Vamos deixar como está, sim?

— Se é o que deseja — concordou ele, relutante. Desejava porque não podia ter o que queria!

— Sim, é — afirmou ela, desesperada para sair dali, temendo desabar na frente de Cesare mais uma vez. — Mas antes de partir preciso saber o que pretende fazer com suas ações da Ingram Publishing.

— Elas são suas — assegurou-lhe Cesare. — Você...

— Não se atreva a dizer que fiz por merecê-las — interrompeu-o Robin, irada. — Não se *atreva!* — preveniu-o mais uma vez, acalorada, sabendo que existia apenas um modo que justificaria ele lhe devolver as ações e aquela noite de amor com Cesare fora muita preciosa para ser tratada daquela forma.

Ele franziu o cenho, sombrio.

— Não era isso que ia dizer.

— Não? — indagou Robin, descrente.

— Não! — redarguiu Cesare. — Cometi muitos erros em relação a você. Sinto-me envergonhado pela forma como a tratei, mas jamais a insultaria. A noite passada foi... — fez uma pausa antes de continuar. — Nunca a esquecerei, Robin. — Ela também jamais o esqueceria. Como poderia se o amava tanto? — Queria dizer que as ações da Ingram Publishing são suas para fazer com elas o que quiser. Eu as transferirei para você com testemunhas amanhã de manhã.

Uma vez feito aquilo, refletiu Cesare, todo e qualquer contato com Robin seria cortado.

Era óbvio que ela não experimentava a mesma relutância em relação à separação de ambos.

E quem poderia culpá-la? Se estivesse no lugar dela — se Robin o tivesse tratado como a tratara —, desejaria evitar qualquer contato com ele.

— Aceita minha palavra de que será isso que farei?

— Claro, Cesare. — E exibindo um breve sorriso. — Se tem algo que tenho certeza é de que você é um homem de palavra!

— Espero que seja muito feliz, Robin — desejou Cesare em tom sincero.

— Desejo o mesmo a você — retrucou ela, antes de girar nos calcanhares e partir.

Aquela foi a coisa mais difícil que Cesare fizera na vida. Permanecer ali, vendo-a partir...

CAPITULO DOZE

— Espero sinceramente que saiba o que está fazendo — disse o homem ao lado de Robin, enquanto sorria e anuí, com um gesto de cabeça, para os demais convidados do baile de caridade.

— Absolutamente... não! — replicou ela, deslizando o braço no dele. O salão se encontrava repleto de beldades faiscantes e estonteantes.

— Foi o que pensei — o conde Wolf Gambrelli murmurou, pesaroso, um dos mais belos, estonteantes e faiscantes, em seu *smoking* preto, camisa branca e gravata borboleta vermelha. — Tem noção de que poderá ser responsável por meu querido primo me chamar para um duelo ao nascer do sol?

— Duvido muito — rebateu Robin, distraída. Fixava a atenção nas amplas portas duplas, onde os convidados eram anunciados à medida que chegavam. Queria ver quando — e se — Cesare chegasse.

Haviam se passado três meses desde que o vira pela última vez. Três longos e solitários meses. Porém, aquela noite, naquele baile de caridade que ajudara a organizar, especialmente por ter lugar no hotel London Gambrelli, esperava finalmente revê-lo. Cesare confirmara a presença após receber o convite que ela lhe enviara. Mas, como bem sabia, ele também havia aceitado o convite para o último de caridade que ajudara a organizar, porém, havia Partido antes de a refeição ser servida.

Era provável que desta vez sequer comparecesse.

— Deveria se importar mais com meu bem-estar — repreendeu-a Wolf, provocador. — Considero o que estamos fazendo uma roleta-russa e todos sabemos o que acontece quando encontramos a bala no tambor!

— É o fim — concordou Robin, despreocupada, conhecendo Wolf Gambrelli o suficiente desde que o convidara há uma semana para ser seu acompanhante aquela noite.

Não quisera envolver o pai nos planos de reencontrar Cesare. Sabia que Charles se preocupava demasiado com seu bem-estar no que concernia a Cesare, além de ainda se encontrar um tanto abalado pelo rompimento repentino do compromisso do noivado.

O que não a surpreendia, já que todas as vezes que os surpreendera, pareciam incapazes de manter as mãos longe um do outro.

Wolf não tinha ilusões sobre o primo e se mostrara bastante inclinado a acompanhá-la aquela noite. Na verdade, era evidente que se divertia com a ideia de provocar Cesare.

— Exatamente — retrucou Wolf, deixando escapar um suspiro exagerado. — Talvez seja conveniente que eu desapareça no final da noite? Espero que saiba que não teria aceitado acompanhá-la neste baile se não estivesse cansado de ver meu pobre primo andar pela Europa, espalhando angústia e infelicidade a todos os infortunados — como eu que concordo em jantar com ele!

— Não tente me enganar. — Robin sorriu, sabendo que o humor leve de Wolf escondia um cérebro tão brilhante e afiado quanto o do primo. — Sei o quanto tem desejado assistir esse encontro entre mim e Cesare — concluiu mordiscando o lábio inferior ao constatar que não se sentia tão segura quanto desejava aparentar.

Não tanto quanto queria estar! Não tinha ideia de qual seria a reação de Cesare quando a encontrasse, com ou sem Wolf a seu lado. Mas precisava vê-lo. Incapaz de marcar um encontro, aquela era a única oportunidade em que pôde pensar para atraí-lo.

— Você...

— Senhor Cesare Gambrelli — o pagem anunciou em tom alto e claro.

— Ele chegou! — os dedos de Robin se apertaram no braço de Wolf.

— Bem, é claro que chegou — retrucou ele em tom suave. — Só falta agora me desafiar para aquele duelo de pistolas que mencionei!

— Poderia ser com espadas — resmungou Robin, procurando na multidão pela tão ansiada visão do homem que amava.

— Que reconfortante! — murmurou Wolf, pesaroso.

Não havia nada de reconfortante naquela situação, concluiu Robin, percebendo a tensão dentro dela crescer a ponto de fazê-la tremer. E se Cesare a visse e sequer se lhe dirigisse a palavra? E se decidisse falar somente com o primo? E se...?

— Robin.

Ela cravou as unhas dolorosamente no braço de Wolf, ao perceber que, enquanto estivera tão ansiosa tentando vislumbrá-lo no salão lotado, Cesare devia tê-lo contornado e, no momento, encontrava-se parado atrás dela.

Ela estava deslumbrante, pensou Cesare, quando Robin girou para encará-lo. Ainda mais bela que a última vez em a vira, há três meses, se aquilo fosse possível, já que ela época a considerava a mais bela criatura sobre a terra. Porém, no momento estava absolutamente radiante, com um brilho interior que lhe fazia os olhos faiscarem. A compleição clara e os reflexos brilhantes dos cabelos que lhe caíam em cascata sobre os ombros desnudos. Trajava um vestido dourado que se moldava às curvas generosas do corpo esguio e parecia feliz, percebeu ele, como nunca a vira antes.

Cesare voltou um sorriso tenso ao primo.

— Wolf — cumprimentou, sucinto.

— Cesare — retribuiu Wolf, gentil. — Não sou afeito a roleta-russa — sussurrou ao ouvido de Robin, antes de lhe segurar o braço que estava unido ao dele e colocá-lo sobre o de Cesare. — Acho que mereço ser padrinho deste casamento depois disso — acrescentou, zombeteiro, antes de partir.

Cesare franziu o cenho, não entendendo o comentário malicioso do primo. Ciente apenas do fato de Robin não ter retirado o braço que Wolf colocara sobre o dele.

Também percebia a fragrância discreta, o calor que dela emanava e não desejava que aquele momento se evaporasse.

— Gostaria de dançar? — convidou Cesare em tom formal.

Um leve sorriso brincou na face feminina de traços perfeitos.

A dança só terá início depois do jantar. Estou ciente disso. Mas há música. — Uma pequena orquestra tocava em um dos cantos do salão. — Temos espaço para dançar. — Cesare indicou a área reservada próximo à orquestra. — E eu gostaria muito de dançar com você.

Todos os considerariam loucos, refletiu Robin. Até mesmo ridículos. Mas quem se importava?

— Sim, por favor — aceitou ela em tom suave, movendo-se, confiante para os braços fortes e não contendo um suspiro quando a mão forte pousou em suas costas puxando-a de encontro à parede sólida do corpo viril. Logo começaram a se mover lentamente no compasso da música.

Poderia ficar nos braços daquele homem durante toda a noite, porém à medida que os acordes progrediam e ambos continuavam dançando, alheios aos olhares curiosos, Robin percebeu que em algum instante teriam de dialogar.

— Se quiser saber por que Wolf está aqui...

— Não quero — interrompeu-a Cesare. — Decidi há três meses, nunca mais tirar conclusões precipitadas a seu respeito.

Robin voltou-lhe um olhar curioso.

— Você decidiu...?

— Sim — afirmou Cesare com um sorriso melancólico. — Veja o que aconteceu na última vez que cometi esse erro.

Ela anuiu com um gesto de cabeça.

— Quase se casou comigo.

Quase. Estiveram tão próximos de se unir. Chegara tão perto de ter aquela maravilhosa criatura como sua esposa. Por razões escusas, claro. Mas aquilo poderia ter mudado com o tempo... Teria mudado! Em vez disso, fez Robin odiá-lo.

— Como está seu pai? — indagou Cesare, polido.

— Oh, muito bem — redarguiu ela, em tom jovial. — E Marco? Como ele está?

— Engatinhando — explicou Cesare. — Correr atrás dele toma todo meu tempo. — E fazendo uma pausa. — Ainda trabalha na Ingram Publishing?

— Por enquanto — replicou Robin, sentindo a repentina necessidade de evitar a escuridão do olhar de Cesare.

— Por enquanto...? — repetiu ele, lembrando o quanto Robin fizera questão de continuar trabalhando com o pai depois que se casassem. O que teria acontecido para que mudasse de idéia?

Ou talvez devesse perguntar quem...?

Robin não estava certa se aquele salão apinhado de gente era o melhor lugar para lhe contar a novidade, mas, por outro lado, não sabia se teria outra oportunidade.

— Pretendo apenas trabalhar por mais quatro meses — explicou ela. — E então tirarei licença-maternidade — dizendo isso, ergueu a cabeça para fitá-lo diretamente nos olhos, o que lhe dava a oportunidade de ver a reação de Cesare ante ao seu pronunciamento. A surpresa inicial, seguida de choque e ainda de outro sentimento que Robin não conseguia discernir na escuridão dos olhos de Cesare.

— Robin...? — conseguiu por fim dizer, ofegante. — Pensei que não era capaz de engravidar...

— Eu também — retrucou ela, com um sorriso radiante.

— Mas é óbvio que estava enganada.

— Está me dizendo...? Você está...? Essa criança é...?

— Sim. Sim, estou. E, sim, é sua. — confirmou Robin o que ele se vira incapaz de perguntar. — Dentro de seis meses lhe darei um filho. — A voz feminina embargou com a emoção, apesar do sorriso de pura felicidade estampado na face.

— Por causa de problemas que tive no passado, foi necessário me submeter a vários exames e testes, mas consegui passar da 12a semana. Cesare, o que está fazendo? — indagou Robin, protestando com um sorriso largo, quando ele lhe segurou o braço com firmeza e abriu caminho entre a multidão que parecia se abrir à medida que passavam, como se ciente do drama que estava sendo encenado.

Porém, o show logo teve fim, quando Cesare a guiou para seu elevador privativo, fazendo as portas se fecharem quando acionou o botão da cobertura.

Só então baixou o olhar para fitá-la, estupefato.

— Não sei o que dizer — murmurou ele por fim.

O sorriso de Robin vacilou. Porém, estava decidida a ter aquele filho, independentemente do que acontecesse.

Era um milagre. Um sonho inalcançável, que ainda hesitava em acreditar, beliscando-se a cada manhã quando acordava para se certificar de que não estava sonhando.

Mas não estava. O médico — o mesmo com quem se consultava na época em que estava casada com Giles — ficara tão surpreso quanto ela, quando Robin apareceu em sua clínica seis semanas atrás e ele lhe confirmou as suspeitas de uma gravidez.

Nenhum dos exames a que se submetera há seis anos confirmaram a causa de sua

possível esterilidade e Robin limitou-se a aceitar o fato de que nunca engravidaria.

Porém, aquela última noite de amor com Cesare desafiara o paradigma que ela criara para si mesma.

Estava de fato grávida. De um filho de Cesare.

E por aquela razão tinha de encontrá-lo aquela noite. Conversar com ele e lhe dizer ao menos que seria pai.

— Não precisa dizer nada, Cesare — afirmou ela, em tom caloroso. — Pensei apenas que tinha o direito de saber, só isso.

— Só isso? Tem idéia... — Cesare se deteve, quando as portas do elevador se abriram para a suíte presidencial.

— Marco está aqui? — indagou Robin, excitada, enquanto percorria o corredor.

— Claro — confirmou ele. — Mas...

— Posso vê-lo? — indagou, ansiosa.

— Claro que sim — redarguiu Cesare, franzindo o cenho — Duvido muito que já esteja dormindo, mas...

— Oh então vamos vê-lo antes que ele adormeça — encorajou-o Robin. Ansiava por ver o bebê outra vez, mas também protelava o momento que Cesare revelaria o que achava daquela gravidez.

Afinal, não se esforçara para encontrá-la desde que se separaram há três meses. E fora apenas a necessidade de lhe dar a notícia de que seria pai que a encorajara a procurá-lo.

Haveria sempre a chance de a gravidez não significar nada para Cesare.

Ele permaneceu parado à porta do quarto de Marco e observou Robin se sentar no chão para brincar com a criança, sem se importar com o traje de desenho exclusivo que usava. Tinha a atenção toda voltada para Marco — em fazê-lo rir e balbuciar palavras ininteligíveis — quando o tomou nos braços e soprou o pescoço delicado, soltando uma gargalhada com o fato de a dentição da criança a fazer babar sobre seu vestido.

Cesare percebeu o motivo do brilho interior de Robin naquele momento. A razão de sua felicidade. Esperava o bebê que pensara impossível conceber.

Seu filho!

Descera às profundezas do inferno em uma viagem sem volta nos últimos três meses, desde que se separara de Robin. Não podia acreditar que ela se encontrava ali naquele momento, ainda mais esperando um filho dele. Uma criança que geraram naquela noite memorável de amor.

— Desfaça essa carranca, Cesare — brincou ela, quando voltou o olhar para fitá-lo, com Marco seguro nos braços. — Não estou esperando nada de você. Pensei apenas que devia saber que vai ser pai.

Não esperava nada!

— Robin — começou Cesare, movendo-se para sentar ao lado dela no chão, antes

de tirar Marco de seus braços e pousá-lo entre ambos no carpete. — Estou... perplexo com a notícia que me deu.

— Claro que está — concordou ela em tom casual. — Também fiquei assim. Mas agora estou... simplesmente feliz — afirmou, rindo, extasiada.

Cesare esticou o braço e lhe tocou um dos lados da face com a mão, fitando com olhar penetrante os olhos violeta com os quais sonhava há meses.

— É tão linda. — A respiração de Cesare estava pesada e o coração batia, frenético, contra as costelas. — Tão absolutamente linda. Eu a amo, Robin — declarou com intensidade. — Amo-a tanto que é impossível expressar em palavras.

Ela se limitou a fitá-lo, lutando por ar. Imóvel e totalmente incapaz de acreditar no que ouvia.

— Você... me ama? — conseguiu por fim perguntar. — Por causa do bebê?

— Não só pelo bebê — assegurou Cesare em tom firme. — Amava-a três meses atrás, quando não havia bebê. Mas tinha de deixá-la partir. Eu a feri o suficiente. Robin... eu a amo mais do que a própria vida. Mas do que tudo e todos. Estes últimos três meses foram... — Estacou, meneando a cabeça. — Não conseguirei colocar em palavras o quanto senti sua falta, que tortura foi minha vida sem nem ao menos um vislumbre seu...

— Amava-me há três meses? — questionou ela, ofegante fitando-o, incrédula.

— Imagino o quanto deve ser difícil para você acreditar, depois de tudo que fiz, mas sim, eu a amava naquela ocasião. E por esse amor tive de deixá-la partir. — Cesare gemeu ante a lembrança. — Feri-a o suficiente em nome da vingança e merecia perdê-la. Mas não poderia me dar outra chance, Robin? — pressionou ele. — Não é capaz de encontrar em seu coração generoso motivos para me dar a oportunidade de lhe mostrar como a amo? O quanto desejo me casar com você e passar o resto dos meus dias a seu lado?

— Mas... não posso... — Robin se encontrava em choque. Não podia crer que ele a amava durante todos aqueles meses.

— Não pode me perdoar pela forma como me comportei — concluiu ele, desviando o olhar. — E por que deveria? — acrescentou, amargo enquanto se erguia. — Não mereço uma segunda chance. Tampouco a mereço! Eu a deixarei. Pode ficar com Marco o quanto desejar — afirmou com voz rouca, enquanto se voltava para partir.

Robin fez uma pausa apenas para colocar a criança no berço, recobrando-se do choque causado pela revelação repentina de Cesare e ansiando por lhe dizer que sentia o mesmo por ele.

Quanto tempo haviam desperdiçado!

— O que... o que está fazendo, Robin? — ofegou Cesare, quando ela adentrou a sala de estar e se atirou em seus braços.

— Eu o amo, Cesare — gritou, extasiada, enquanto lhe enchia a face de beijos. — Eu o amo, eu o amo, eu o amo!

— Você... Santo Deus! — exclamou Cesare, deslizando o braço em torno da cintura delgada e a puxando contra o peito largo, antes de enterrar a face na maciez dos cabelos

longos. — Você me ama? É verdade, Robin?

— Sempre o amei — admitiu ela, mordiscando-lhe o lóbulo da orelha.

— Sempre? Amava-me há três meses também! — concluiu ele. — Mas se é assim, por que não me deu outra chance? Porque...

— Por que não sabia que você me amava. Parecia sentir apenas piedade de mim...

— A única criatura da qual sentia pena era de mim mesmo, por ter sido tão estúpido, arrogante, e incapaz de perdoar...

— Hei! Veja como fala do homem que amo! — interrompeu-o Robin, zombeteira.

Cesare mal podia acreditar no que estava acontecendo após tantos meses de sofrimento.

— Pensei no que disse e segui seu conselho em relação a Pierre Dupont — comentou Cesare. — Você estava certa. Será um grande castigo ele não ter a felicidade de conviver com Marco.

— Fico feliz com isso. — Robin esticou a mão e lhe tocou a face com ternura. — E por você.

— Não quero que duvide do meu amor nunca mais — disse Cesare, inclinando a face para lhe beijar os olhos, o nariz e a maciez carnuda dos lábios. — Quero ficar com você para sempre!

— E eu com você — afirmou Robin, radiante. — Para todo sempre, Cesare!

— Aceita se casar comigo? — indagou ele. — Por favor, diga que sim!

— Claro que sim — ofegou Robin, plena de felicidade. — Mil vezes sim!

Cesare baixou a cabeça, lançando-lhe um olhar perscrutador.

— É seguro que façamos amor? Se não for, eu me contentarei em levá-la para cama, abraçá-la e nunca mais a deixar partir — admitiu ele.

— É seguro — garantiu ela, sorrindo. O amor fazendo os olhos violeta faiscarem, quando Cesare a ergueu nos braços e a carregou para o quarto, pousando-a na cama e se deitando a seu lado. De imediato, Robin deslizou as mãos pelos ombros largos e o puxou para si. — Eu o amo, Cesare Gambrelli. — Sempre o amarei — prometeu.

— Assim como sempre a amarei — afirmou ele em tom solene antes de inclinar a cabeça e lhe tomar os lábios em um beijo arrebatador que a levou às portas do paraíso.

EPÍLOGO

— Marco está radiante de felicidade porque ganhou uma irmãzinha. — Cesare informou a Robin, beijando-lhe, em seguida, as juntas dos dedos que mantinha seguros nos seus. Os mesmos dedos que segurara durante todo o trabalho de parto da terceira filha de ambos, que ocorrera minutos atrás.

— Três filhas em quatro anos! — exclamou Robin, rindo, radiante de felicidade. Sentia-se um tanto cansada pelo esforço do parto, mas ansiosa para que limpassem e examinassem a filha recém-nascida e assim pudesse segurá-la nos braços outra vez, já que a tivera apenas por alguns minutos no colo quando acabara de nascer.

— E você como lidará com o fato de um dia nossas filhas estarem crescidas e escolhendo os próprios maridos? — provocou ela, ciente do profundo amor que Cesare dedicava a todos os filhos: Marco, Carla, Simone e, a partir daquele momento, a adorável Anna.

— Wolf sugeriu-me que comprasse um revólver para manter os pretendentes afastados — retrucou, divertido. — Pessoalmente, prefiro instalar uma cerca eletrificada, em torno da casa!

Robin riu.

— Estou certo de que você e Marco, sem mencionar o avô, é claro, conseguirão detê-los sem nenhuma arma ou cerca eletrificada.

Cesare lhe voltou um olhar intenso.

— Eu a amo muito, Robin. Os anos que passei a seu lado foram os melhores de minha vida. Você é minha vida!

— E você a minha — afirmou ela, retribuindo o mesmo amor que se refletia nos olhos castanho-escuros.

Haviam sido quatro anos de intensa felicidade e companheirismo. O amor que os unia se aprofundando cada vez mais até que não suportassem estar separados nem por um curto período de tempo.

Um amor que duraria para sempre.